



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE MEDICINA

Presos ao Estigma:

Estigma, Autoestigma e Perspetivas de Inclusão Social dos Reclusos do
Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional)

Eliana Filipa Frazão Salgueiro

Coimbra

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE MEDICINA

Presos ao Estigma:

Estigma, Autoestigma e Perspetivas de Inclusão Social dos Reclusos do
Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional)

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra
para a obtenção do grau de Mestre em Psiquiatria Social e Cultural.

Orientador: Professor Doutor Manuel João Rodrigues Quartilho.

Coorientador: Professor Doutor António José Feliciano Barbosa.

Eliana Filipa Frazão Salgueiro

Coimbra

2016

Presos aos Estigma – estigma, autoestigma e perspetivas de inclusão social dos
reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria.

Eliana Filipa Frazão Salgueiro (email: eliana_fraza92@hotmail.com) 2016

Presos ao Estigma: estigma, autoestigma e perspectivas de inclusão social dos reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional).

Resumo

O objetivo do presente estudo visa a análise dos discursos dos reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria quanto às suas representações sobre as temáticas do estigma, autoestigma, discriminação, identidade e perspectivas de reinserção social.

Foram selecionados dez reclusos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 24 e os 57 anos e que frequentam a escola no estabelecimento prisional. Procedeu-se à aplicação de uma entrevista semi-diretiva a cada um dos indivíduos e, posteriormente, à análise do conteúdo das mesmas.

Os resultados obtidos evidenciam que os processos de estigmatização e rotulagem influenciam negativamente as perspectivas de vida futura dos reclusos que, embora pareçam não se autoestigmatizar, exibem preconceitos face à minoria que os representa.

Palavras-chave: Estigma, Desvio, Prisão, Identidade, Reinserção Social.

Attached to the stigma: stigma, self-stigma and inmates prospects for social inclusion in the Prison Establishment of Leiria (Regional)

Abstract

The aim of this study concerns the analysis of speeches of Prison Establishment of Leiria's inmates as to their representations on the issues of stigma, self-stigma, discrimination, identity and prospects for social reintegration.

Ten male inmates were selected aged between 24 and 57 years, attending school in prison. We proceed to the application of a semi directive interview to each individual, and posteriorly to a content analysis.

The results indicate that the processes of stigmatization and labelling negatively influence the future life prospects of inmates, which although they seem not self-stigmatizing, they exhibit prejudices against the minority which represent them.

Key-Words: Stigma, Deviance, Prison, Identity, Social Reintegration.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), nomeadamente ao Diretor-Geral, Dr. Rui Sá Gomes, pela autorização concedida para a realização deste estudo.

Em segundo lugar, ao Sr. Diretor. João Tavares e à Sra. Adjunta, Natividade Monteiro pela disponibilidade e acompanhamento durante o processo de visita ao EPLeiria.

Ao Prof. Dr. Manuel Quartilho e ao Prof. Dr. António Barbosa por me receberem como sua orientanda. A eles um agradecimento especial, pela disponibilidade prestada e por acreditarem e investirem no meu projeto.

À Marisa Santos, um eterno obrigada, por toda a amizade, compreensão, paciência e apoio não só durante toda a investigação, como também ao longo da vida.

Aos dez reclusos entrevistados no EPLeiria, agradeço a simpatia com que me receberam, bem como a devoção com que se empenharam neste projeto que não é apenas meu, mas também deles. Não me esquecerei que sem vocês este sonho não se teria concretizado.

À minha mãe, por sempre me incentivar a seguir os meus sonhos e a nunca desistir de estudar.

Por, fim, a um Alguém no qual me revejo e que está presente em tudo aquilo que sou e que faço na vida.

Índice

Introdução	8
I. Enquadramento Conceptual	10
1. A Interação e os mecanismos de simplificação da realidade social: a Categorização e a Representação	10
2. A Estereotipia e o Preconceito	14
3. Estigma, Autoestigma e Autoestima	19
4. O Desvio, a Desviância e o Crime - três conceitos distintos	25
5. A Prisão – os fenómenos de Reclusão e Reincidência e as perspetivas de Reinserção	29
6. A Identidade Social – construção, manutenção e manipulação	37
II. Objetivos	41
III. Metodologia	43
1. Procedimentos de Investigação	43
2. Método e Técnicas de Investigação	44
3. Pergunta de partida e Hipóteses Teóricas	44
4. Caracterização da Amostra	45
5. Instrumentos de Recolha de Dados	45
IV. Apresentação dos Resultados	46
V. Discussão dos Resultados	58
Conclusão	68
Bibliografia	71
Anexos	78
Anexo I – Tabela: Reclusos condenados existentes em 31 de Dezembro de 2014, segundo o sexo, os escalões de idade e a nacionalidade, por crimes	79

Anexo II – Ofício de autorização para a realização da investigação no Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional)	80
Anexo III – Formulário de consentimento informado aos reclusos	81
Anexo IV – Guião da entrevista aos reclusos	82
Anexo V – Entrevistas realizadas aos reclusos	84
Anexo VI – Tabela da análise de categorias	133

Introdução

A reclusão é conceptualizada como uma condição «composta por um trajeto gradual em que o indivíduo detido tem de se adaptar, interiorizar normas, regras e valores, diferentes dos que existem em liberdade (...)» (Foucault, 1975/1993). Neste sentido, o aprisionamento tem vindo a ser associado a uma conotação negativa que advém do valor moral que lhe está associado. A privação de liberdade e o consequente isolamento que lhe está subjacente repercute-se em fenómenos de inconformidade e inadaptação, contribuindo para a reprodução de estereótipos e para o desenvolvimento dos processos de estigmatização e exclusão (Gomes, Duarte & Almeida, 2003).

A presente dissertação resulta de um interesse particular sobre as temáticas do estigma e da identidade em contexto prisional, não apenas por serem escassos os estudos de investigação na área do estigma (normalmente associado a temáticas como a doença mental, o vírus HIV, a toxicod dependência, a prostituição, o racismo e outros), mas também pela indiferença manifestada pela sociedade em geral ao percurso de vida dos reclusos. Após saírem dos estabelecimentos prisionais, o que mudou? Como se veem? Como são vistos? O que fazem? Como vivem? (Silva, 2012). Este estudo exploratório procura dar conta e significado a uma multiplicidade de aspetos que se prendem com a experiência da reclusão, com a vivência da exclusão e com as perspetivas de reinserção social. Igualmente constituirá interesse a análise da resposta de uma pessoa estigmatizada à sua situação, isto é, perceber como é que os reclusos se encaram a si mesmos no mundo e como realizam a inclusão social *à posteriori* saída das instituições prisionais.

Propomo-nos, portanto, na análise das entrevistas realizadas a dez reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional) reconhecer, através da linguagem, as suas representações acerca de si mesmos e do Outro, a forma como constroem as

identidades sociais, a intensidade com que se envolvem nos processos de estigmatização e discriminação, e de que modo estas premissas influenciam as suas trajetórias de reabilitação e reinserção futuras na sociedade.

A primeira parte deste estudo corresponde ao enquadramento conceptual dos constructos abordados e de uma segunda parte onde está patente a análise qualitativa. Esta segunda parte engloba, assim, os objetivos da dissertação, a metodologia utilizada, a apresentação dos resultados, bem como a sua discussão e conclusão.

I. Enquadramento Conceptual

1. A Interação e os mecanismos de simplificação da realidade social: a Categorização e a Representação.

A interação pode ser definida como um confronto e «influência recíproca sobre a ação, entre dois ou mais intervenientes em presença física imediata» (Goffman, 1993, p. 26). A interação face-a-face, ou copresente, é normalmente associada à noção de *teatralidade* de Goffman, que parte do pressuposto que a interação é não mais do que um desempenho – «toda a atividade de um determinado participante num dado momento, que tem como efeito influenciar, seja de que maneira for, algum dos outros participantes» (Goffman, 1993, p. 27), isto é, a representação de um papel socialmente expectável de acordo com o contexto em que decorre a interação.

Para Goffman (1993), quando um indivíduo surge na presença de outros, estes “outros” procuram obter informações sobre ele ou recorrer a noções que já possuem a seu respeito. Ou seja, quando inseridos num contexto de interação, procuramos obter aspetos sobre o outro que nos ajudem a definir a situação, e vice-versa, para diminuirmos o imprevisto que medeia toda e qualquer relação social.

Na perspetiva de Lallement (2008) é importante referir que, no ponto de vista do indivíduo em contexto de interação, independentemente do seu objetivo, o seu interesse é o de controlar o comportamento dos outros e a forma como o tratam. Assim, cada um dos participantes de qualquer interação deseja orientar e controlar as respostas ou reações dos demais presentes, sendo que este controlo só será conseguido mediante a influência exercida sobre a definição da situação formulada pelos outros. O indivíduo pode influenciar essa definição e exprimir-se de modo a proporcionar aos restantes o tipo de impressão que os levará a agirem voluntariamente de acordo com o plano visado por si mesmo. Quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação

em que aparece perante os outros, estes “outros”, por mais passivo que pareça o seu papel, projetam efetivamente, também eles, uma definição da situação, através da forma como respondem ao indivíduo e das linhas de ação que adotam em relação à pessoa. Normalmente, as definições da situação projetadas pelos diversos participantes sintonizam-se o suficiente para que não ocorram contradições, existindo um acordo efetivo sobre a conveniência de evitar qualquer conflito aberto (Lallement, 2008).

Para Blumer (1969, *cit in* Plummer, 2002) os indivíduos partilham o mesmo mundo natural da vida, sendo este o ambiente de socialização em que somos educados. Existe um conjunto de significados, regras e valores de comportamento no qual somos socializados: somos ensinados a seguir e a respeitar os modelos dominantes e prosseguimos o nosso dia-a-dia sem questionar o que nos é imposto. Este sentido prático usado no nosso quotidiano oferece-nos uma maior segurança ontológica. Para uma melhor compreensão da sua perspetiva, Blumer (1969) postula três premissas: «os seres humanos agem em relação às coisas com base no significado que estas têm para eles»; «o significado de tais coisas deriva ou emerge da interação social entre o indivíduo e os seus pares» e, por fim, «estes significados são manipulados e transformados por intermédio de um processo interpretativo utilizado para lidar com as coisas com que se depara» (Blumer, 1969, *cit in* Plummer, 2002 p. 233). Estes significados são construídos fruto de uma interação e dependem, portanto, da forma como os indivíduos são capazes de definir a situação, uma vez que todas as relações que estabelecemos com o outro são sempre relações de poder. Por sua vez, os objetos existem em função da simbologia que lhes atribuímos, do significado que lhes damos. O universo comum de significados resulta do fato de partilharmos todo esse mesmo universo simbólico e cultural. Este cria códigos e generalizações que nos levam a uma ordem simbólica sendo, por esta razão, a sociedade constituída por indivíduos

comprometidos com a ação.

Mead (1967) procura estudar a comunicação simbólica, alegando que a personalidade emerge da comunicação, sendo que não nos podemos (auto)conhecer sem primeiro conhecermos os comportamentos sociais. Depreende-se que dependemos dos outros para tomarmos consciência de nós próprios, uma vez que, em interação, temos noção das expectativas que os outros têm de nós e da pressão que nos exercem. Segundo o autor, o *self* tem duas dimensões: o *I* e o *Me*. O *I* é a autoconcepção que temos de nós mesmos e o *Me* aplica-se àquilo que eu penso que os outros pensam de mim. Os dois não existem em separado. O *self* tem, num dado momento, que se distanciar de si mesmo para pensar sobre si. O que eu penso de mim e o que eu penso que os outros pensam de mim gera um momento de reflexão crítica.

A sociedade é um fenómeno de comunicações, pelo que o significado circula. A interação permite-nos, portanto, fundar uma ordem simbólica, ou seja, um conjunto de expectativas, previsões e regras que interiorizamos através da comunicação. Deste modo, carecemos de partilhar um domínio de experiências (as bases comuns de entendimento são necessárias na interação). Para Mead (1967), é através do processo de socialização, nomeadamente através da linguagem, que se dá a internalização do *outro generalizado* pelo *Me*. Este é o mecanismo de controlo social, uma vez que «a comunidade ganha controlo sobre a conduta dos seus membros individuais» (Cronk, 1973, p. 8). Ou seja, a internalização do *outro generalizado* é a forma pela qual os indivíduos aprendem as ações mais corretas para determinadas situações de dado grupo social, algo que não é intrínseco, mas sim construído socialmente.

De um modo geral, quando nos é apresentado um estranho, tendemos a fixar-nos primeiramente na sua identidade social (nos seus atributos). A partir de pré-noções, de pré-conceitos, inserimos indivíduos em categorias definidas consoante as nossas

expectativas (Goffman, 1993). A categorização pode ser concebida como «o processo de ordenação do ambiente em termos de categorias através do agrupamento de pessoas, objetos e eventos como sendo similares ou equivalentes a outras ações, intenções ou atitudes de um indivíduo» (Tajfel & Forgas, 2000, p. 49). Ela é impregnada por valores, pela cultura e representações sociais (Moscovici, 1981).

A categorização social está no cerne da vida quotidiana e do conhecimento do senso comum; surge como um reflexo da disposição e padronização coerentes dos objetos no mundo e tem a funcionalidade de organização significativa do real (Tajfel & Forgas, 2000). A formação, manutenção e preservação de categorias sociais deve-se, em muito, ao sistema de valores, pelo que quando estes entram em conflito tendem a provocar uma alteração no sistema de categorias (Tajfel & Forgas, 2000).

Importa referir que a categorização é considerada objeto de análise enquanto elemento da representação social. Proposto na década de 60 por Moscovici, as representações sociais foram definidas como «um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual» (Moscovici, 1981, p. 181).

As representações sociais não são meras reproduções mentais da realidade exterior ao sujeito, mas sim modalidades de conhecimento socialmente desenvolvido e partilhado entre diferentes grupos que, através das suas relações, as produzem e reproduzem. Por este motivo são sociais, uma vez que «emergem de um dado contexto social e são elaboradas a partir de quadros de apreensão que fornecem os valores, as ideologias e os sistemas de categorização social» (Vala, 1986, p. 20). Ao serem constituídas, as representações levam os indivíduos a conceber «uma realidade enviesada que valide e confirme as previsões e explicações implicitamente contidas nessas representações» (Batista, 2004, p. 105).

A par das representações, também os estereótipos partilham a função de orientar o comportamento e são coletivamente reproduzidos. No entanto, torna-se pertinente distinguir os dois conceitos, pois os estereótipos podem ser vistos como formas de representação social, mas nem todas as representações sociais dão origem a estereótipos (Batista, 2004). Os estereótipos referem-se «a percepções socialmente partilhadas de indivíduos pertencentes a diferentes grupos, as quais adquirem um carácter de rigidez e um alto grau de generalização» (Yim & Bond, 2002, *cit in* Batista, 2004, p. 106), além disso, caracterizam-se por «uma forte componente afetiva e avaliativa e estão muitas vezes na base da discriminação social» (Batista, 2004, p. 106). Por outro lado, as representações sociais, ao não incluírem categorizações de grupos sociais, podem não remeter para qualquer tipo de estereotipia social, não implicando por isso, fenómenos de discriminação (Batista, 2004).

2. A Estereotipia e o Preconceito

O conceito de estereótipo, na terminologia das ciências sociais surge com Lippmann (1965/1922) *cit in* Pickering (2004) de duas formas interrelacionadas: por um lado, define-o como um modo de processar informação (os estereótipos fornecem-nos formas de tipificar e representar uma variedade de grupos sociais e categorias); por outro lado, o autor entendeu que os estereótipos são uma forma adequada de compreender os outros porque naturalizam as representações ao usarem determinadas visões com o intuito de manter os limites e obstruir as transformações incessantes do mundo (Lippmann, 1965/1922 *cit in* Pickering, 2004).

Pickering (2004) sugere que a visão de Lippman (1965/1922) é dicotómica e traz consigo a confusão entre os conceitos de estereótipo e de categorização. De uma parte, recorremos a mecanismos complexos e redutores ao assimilarmos as nossas

experiências multiformes e, de outra, somos mal servidos nas formas de representação pública que acompanham esses mecanismos, nomeadamente nas formas como são condensados, ampliados e reforçados. Nesta perspetiva, a confusão surge das abordagens cognitivas que têm dificuldade em distinguir o significado e a função destes conceitos: diferenciar o que «cada conceito significa e como cada um opera como processo nas práticas da representação» (Pickering, 2004, p. 28). A categorização é uma forma muito mais ampla de organizar a informação e as experiências pois, quando reconhecemos alguém como individual, reconhecemo-lo como um indivíduo em particular, para além da sua pertença a qualquer grupo social ou categoria, sendo que o mesmo acontece quando os valorizamos como sendo representativos de um grupo ou categoria específica. Contrariamente, quando usamos um estereótipo, associamos um indivíduo a uma abreviatura atrofiada de um grupo ou categoria, que normalmente diminui ou nega a sua individualidade, estando por esta razão alienado à discriminação (Pickering, 2004).

Segundo a visão de Stallybrass (1977), os estereótipos são uma forma de categorização social e podem ser definidos como uma imagem mental simplista de algumas categorias de pessoas, instituições ou acontecimentos que é partilhada por um grande número de pessoas. Os estereótipos são geralmente, mas não necessariamente, acompanhados pelo preconceito (Tajfel & Forgas, 2000).

Estereotipar modela os indivíduos de forma fixa, «isolando uma característica particular de um conjunto geral de características associadas a um grupo social ou categoria, concebendo todos os membros desse grupo ou categoria com base nessa característica» (Pickering, 2004, p. 21). Os estereótipos limitam, assim, o reconhecimento da diversidade humana, inibindo o intercâmbio do diálogo intercultural. Este reconhecimento limitado do outro, ao impregnar padrões preferenciais leva a

relações sociais assimétricas, à exclusão social e à discriminação, estritamente ligadas às dinâmicas de poder. Os estereótipos «tornam os seus objetos hipervisíveis, transmitindo-lhes uma centralidade simbólica que se apresenta em proporção inversa à marginalidade social daquilo que eles representam» (Pickering, 2004, p. 26). Desta forma, os estereótipos fixam essas características simbólicas de forma a criarem uma evidência inquestionável.

A dimensão psicológica do estereótipo deve ser encarada como um processo social e historicamente contextualizado, e ser visto não apenas como uma forma de ordenar o mundo mas também como um modo de exercício de poder sobre os outros (Pickering, 2004).

A abordagem psicológica *behaviorista*, dominante nas décadas de 30 a 60 do século XX, encarou os estereótipos de forma anormal, decorrente de uma educação pobre, de crenças equivocadas, “patologizando” o conceito e demarcando o indivíduo racional (que usa categorias de forma flexível), do indivíduo irracional (que usa estereótipos de forma rígida). Com o desenvolvimento da cognição social e da teoria da identidade social, o estereótipo começou a ser visto como parte da cognição normal e como forma natural de processar e recordar informação (Pickering, 2004).

Greenland (2000) também contribuiu para os estudos anglos-germânicos sobre os estereótipos ao colocar as categorias sociais e os estereótipos como uma «extensão dos processos cognitivos que usamos para categorizar o mundo natural, onde inevitavelmente utilizamos a nossa percepção para denegrir os outros grupos sociais» (Greenland, 2000, p. 134).

Segundo a dimensão sociológica, a sociedade tende a desconsiderar toda a complexidade e individualidade do ser humano, reduzindo-o a pré-conceitos que elabora mediante as suas expectativas. A par disso, a distorção e/ou a escassez de

informação em redor deste tema leva à manutenção e acréscimo de crenças irrealistas e atitudes discriminatórias. A estigmatização surge, assim, como forma de categorização social discriminante onde apenas sobressaem os aspetos negativos dos indivíduos, que os desacreditam. (Stohlrirck, 2013).

A influência dos estereótipos na resposta ao outro é demarcada pelas particularidades da situação na qual a interação ocorre e pelas características da pessoa que faz os julgamentos. O seu uso pode simplificar o processo de percepção na medida em que vai selecionar a informação que parece pertinente ao indivíduo. Contudo, na maioria das vezes, as imagens estereotipadas reforçam e têm origem nos comportamentos hostis entre grupos, produzindo juízos e avaliações que favorecem o grupo de pertença em detrimento de outro grupo (Tajfel & Forgas, 2000).

Fein e Spencer (2000) discutem o papel dos processos de manutenção da autoimagem no contexto das abordagens motivacionais, socioculturais e cognitivas para os estereótipos e preconceitos. Estas abordagens têm vindo a preocupar-se com o modo como os autoconceitos dos indivíduos são definidos pelas pessoas ao seu redor. Segundo estes autores, as manifestações de preconceito surgem, em parte, a partir da motivação para manter um sentimento de autoestima e autointegridade. Ou seja, a ameaça à sua autoimagem pode levar os indivíduos a participar nas avaliações preconceituosas dos outros. Estas avaliações negativas podem, por sua vez, fazer com que os indivíduos se sintam melhor sobre si mesmos. O preconceito pode, portanto, ser uma autoafirmação. Ao usar estereótipos disponíveis para justificar e agir sobre os preconceitos, os indivíduos podem ser capazes de recuperar um sentimento de domínio e autoestima e salvar-se de ter que enfrentar as verdadeiras fontes de ameaça à sua autoimagem (Fein & Spencer, 2000).

Segundo Marques e Figueira (1995, pp. 16-17), o estudo do preconceito deve

incluir uma abordagem complementar da teoria da personalidade, da teoria do conflito e da teoria da cultura normativa, pois «o preconceito exerce funções de satisfação de necessidades individuais, servindo necessidades sociais e aceitando a cultura como portadora de preconceito». Se a personalidade é um processo dinâmico, é convicto que ninguém nasce com preconceitos e que os mesmos também não se herdam. Porém, também não se devem negar as diferenças individuais associadas à personalidade, visto que esta deve ser encarada enquanto «potência biológica que se desenvolve em situações particulares num dado contexto físico, social e cultural» (Marques & Figueira, 1995, p. 18). Desta forma, se a socialização é um processo inacabado, também o processo de formação da personalidade se desenrola de forma contínua (Marques & Figueira, 1995).

Do ponto de vista funcional, tal como os estereótipos, também o preconceito pode ser visto como uma forma de dar sentido a situações confusas e de as simplificar. Ou seja, «as situações sociais estabelecem-se mediante relações contratuais que medem custos e recompensas, onde os indivíduos são atores, o que significa que não é apenas o indivíduo que se exprime, mas também o seu papel de aceitar ou inventar crenças e atitudes que legitimem a sua posição» (Marques & Figueira, 1995, p. 26-27) (e.g. explicações de cariz religioso, cultural, nacional, classista, racial).

A teoria do conflito defende que na formação da personalidade «assimilamos pontos de vista que nos fazem pertencer a um grupo pelo que procuramos a todo o momento dar coerência à interpretação das situações que se vão desenrolando» (Marques & Figueira, 1995, p. 21). Isto é, os indivíduos definem-se em sociedade, mediante o ambiente em que se inserem, os papéis que desempenham e as relações em que participam. Por esta razão, os comportamentos preconceituosos não devem ser explicados apenas com base na personalidade do indivíduo.

Segundo Marques e Figueira (1995) não existe nenhuma teoria que explique satisfatoriamente o porquê de alguns grupos em particular serem alvos de preconceito e a razão pela qual os indivíduos exibem preconceitos contra objetos que não lhes representam qualquer ameaça.

Os efeitos que advêm do preconceito não devem ser ignorados: o seu efeito mais visível é a marginalização, sendo que «os sentimentos de pertencer-se a um grupo alvo de preconceito refletir-se-ão no desenvolvimento da personalidade individual, bem como nas reações dos respetivos grupos marginalizados» (Marques & Figueira, 1995, p.33). Levado ao extremo, o preconceito pode resultar na discriminação, na segregação, na exclusão e conduzir ao estigma social (Marques & Figueira, 1995).

3. Estigma, Autoestigma e Autoestima

Do grego *stigma*, *stigmatós*, o termo *Estigma* é descrito conotativamente como uma «marca de ferro em brasa, aplicada antigamente a escravos e criminosos» ou, no sentido figurativo como um «sinal vergonhoso; mancha na reputação». Por sua vez, o verbo transitivo *estigmatizar* refere-se ao ato de «verberar, censurar ou condenar» (Dicionário de Língua Portuguesa, 2006-2013).

No início da década de 60 do século XX, devido ao contexto político, social e económico ocidental retomaram-se os estudos das dinâmicas de interação grupal e o conceito de estigma, tal como o conhecemos hoje, foi trazido a debate com a publicação da obra *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1963) de Goffman, onde o respetivo autor desenvolve uma análise detalhada sobre o fenómeno de rotulagem no âmbito da doença mental (Link & Phelan, 2001).

Segundo Goffman (1963/2004), o termo estigma foi introduzido pelos gregos e refere-se a uma evidência física resultante de uma “marca” ou sinal corporal infligido

por um ferro em brasa no corpo de alguém que se pretendia evitar (normalmente um escravo, um criminoso ou traidor). Tinha como principal finalidade evidenciar «algo extraordinário ou mau acerca do *status* moral de quem o representava» (Goffman, 1963/2004, p.5). O estigma pode ainda ser entendido como um atributo depreciativo, sendo que o indivíduo que o comporta se sente «marcado por uma doença, pelos seus comportamentos e/ou pela moral social predominante, que no seu entender, o condena e julga» (Frois, 2009, p.142). O estigma faz-se acompanhar sempre de um estereótipo que se define por uma oposição entre o diferente, (o estigmatizado) e o outro, (o normal) (Frois, 2009).

Atualmente o termo é utilizado de forma semelhante à sua significação original, contudo é considerado mais como uma “desgraça pessoal” sujeita a uma desaprovação social do que propriamente como uma “evidência física” (Goffman, 1963/2004).

Link e Phelan (2001) consideram que o estigma reduz significativamente a credibilidade de um indivíduo, dotando-o de características prejudiciais. Em situações de aprisionamento, a marca de ser-se ou ter-se sido um prisioneiro começa com o momento de entrada na instituição prisional e pode perdurar, por muito tempo, após a sua saída. A estereotipia, a rotulagem, a discriminação, a perda de *status* e o afastamento social experienciado por ex-reclusos são considerados como uma «punição invisível» (Henderson, 2005 *cit in* Ahmed & Ahmad, 2015, p.25).

Ahmed e Ahmad (2015) consideram que o estigma pode ser visto como uma etiqueta que, quando aplicada a um indivíduo ou grupo, resulta na desvalorização do mesmo. Os autores analisam a distinção entre aquilo a que chamamos de estigma social e o conceito de autoestigma: o primeiro termo refere-se à discriminação imposta por grupos mais poderosos, como a comunidade em que o indivíduo se insere, ou o governo (Link & Phelan, 2001), enquanto o segundo ocorre quando uma minoria, neste caso, os

reclusos, internaliza crenças que atentam contra si mesmos (Corrigan & Watson, 2002; Mak & Cheung, 2010). Além disso, o autoestigma envolve a percepção da discriminação por parte dos outros, que pode emergir na forma de três mecanismos diferentes: em forma de estereótipo (crença negativa sobre a capacidade pessoal do indivíduo), de preconceito (exibição de baixa autoestima) e de discriminação (disparidades ao nível da interação) (Corrigan & Watson, 2002).

Uma vez incorporado o rótulo negativo, o indivíduo pode ajustar os seus comportamentos mediante novas situações e avaliações. No caso dos ex-reclusos tal internalização pode significar o seu retorno às atividades desviantes (Winnick & Bodkin, 2008).

Num estudo qualitativo realizado por Ahmed e Ahmad (2015), são correlacionados os conceitos de prisão, discriminação, estigma e personalidade como possíveis fatores propícios à reincidência criminal. Segundo a sua perspetiva, os indivíduos estigmatizados, para além de sentirem vergonha de si mesmos, podem responder de forma agressiva em determinadas situações. Por um lado, os autores defendem que o estigma da prisão e a própria sanção sentida pelos reclusos nas instituições prisionais se transforma em vergonha e embaraço, possibilitando uma dissuasão futura para novas violações da lei (Grasmick *et al.*, 1991; Kobayashi *et al.*, 2001; Kobayashi & Kerbo, 2012, *cit in* Ahmed & Ahmad, 2015), por outro lado, argumentam que o estigma influencia a emergência de sentimentos de raiva e ressentimento que, comparados com a vergonha e remorso, aumentam predominantemente a efetividade e a probabilidade de reincidência. (Ahmed & Ahmad, 2015).

Segundo Rosenberg (1965), a autoestima pode ser considerada como «uma orientação positiva ou negativa dirigida a si mesmo, uma avaliação global do seu

próprio valor, desenvolvida através das experiências de vida de cada indivíduo» (Rosenberg, 1965, p. 2). A autoestima é uma componente do autoconceito, que a autora define como «a totalidade de pensamentos e sentimentos individuais tendo como referência a própria pessoa» (Rosenberg, 1965, p.2).

Gecas e Schwalbe (1986) descrevem ainda a autoestima como sendo «a visão que o indivíduo tem de seu valor, capacidades, significados e sucesso» (Gecas & Schwalbe, 1986, *cit in* Weber, Stasiack & Brandenburg, 2003, p.5).

Weber, Stasiack e Brandenburg (2003) consideram que a par da autoestima, a autoeficácia ou autodomínio e a autoidentidade são também elementos relevantes do autoconceito.

Diversas teorias da Psicologia Social preveem que o preconceito e a discriminação contra grupos pode resultar na baixa autoestima e diminuição do autoconceito dos membros estigmatizados. Por exemplo, na óptica do interacionismo simbólico (Cooley, 1956; Mead, 1967), o autoconceito desenvolve-se em interação e apresenta-se como um reflexo das apreciações do outro acerca de si mesmo. De acordo com esta perspectiva, os grupos estigmatizados têm consciência de que são olhados de forma negativa pelo outro, incorporando assim essas atitudes negativas (Crocker, Voelkl, Testa & Major, 1991/2000).

Em contraste com o interacionismo simbólico, as profecias autorealizáveis (Merton, 1949) defendem que, em diversas situações, sem que se apercebam, os indivíduos podem comportar-se de forma consistente com as expectativas dos outros. Desta forma não é exigido que os indivíduos estigmatizados estejam cientes das atitudes estereotipadas do outro, para que a sua autoestima seja afetada (Crocker, Voelkl, Testa & Major, 1991/2000).

Outras teorias¹ são também compatíveis com a previsão de que o estigma social tem efeitos negativos sobre a autoestima. Por exemplo, segundo Cartwright (1950), os grupos de pertença de um indivíduo surgem como determinantes da sua autoestima: os sentimentos pessoais dependerão da avaliação social do grupo com o qual uma pessoa é identificada. Assim, «o “auto-ódio” e sentimentos de inutilidade tendem a emergir na associação a grupos desfavorecidos ou marginalizados» (Cartwright, 1950, p.440).

Na mesma linha de pensamento, Erik Erikson (1956, p. 155) afirma que «há amplas evidências de sentimentos de inferioridade e de “auto-ódio” em todos os grupos minoritários». Também Allport (1954) observou que «o grupo opressor pode destruir a integridade do *ego* do outro, e inverter o seu orgulho normal, ao providenciar-lhe uma autoimagem insalubre» (Allport, 1954, p. 152).

Na perspetiva de Frois (2009) os indivíduos estigmatizados enfrentam situações que os marcam ou rotulam perante a restante sociedade. Numa interação onde exista estigma, emergem diversos comportamentos baseados em sentimentos de quem estigmatiza (rejeição, desconfiança e desprezo), bem como de quem é estigmatizado, (culpa, vergonha e insegurança) (Frois, 2009). Noutras palavras, «o estigma tem uma relação direta com os comportamentos passados, com a forma como são julgados e rejeitados. O estigmatizado reconhece a sua diferença, face a uma suposta normalidade e é ele mesmo que lhe dá sentido e que a valida» (Frois, 2009, pp. 143-144).

Ao falarmos de estigma, devemos atender à dialéctica entre o “dentro” (o normal) e o “fora” (o estigmatizado), para que reconheçamos as duas faces deste fenómeno. O

¹Para um estudo mais pormenorizado sobre estas teorias, ver: Teoria da Autoeficácia (Gecas&Schwalbe, 1983); Teoria da Equidade (Walster, Walster&Berscheid, 1978), Teoria do Intercâmbio Social (Homans, 1961; Thibaut & Kelley, 1959; Blau, 1964), Teoria da Comparação Social (Festinger, 1954), e Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986).

estigma é definido «em torno dos comportamentos dos indivíduos e das suas consequências (sentimentos) quer para o estigmatizado, quer para quem o rodeia. São sentimentos veiculados por algo que transcende o indivíduo, mas em que ele próprio se revê» (Frois, 2009, pp.144-145). Falamos da moral, que os julga, condena ou valoriza. Assim, quanto mais um indivíduo se insere numa categorial marginal, e reconheça estar nas margens (fora), mais sentido irá atribuir ao centro (dentro) (Frois, 2009).

Os sentimentos de culpa e vergonha ligados à condição de ser-se recluso variam consoante o percurso de vida e a história pessoal de cada um, experiências sentidas de forma singular e única. Estas emoções associam-se ao estigma na medida em que surge uma incapacidade de cumprir responsabilidades. Estas responsabilidades, de acordo com Frois (2009) referem-se à sua trajetória pessoal e às consequências que esta provocou na vida daqueles que consigo interagiram e nos grupos de pares dos quais fazia parte (e.g. família, colegas de trabalho).

O estigma comporta consigo o grande desafio da reintegração, o qual se apresenta particularmente difícil aos ex-reclusos, nomeadamente no que respeita a igualdade de oportunidades ao nível da habitação, saúde e suporte social (Oliveira, Carolino & Paiva, 2012) e das garantias de um emprego estável e independência económica, quando comparados com indivíduos que não vivenciaram o encarceramento (Uggen & Wakefield, 2005).

Mas não apenas ao estigma os reclusos estão sujeitos, aliado a este fenómeno está também a exclusão social com a qual se debatem à *posteriori* saída das prisões e que os impossibilita ou lhes dificulta o caminho para a criação de laços familiares, sociais e económicos, fundamentais à sua autonomia e reinserção social (Rodrigues, 2012). A prisão deixou de ser o palco das lutas simbólicas e o estigma deixou de se restringir aos muros da prisão, para sair à rua (Cunha, 2003).

4. O desvio, a desviância e o crime, três conceitos distintos

Neste momento, afigura-se essencial estabelecer uma relação entre o estigma e o desvio. Becker (2008) considera que o desvio é uma construção social, ou seja, «que grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio» (Becker, 2008, pp. 21-22) e ao aplica-las a pessoas particulares e rotulá-las como *outsiders*. Deste ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que o indivíduo comete, mas uma consequência da aplicação, por outros, de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (Becker, 2008). Para o autor, o cerne do desvio está na reação social, sendo que esta reação varia no tempo e no espaço (um comportamento pode ser desviante numa dada época mas não o ser noutra e quando cometido por um indivíduo e não por outro). Isto faz com que se levante a questão sobre de quem serão estas regras, pois as regras sociais são uma produção de grupos sociais específicos que as tentam aplicar ao resto da sociedade. Contudo, esta tentativa de aplicação é claramente uma questão de poder, quer político quer económico, pois a capacidade de fazer regras e aplicá-las a outras pessoas são essencialmente diferenciadoras de poder (seja legal ou extralegal): aqueles grupos «cuja posição social lhes dá armas e poder são mais capazes de impor suas regras» (Becker, 2008, pp. 29-30). Neste sentido, também o estigma é utilizado por um grupo que detém o poder de rotular, sendo normalmente exercido por alguém que se considera “superior” ou “melhor” que o indivíduo que está a sofrer a discriminação (Becker, 2008).

Quando alguém é considerado desviante, demonstra um comportamento que quebra as regras. Este é o modelo tipo-ideal do desvio. Na perspetiva de Becker (2008), existem ainda, os *falsos acusados* (que não quebram as regras mas são olhados como se as quebrassem), os *conformistas* (aqueles que as cumprem, e que procuram adaptar os

seus comportamentos, agindo de acordo com as expectativas dos outros) e, por fim, os *puros desviantes* (associados a uma subcultura e à rejeição desta aos valores dominantes).

A desviância refere-se ao que é considerado «bom e mau, moral e imoral, permitido e proibido, aceite e não aceite» (Konvalina-Sismas, 2012, p. 21). Contudo, existem algumas formas de desviância socialmente aceites (e.g. artes, ciência) que simbolizam o progresso e a evolução (Konvalina-Sismas, 2012).

Na perspetiva de Konvalina-Sismas (2012), a desviância pode, de igual modo, ser entendida como uma violação das normas, mas também como um comportamento invulgar. A dificuldade em delimitar este conceito deve-se em parte, à cultura, que faz da desviância um tema aberto e dinâmico, mutável no tempo e no espaço. Assim, os mecanismos de delimitação da desviância podem variar de cultura para cultura, contudo todas elas partilham os mesmos parâmetros. Falamos dos papéis sociais, dos costumes, das normas e das leis. Os papéis sociais dizem respeito ao «conjunto de normas, direitos e deveres que condicionam o comportamento dos indivíduos junto a um grupo ou dentro de uma instituição» (Konvalina-Sismas, 2012, p. 43). Eles podem ser atribuídos ou conquistados e surgem em interação social. Por sua vez, os costumes são «regras sociais que emergem como resultado de uma prática reiterada de forma prolongada de acordo com a cultura de cada sociedade» (Konvalina-Sismas, 2012, p. 43). As normas remetem para o que é ou não permitido, num sentido moral. Por esta razão, quando infringidas as expectativas do outro, podem surgir sentimentos de vergonha e culpa. Por fim, as leis equiparam-se a «um conjunto de normas jurídicas formuladas através de processos próprios do ato normativo e estabelecidas pelas autoridades competentes para o efeito» (Konvalina-Sismas, 2012, p. 45). As leis derivam muitas vezes das normas sociais.

A criminologia tem como um dos seus objetos de estudo, os comportamentos

desviantes, porque o crime apresenta-se como comportamento desviante de cariz extremo, senão mesmo, patológico. No entanto, não podemos afirmar que toda a desviância é crime, uma vez que esta pode assumir distintas formas de gravidade e expressão. Porém, o crime é sempre considerado um comportamento desviante (Konvalina-Sismas, 2012). Por sua vez, o comportamento desviante é todo aquele comportamento que infringe as normas da sociedade, quer morais, quer jurídicas (Konvalina-Sismas, 2012).

Segundo Abrunhosa (2008) é possível conceptualizar diversos indicadores preditivos do comportamento desviante e criminalidade, com base numa perspetiva biopsicossocial do estudo do crime: o comportamento agressivo e antissocial na infância, a ausência de supervisão constante sobre as crianças, algumas características fisiológicas da criança modeladas pelo ambiente em que esta se desenvolve, as atitudes, crenças e valores que a criança detém sobre o tema da violência e o ambiente desfavorável em que a mesma pode crescer (e.g. pobreza, frustração, violência).

Os indivíduos com comportamentos desviantes de carácter moral ou criminal são responsáveis pelos seus atos; pelo contrário, os desviantes por doença não o são (Frois, 2009). Embora tanto o crime como a doença constituam violações de normas, «o desvio, quando percepcionado como voluntário tende a ser definido como crime e, quando visto como involuntário, tende a ser definido como doença» (Conrad & Schneider, 1992, *cit in* Frois, 2009, p. 138).

Tal como nem toda a desviância é crime, também nem todo o comportamento desviante o é. Um comportamento desviante pode violar normas sociais e morais, mas se não violar normas legais, não é crime (Konvalina-Sismas, 2012). Um comportamento é desviante porque «se afasta dos comportamentos normativos de uma sociedade» (Konvalina-Sismas, 2012, p. 50).

Nos finais do século XIX registou-se um aumento de interesse no âmbito da investigação do crime, visto que a criminalidade passou a ser encarada como um «grave problema social» (Silva, 2003, *cit in* Varão, 2013). Por sua vez, no século XX e XXI, aumentaram as pesquisas sobre as mentalidades e os comportamentos dos indivíduos, pelo que o crime foi definido como «uma conduta inadequada, típica, ilícita e culposa que infringe a lei estabelecida numa sociedade, praticada por ação ou omissão, dolosa ou negligentemente» (Varão, 2013, p. 33). De acordo com Dias e Andrade (1992), num sentido criminológico e jurídico-legal, o crime pode ser definido como «todo o comportamento – mas só aquele – que a lei criminal tipifica como tal» (Dias & Andrade, 1992, p. 65), ou seja, todo o comportamento ilícito que se furte à decisão condenatória do tribunal. Segundo os autores, as representações mais correntes sobre o crime associam-se a efeitos socialmente negativos e perturbadores que influenciam as taxas de medo e insegurança, inviabilizando a interação e a convivência bem como põem em causa valores fundamentais acerca de determinada orientação económico-social (Dias & Andrade, 1992).

O crime e a criminalidade (fenómenos jurídicos) afiguram-se incertos na realidade social, uma vez que dependem e são influenciados pelo contexto socioeconómico e político (Silva, 2003, *cit in* Varão, 2013).

A tipologia do crime evolui de acordo com as transformações da sociedade (e.g. modelos do crime, perfil do criminoso, entre outros). «O aumento da criminalidade ligada ao furto qualificado, ao tráfico e ao consumo de droga, o aumento de crimes mais violentos e, conseqüentemente, o agravamento do tempo efetivo das penas de prisão, levou a um acentuado crescimento da população criminal com uma maior variedade de modelos de crimes da população criminal» (Santos, 2003, *cit in* Varão, 2013, p. 33). Podemos apontar um aumento da diversidade em relação à natureza do crime, pelo que

se torna pertinente citar alguns tipos de crime que provocaram certas crenças, comportamentos e atitudes negativas na sociedade. Assim, de acordo com Rainho (2008), os crimes que suscitaram maior indignação, reprovação e rejeição da sociedade são o homicídio, o abuso sexual de menores como forma de maltrato infantil e o crime de violência sexual contra as mulheres.

Os crimes acima descritos, indicados no código penal como “crimes contra pessoas”, são aqueles que provocam uma maior instabilidade e repulsa social, e são também aqueles que continuam a ocupar uma posição de destaque, na mais recente síntese estatística elaborada pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2014), onde podemos observar o número de reclusos condenados existentes em 31 de Dezembro, segundo o sexo, idade, nacionalidade e tipo de crime (Anexo I).

5. A Prisão – os fenómenos de Reclusão e Reincidência e as perspectivas de Reinserção.

Desde a Antiguidade, Idade Média e Moderna que a punição tem vindo a sofrer grandes alterações, sendo que é nesta última que surge a encarceração como meio de punição (Rodrigues, 2011, *cit in* Varão, 2013).

Gonçalves (1993) resume historicamente os objetivos da prisão: até 1800 esta dedicava-se essencialmente aos castigos corporais, à degradação pública, ao degredo e à pena de morte; em 1870 a prisão introduz o princípio de reabilitação e a condição de libertação antecipada; de 1900 a 1930, as instituições prisionais começam a apostar no trabalho como meio de modificar os hábitos dos reclusos e de os reeducar; por fim, desde os anos de 1960-1970 até aos dias de hoje, a prisão introduziu e procurou desenvolver métodos com base nas ciências do comportamento para apoiarem o tratamento e reinserção de reclusos (e.g. introdução de psicólogos, psiquiatras,

antropólogos e outros, nos meios prisionais).

Goffman (1961/1974) veio a definir o termo de instituição total como «um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos, com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada» (Goffman, 1961/1974, p. 11). Segundo o autor, todas as instituições têm uma tendência de fechamento que se caracteriza por uma barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que, por diversas vezes, estão incluídas no esquema físico (e.g. portas fechadas, paredes altas, arame farpado, florestas, entre outros) (Goffman, 1961/1974).

As prisões, em conjunto com os campos de prisioneiros de guerra e os campos de concentração, são um dos tipos de instituições totais estudadas por Goffman (1961/1974), que serviriam para proteger a comunidade contra perigos intencionais (Goffman, 1961/1974). O autor apela a uma distinção básica comum em todas as instituições totais que nos remete para a questão do poder e do *status social*. Nestas instituições existe uma separação entre um grande *grupo controlado* ou grupo de internados (vivem na instituição e têm contacto restrito com o mundo exterior) e uma pequena *equipa de supervisores* (embora trabalhem nela, estão integrados no mundo externo. Cada um destes grupos, tende a conceber o outro através de determinados estereótipos (e.g. a equipa dirigente vê os internados como pouco merecedores de confiança, e estes últimos veem os primeiros como mesquinhos). Os dirigentes têm uma tendência para se sentirem superiores e corretos e os internados para se sentirem inferiores, censuráveis e culpados. À parte da restrição para conversas e transmissão de informações, é de acrescentar ainda, que a mobilidade entre os dois estratos é muito limitada, pelo que geralmente se assiste a uma grande distância social entre estes dois grupos, que vai fomentar uma sucessiva agonização dos estereótipos existentes, bem

como desencadear processos de exclusão e discriminação (Goffman, 1961/1974).

Para Foucault (1975/1993), as prisões são estabelecimentos que colocam o recluso como objeto submisso do poder punitivo, tendo por objetivo recuperá-los de forma positiva para a sociedade. A prisão deve ser concebida «de maneira a que ela mesma apague as consequências nefastas que atrai ao reunir num mesmo local condenados muito diversos» (Foucault, 1975/1993, p. 211) e que «não forme, a partir dos malfeitores que reúne, uma população homogénea e solidária» (Foucault, 1975/1993, p. 211). O autor refere ainda alguns princípios e características que as prisões partilham: o distanciamento do condenado em relação ao mundo exterior e a tudo o que o motivou à infração, às cumplicidades que a facilitaram, bem como ao isolamento «dos detentos uns em relação aos outros» (Foucault, 1975/1993, p. 211); o trabalho que se define como «agente de transformação carcerária» (Foucault, 1975/1993, p. 214), ou seja, o trabalho que requalifica e modifica o prisioneiro violento e agitado; e, por último, o fato da prisão exceder a simples privação de liberdade, tendendo a transformar-se num instrumento «modelador da pena» (Foucault, 1975/1993, p. 217), isto é, num aparelho que através da execução da sentença da qual está encarregado, tem o direito e dever de a individualizar (e.g. a duração de uma pena varia, consoante o tipo de crime e as circunstâncias em que foi cometido). Para Fischer (1996) e Sykes (1999) *cit in* Barbosa (2012), o sistema prisional constitui um sistema sociocultural próprio, uma vez que nele estão incluídas regras, normas, valores e punições, com o principal objetivo de reabilitar o indivíduo que nele se encontra inserido.

Segundo Azevedo (2006) *cit in* Barbosa (2012), a prisão procura deter e punir o indivíduo, de forma educativa, de forma a impedi-lo de continuar a executar os seus crimes e, recuperá-lo, fazendo com que se arrependa e se retenha num programa de recuperação, tendo em vista a sua conduta de volta à sociedade.

A prisão tem vindo a cumprir, ao longo dos tempos, propósitos e finalidades diferenciadas. Segundo Anjos (2015), o sistema prisional tem como principal objetivo a criação de espaços de isolamento dotados de regras específicas, que se destinam a restringir indivíduos que não cumprem a ordem social, num regime de liberdade condicionada e isolados da sociedade, de forma mais ou menos temporária, com o intuito de os reabilitar e de proteger a sociedade durante este processo.

O termo recluso pode ser definido como «um indivíduo que está afastado da sociedade através de uma pena de reclusão, compreendendo assim uma medida privativa de liberdade» (Varão, 2013, p. 31). Por outro lado, a reclusão é uma condição «composta por um trajeto gradual em que o indivíduo detido tem de se adaptar, interiorizar normas, regras e valores, diferentes das que existem em liberdade, em que a aceitação destas são uma condicionante para a sua nova vida na prisão» (Foucault, 1975/1993; Varão, 2013).

Apenas em 1870 foi introduzido nas prisões o conceito de reabilitação, na medida em que só através do bom comportamento na instituição prisional, os reclusos poderiam aceder à liberdade (Vieira, 2005, *cit in* Varão, 2013).

Atualmente importa salientar que a eficácia da reabilitação do recluso se deve fortemente à sua adaptação ao meio prisional. Depreende-se, então, que ao cumprirem pena estes indivíduos não devem ser estigmatizados pelo crime que cometeram, devendo ser executado todo um conjunto de esforços por parte das entidades responsáveis na execução da pena, com vista à garantia da reinserção social dos sujeitos (Varão, 2013). A adaptação à prisão é vivenciada de forma distinta de indivíduo para indivíduo e influenciada por fatores como a idade, sexo, estado civil, tipo de crime cometido, duração da pena e situações de reincidência. Esta adaptação revela-se um processo complexo e doloroso para o recluso na medida em que este atravessa uma série

de mudanças repentinas (estatuto e papéis sociais, isolamento, incapacidade de resolução de problemas do exterior, possíveis dificuldades de relação com a população reclusa e perda identitária) que conduzem, por vezes, às sintomatologias de desorientação, ansiedade ou mesmo, depressão (Anjos, 2015).

Para Herkenhoff (1987) a prisão é «uma violência à sombra da lei, um anacronismo em face do estágio atual das mais diversas ciências humanas» (Herkenhoff, 1987, p. 23), além disso exerce um efeito devastador sobre a personalidade, reforçando valores negativos e cria, por outro lado, distúrbios de conduta. Por estas razões, o autor parte do pressuposto que o tratamento e a ressocialização são incompatíveis com esta instituição total. A ruptura dos laços familiares e outros vínculos humanos, a convivência promíscua, o isolamento forçado e o controle total do indivíduo são fatores que Herkenhoff (1987) aponta como obstáculos à integração do indivíduo. O retorno à vida social é agravado pelo estigma da prisão pois esta «convida à reincidência» (Herkenhoff, 1987, p. 24). A maioria dos ex-reclusos, reincidentes ou não, apontam a reinserção social como uma dificuldade «perpétua e terrível» (Herkenhoff, 1987, p. 82), uma vez que ao saírem dos estabelecimentos prisionais ficam entregues à sua própria sorte, sem qualquer ajuda do Estado ou da sociedade, pelo que afirmam receber apenas um apoio isolado de alguns familiares e amigos. Criticam a justiça por não lhes proporcionar apoios efetivos nem a oportunidade de abandonarem a prática do crime. Para a generalidade dos reclusos o tempo dentro da prisão é visto como inútil e perdido no que se refere às suas possibilidades de reintegração. (Herkenhoff, 1987).

Para Goodman (1997) *cit in* Barbosa (2012) a maioria dos estudos científicos sobre o crime refere que as oportunidades, associadas ao comportamento individual, desempenham um papel central na motivação do crime. Segundo esta perspetiva, o

escasso esforço social na adaptação dos reclusos após o cumprimento das suas penas, pode resultar numa futura reincidência. Os fatores individuais internos e externos, tendo como base o meio ambiente, o comportamento e o cérebro, constituem as principais variáveis que, conjugadas, explicam o comportamento recorrente, sendo que estes indivíduos possuem diferenças em termos psicológicos e sociais do resto da população em geral (Barbosa, 2012; Lykken, 1995; Gonçalves, 1999). Outros fatores de risco e de proteção que podem influenciar a reincidência passam pelo «género, idade, psicopatologias, capacidade intelectual, estrutura e dinâmica familiar, desempenho e problemas escolares, hiperatividade, nível socioeconómico, atividade laboral, historial de toxicoddependência, antecedentes criminais, fatores relacionados com o meio prisional e cumprimento de pena» (Barbosa, 2012, p. 12). A reincidência traz consigo algumas consequências, desde «o desenvolvimento de um padrão de vinculação desorganizado, défices no desenvolvimento intelectual, cognitivo, social, físico e sexual, dificuldades na regulação emocional, baixa autoestima, problemas interpessoais em contexto escolar e familiar» (Barbosa, 2012, p. 24)² e, ainda, o «surgimento de sintomas dissociativos, propensão para o suicídio e desenvolvimento de perturbações psicológicas, quer na infância, quer na idade adulta» (Barbosa, 2012, p. 25)³. Embora a reclusão tenha a sua feição de punição que legalmente conhecemos, peca pela sua feição social, uma vez que influencia negativamente a identidade do indivíduo ao não o preparar para a sua reabilitação. Transtornado e estigmatizado como delinquente, o indivíduo acaba por, muitas vezes, voltar a reincidir quando volta à rua (Barbosa, 2012).

Guiddens (1998) *cit in* Barbosa (2012) deixa a premissa de que a reintegração no

²Citação de Barbosa (2012) com base em estudos de Canha (2002); Green, (1993); Cicchetti, Toth, e Lynch, (1995); Gibb (2002); Cicchetti e Lynch (1995), p. e Cicchetti e Toth (1995).

³ Citação de Barbosa (2012) com base em estudos de Green (2003); Glaser (2000) e (Bergen, Martin, Richardson, Allison&Roeger (2004).

contexto prisional é possível tornando os indivíduos que efetuaram crimes pessoas melhores, com um papel mais digno na sociedade.

Moraes (2013) refere que a prisão deve ressocializar o recluso, recuperá-lo para a vida na sociedade e, por isso, o indivíduo precisa de aprender a ser um recluso ao mesmo tempo que se ressocializa, isto é «aprender a ser livre internalizando a identidade de cativo» (Moraes, 2013, p.141).

Para Gonçalves (2002), os estabelecimentos prisionais têm-se modificado muito, tornando-se um sistema mais aberto, em comunicação com outras instituições que os auxiliam no processo de transformação e reintegração do recluso.

Em 1981, o Estado Português cria o Instituto de Reinserção Social (IRS) que visa o apoio aos reclusos após a sua libertação. É neste momento que a intenção de reintegração de reclusos se torna mais marcante. Posteriormente procedeu-se a intervenções específicas com o intuito de alterar comportamentos desadequados e inapropriados dos reclusos, nomeadamente a elaboração de planos de acompanhamento do recluso, de acordo com as suas especificidades, tipologia de crimes, carreira criminal, com o estabelecimento prisional em que o indivíduo cumpre a pena e as formas de o preparar para a reintegração social. (Gonçalves, 1998; Gonçalves, 2000; Rodrigues, 2011; Vieira, 2005, *cit in* Varão, 2013).

Recentemente, com o Decreto-Lei nº 215/2012 de 28 de Setembro (*Diário da República nº 183, série I de 20-09-2012*) o Instituto de Reinserção Social funde-se com os serviços prisionais, formando-se assim a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), que permite «uma intervenção centrada no indivíduo desde a fase pré-sentencial até à libertação, preparando, em colaboração com os serviços do sector público e privado, oportunidades de mudança e de reinserção social, que diminuem as consequências negativas da privação da liberdade e reduzem os riscos de reincidência

criminal» (Decreto-Lei nº 215/2012).

Varão (2013) refere que o estado de reclusão, no sistema prisional português, procura privar os indivíduos de liberdade, com o intuito destes poderem refletir acerca dos seus comportamentos incorretos e de adquirirem competências necessárias para se reintegrarem na sociedade. Contudo, para Gomes (2008) *cit in* Varão (2013), a reclusão pode trazer consigo uma série de consequências para os reclusos visto que a sociedade não consegue perdoar-lhes, rotulando-os e estigmatizando-os, mesmo após o término da pena, optando por não os apoiar na sua reintegração.

O atual Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade (CEPMPL), aprovado pela Lei nº 115/2009 de 12 de Outubro prevê um Plano Individual de Readaptação (PIR). Este documento é dirigido a todos os reclusos cuja pena ou soma de penas exceda um ano (nº1 do art.º 21º), sendo obrigatório para todos os menores de 21 anos, independentemente da duração da pena (nº2 do art.º 21º). O CEPMPL propõe sublinhar a importância dos direitos e interesses jurídicos, tendo como principais objetivos a «preparação para a liberdade, estabelecendo as medidas e atividades adequadas ao tratamento prisional do recluso, bem como a sua duração e faseamento, nomeadamente nas áreas do ensino, formação, trabalho, saúde, atividades socioculturais e contactos com o exterior» (nº 3 do art.º 21º).

Não obstante, surgem situações cuja prática não está em sintonia com o que a teoria pretende defender. A título de exemplo, refere-se o fato de que, embora o Estado se declare interessado em ressocializar e combater estigmas sociais, mantém o impedimento de empregar na função pública quem tenha um registo criminal (Dores, 2000, p. 10).

A situação de privação de liberdade, autonomia, segurança e convivência social acarreta consigo atitudes e comportamentos, por parte do recluso, de reduzido controlo

de impulsividade, de ansiedade alta, baixa resistência à frustração e depressão. É neste contexto que o tratamento penitenciário se deve centralizar, através de diversas técnicas e instrumentos, no apoio à reintegração do recluso bem como no fortalecimento das suas resistências (Gonçalves, 2002).

6. A Identidade Social – construção, manutenção e manipulação.

A identidade encontra-se em relação dialéctica com a sociedade e, por isso, é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social, sendo que esta pode também ser mantida, modificada ou remodelada (Berger & Luckmann, 2010).

Segundo Goffman (1963), quanto mais inserido um indivíduo estiver num contexto grupal mais sólida é a sua identidade pessoal e social. A identidade é construída hereditariamente mas também com base nas estratégias identitárias desenvolvidas nas mais diversas instituições por onde o indivíduo passa (e.g. família, escola, trabalho, grupo de pares). Existe uma distinção entre a dimensão individual e coletiva da identidade sendo que se, por um lado, a visão que um indivíduo tem de si mesmo está dependente dos outros e do seu reconhecimento, por outro lado, as experiências dos outros não podem ser vivenciadas apenas por si. Todo este processo não é linear, sendo que um indivíduo pode recusar uma identidade e definir-se de outra forma. Um processo que é construído socialmente pode alterar-se mediante as mutações dos grupos de pertença e referência, conforme são alteradas as expectativas e configurações identitárias.

Segundo Eriksson (1971) a identidade possibilita um sentimento de continuidade e de diferenciação entre si e os outros, dando ao indivíduo um funcionamento

autônomo. Para este autor, o processo de formação da identidade está em curso ao longo da vida, envolvendo aspetos somáticos, psicológicos, sociais e um contexto cultural (Veríssimo, 2002). No seu seguimento, James Marcia (2006) afirma que a identidade resulta do ajuste autorreflexivo que um indivíduo faz entre as suas capacidades e necessidades e o contexto social envolvente. Esse processo exploratório pode ser acompanhado por duas dimensões: a crise (que implica a tomada de decisões coerentes) e o compromisso (investimento pessoal do indivíduo naquilo que ele próprio mais valoriza).

Segundo Rodrigues (2012) a prisão é um espaço de reestruturação da identidade que pode afetar a manutenção da identidade pessoal de um indivíduo. Além disso, traz-lhe diversas consequências como o afastamento da família e do trabalho, bem como a sujeição ao estigma que lhe é aplicado pela sociedade e a influencia negativamente.

Segundo Berger (1963) *cit in* Schmid & Jones (1991, p. 147) «a pena de prisão constitui um ataque maciço sobre a identidade das pessoas detidas». Na vida quotidiana, os indivíduos gerem as suas impressões, escondendo-se, em circunstâncias problemáticas, atrás de uma identidade temporária. Contudo, quando confinados ao isolamento de uma instituição total, criam-se desafios que põem à prova as bases da sua verdadeira identidade.

Moraes (2013) refere que o recluso deve aprender, o mais rápido possível, a ser um recluso, mediante um processo acelerado de socialização no universo prisional, pois só desta forma pode garantir a sobrevivência da sua identidade.

Como refere Cunha (2003), os muros da prisão materializam uma ruptura com o exterior, acarretando um estigma que põe à prova uma identidade anterior. Segundo a perspetiva da autora o «estigma circunscreve-se de certa forma aos limites materiais e temporais da detenção e é possível ocultá-lo após a libertação» (Cunha, 2003, p. 4),

sendo assim é também possível resistir à identidade negativa que a reclusão vem a impor.

Goffman (1961/1974) refere que, ao chegar à prisão, o indivíduo entra com uma concepção de si mesmo que deriva de uma série de disposições mais ou menos estáveis no seu mundo doméstico. A partir daí, através do rebaixamento e humilhações, o seu *eu* é despido e *morificado*. Esta *profanação do eu* resulta das mudanças radicais da sua *carreira moral*, ou seja, das alterações progressivas que ocorrem nas crenças que os indivíduos têm a seu respeito e a respeito dos outros e que são significativas para si. A barreira que as instituições totais colocam entre o recluso e o mundo exterior assinala a interrupção no desempenho dos seus papéis sociais, bem como de alguns dos seus direitos (e.g. votar, assinar um cheque). Por outro lado, o recluso atravessa um *processo de admissão*, complexo e padronizado, onde para se enquadrar na instituição, necessita de atravessar algumas etapas (e.g. despir a sua roupa e vestir a da instituição, tirar fotografias e impressões digitais, passar a ser codificado por um número) que vão contribuir para a perda da sua propriedade (no mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que o ligam aos sentimentos do *eu*, já na prisão é-lhe negado o direito de dispor dos seus bens) e da sua identidade. Para o autor, «o processo de admissão pode ser caracterizado como uma despedida e um começo» (Goffman, 1961/1974, p. 29), ou seja, o fim daquilo que foram e o início daquilo que ainda não são. A *mortificação do eu* traz consequências para o indivíduo, nomeadamente, a perda de sono, sentimentos de indecisão, angústia e tensão psicológica (Goffman, 1961/1974).

Segundo Gonçalves (1993), o recluso é obrigado a inserir-se num quotidiano padronizado e nada adequado a si, bem como a participar em tarefas diárias regulamentadas e com horários. O corte com aquilo que até aí constituía a sua identidade gera uma crise que leva o recluso a elaborar planos e estratégias

comportamentais de adaptação que podem variar da submissão total até à fuga ou suicídio.

Schmid e Jones (1991) referem que, geralmente, os reclusos não possuem uma identidade criminosa, isto é, embora tenham sido condenados por um crime, a imagem que têm da prisão contrasta com a forma como veem o seu mundo social. Neste sentido, encaram a prisão como uma entidade ligada ao tema da violência, reconhecendo os outros reclusos como violentos e hostis, alguém «com quem eles não têm nada em comum» (Schmid & Jones, 1991, p. 148). Desta forma, para manterem a sua identidade, desenvolvem uma estratégia de *sobrevivência antecipatória* que consiste em tentarem proteger-se, evitando os contactos desnecessários (e.g. guardas, outros reclusos, pessoal da reabilitação), afim de não mudarem ou serem mudados na prisão. Contudo, surgem controvérsias visto que, quando os reclusos resolvem não querer mudar estão, simultaneamente, a iniciar uma análise introspetiva, que é essencial ao processo de transformação identitário.

O autodiálogo dos reclusos pode envolver sentimentos de vulnerabilidade, descontinuidade e diferenciação em relação aos outros reclusos. Estas emoções refletem as privações da vida institucional (Goffman, 1963; Schmid & Jones, 1991) e constituem uma motivação para as estratégias de isolamento. Os reclusos traçam uma distinção entre a sua verdadeira identidade (ou seja, a identidade exterior à prisão) e uma identidade falsa (criada com intuito de interação no meio prisional). Esta bifurcação do *self* nem sempre é consciente e apresenta-se com uma tática de manutenção e preservação de identidade (Schmid & Jones, 1991).

A rejeição de uma identidade desviante por parte de um recluso e a desqualificação dos outros colegas é muitas vezes uma transferência do seu próprio estigma. Neste sentido, denota-se um esforço por parte dos reclusos em manterem um

distanciamento entre si, bem como em partilharem representações sobre crimes, sobre o pessoal prisional (e.g. dirigentes, guardas) ou até mesmo, sobre a amizade (Cunha, 2003).

Dada a contradição básica do indivíduo estigmatizado em decidir se há de esconder-se ou mostrar-se, torna-se compreensível que «ele se esforce para descobrir uma doutrina que forneça um sentido consistente à sua situação» (Goffman, 1963, p. 93). Neste sentido, o autor sugere que o indivíduo pode esconder devidamente o seu próprio estigma. A manipulação é uma característica geral da sociedade, uma vez que estamos em presença constante de normas de identidade (Goffman, 1963).

Os reclusos veem o mundo da prisão como «uma construção artificial» (Schmid & Jones, 1991, p. 3) acreditando que poderão vir a ser, aquando da sua libertação, os seus antigos *eu*. Acresce, ainda, que a *identidade suspendida da pré-prisão* nunca é absoluta, pois o recluso continua a ter contacto com os indivíduos com quem se relacionava no exterior (e.g. família, amigos), por outro lado, também a separação entre a sua *identidade suspendida* e a sua *identidade prisional* nunca está completa, sendo que há de interagir com parceiros reclusos em meio prisional e, subsequentemente, no mundo exterior (Schmid & Jones, 1991).

II. Objetivos

A presente dissertação ambiciona perceber a forma como os reclusos do EPLeiria experienciam os fenómenos de rotulagem e estigmatização a que estão sujeitos pela sociedade em geral.

É objetivo primordial o estudo dos aspetos ligados à experiência da reclusão, processos de manutenção identitária, vivência da exclusão e as perspetivas de reinserção social. São, portanto, objetivos gerais:

- Assimilar de que forma os reclusos percebem o mundo e a vida antes e durante a experiência da reclusão;
- Compreender as relações de (inter)dependência dos reclusos com os demais membros das instituições de socialização primária e secundária antes do processo de aprisionamento (e.g. família, escola, trabalho);
- Perceber como os reclusos realizam a vida dentro da prisão (adaptação, domínio dos valores, símbolos e significados);
- Captar as noções dos reclusos sobre a realidade social e o mundo exterior à prisão;
- Perspetivar os objetivos de reinserção social dos reclusos.

Apontamos, ainda, como objetivos específicos:

- Conhecer a trajetória de vida dos reclusos *à priori* entrada na instituição prisional (ambiente em que viveu, nível de educação que recebeu, relações familiares e de trabalho, (in)existência de suportes sociais...);
- Reconhecer a existência ou inexistência de fatores que possam ter potenciado/favorecido o crime (problemas familiares, violência, crise, desemprego, baixo rendimento ou outras questões económicas, carências afetivas, deficiências físicas, doença mental ou outras questões de saúde, crenças religiosas ou culturais, experiências de adversidade...);
- Perceber como o recluso se vê a si mesmo e aos outros, tomando por base aquilo que ele acha que os outros pensam acerca dele (domínio da autoestima; forma como o indivíduo encara a situação de aprisionamento...);
- Tomar conhecimento das perspetivas de vida dos reclusos *à posteriori* saída da prisão (domínio dos objetivos, desejos e motivações);
- Conhecer a capacidade de resiliência dos reclusos face a futuras experiências ou situações adversas (e.g. situações de reincidência);

- Estabelecer a importância do “Eu” enquanto sujeito responsável pela mudança;
- Apreender que instituições/serviços/parcerias/pessoas podem apoiar a plena reintegração do recluso na sociedade (domínio das ferramentas de inclusão social; consciencialização do fenómeno de aprisionamento quer do recluso, quer da sociedade em geral).

III. Metodologia

1. Procedimentos de Investigação

Num primeiro momento foram preenchidos e submetidos os documentos relativos às questões éticas e à proposta de tema de dissertação à Comissão de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Num segundo momento foram enviados, por correio registado, os pedidos de autorização para a realização das entrevistas com os reclusos para a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) (Anexo II) bem como à Direção do Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional). Após a aprovação por parte das entidades competentes, procedeu-se a uma reunião presencial no EPLeiria, em que estiveram presentes o diretor e a adjunta do referido estabelecimento, com vista à calendarização das entrevistas e ao estabelecimento das regras pelas quais as mesmas seriam orientadas.

Num terceiro momento teve lugar a realização das entrevistas, em regime presencial e com recurso à gravação áudio. Importa salientar que todos os entrevistados foram informados acerca dos objetivos da entrevista e da não obrigatoriedade da mesma. Foram dadas garantias de anonimato e confidencialidade aos reclusos através de um consentimento informado, previamente assinado pela investigadora (Anexo III).

Num quarto momento, procedeu-se à transcrição (Anexo V) e análise das

entrevistas realizadas através da técnica de análise categorial de Laurence Bardin (1977/2014).

2. Método e Técnicas de Investigação

Com base na revisão bibliográfica e nas entrevistas realizadas, foi desenvolvida uma análise de conteúdo, tendo por referência a análise categorial de Bardin (1977/2014). Esta técnica caracteriza-se por ser «uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações» (Berelson & Lazarsfeld, 1948, *cit in* Bardin, 1977/2014, p. 20).

Neste sentido, é utilizado o modelo hipotético-dedutivo que «(...) gera, através de um simples trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes» (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 144).

3. Pergunta de Partida e Hipóteses Teóricas

Tendo por base os objetivos enunciados foi elaborada uma questão-chave à qual o presente estudo pretende responder :

- De que forma os processos de estigmatização e rotulagem influenciam o desenvolvimento identitário e as perspetivas de reinserção social dos reclusos do EPLeiria?

Foram igualmente formuladas três hipóteses teóricas em torno das temáticas centrais da investigação que serão, após análise de conteúdo, corroboradas ou refutadas:

- **Hipótese 1:** O recluso assume o estigma, subvaloriza-se, não dispõe de suporte emocional e social para projetar uma mudança na sua trajetória de vida futura e para realizar uma inclusão social adequada.

- **Hipótese 2:** O recluso aceita a sua condição e não se estigmatiza, mas estigmatiza o outro. Não se reconhece no outro pelo que não adquire uma identidade coletiva dentro da prisão. Encara a vida futura com normalidade.
- **Hipótese 3:** O recluso assume a pertença a um grupo que cumpre pena por uma lei que quebrou. Não se autoestigmatiza nem estigmatiza o outro. Encara o aprisionamento com naturalidade, assim como detém perspectivas de vida futura positivas.

4. Caracterização da Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 10 indivíduos reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional). Devido à sua reduzida dimensão, os dados caracterizadores da amostra servem apenas o propósito de indicar o perfil-tipo dos seus intervenientes, não tendo por isso, objetivos de validação estatística.

As variáveis sociodemográficas consideradas são o sexo, a idade, o estado civil e a situação de reincidência dos reclusos. Todos os indivíduos entrevistados são do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e os 57 anos. No que respeita ao estado civil, existem 8 sujeitos solteiros e 2 casados. Por último, registam-se 2 indivíduos em situação de reincidência.

5. Instrumentos de Recolha de Dados

Entrevista Semi-diretiva ou Semiestruturada

De uma forma genérica, podemos definir uma entrevista como um encontro interpessoal, num quadro de determinada situação social. Esta interação, porém, deverá ser sujeita a um controlo, na medida em que pode condicionar tanto a qualidade como a quantidade de informação recolhida.

A escolha de uma entrevista semiestruturada deveu-se à sua possibilidade de aprofundamento e/ou verificação das temáticas em análise. Este tipo de instrumento possibilita a introdução de novas questões e a alteração da ordem das mesmas, adaptando a entrevista ao nível de receptividade do entrevistado.

A entrevista foi baseada num guião de Silva (2012) e estruturada mediante os objetivos gerais e específicos da presente dissertação. Após uma breve caracterização sociodemográfica do entrevistado, partiu-se para as questões relacionadas com os momentos pré prisional, reclusão e perspetivas de inclusão social (Anexo IV). Procurou-se, sobretudo, aprofundar a realidade social vivenciada pelos reclusos que consideramos os principais atores, no que concerne o objeto de estudo – processos de estigmatização e rotulagem.

IV. Apresentação dos Resultados.

Constatando que as diversas fases de vida dos indivíduos são pontuadas por uma série de acontecimentos marcantes que os encaminham para a situação atual, torna-se importante a realização de um estudo das suas trajetórias de vivência pessoal, através da compreensão de um tempo passado, presente e futuro. Neste sentido, a análise das entrevistas resultou na extração de 21 temas ou categorias que nos permitem estudar essas trajetórias: identidade, momentos chave no crescimento, tipos de relacionamento/ experiências, valores pessoais adquiridos, memórias do período escolar/ características enquanto aluno, sentimentos/ posição face ao aprisionamento, (in)adaptação à prisão, autoestigma (concepção de si enquanto recluso) estigma (concepção do outro enquanto recluso), aspetos positivos e negativos da prisão, ensinamentos da experiência da reclusão, posição face ao crime cometido/ possibilidade de mudança de trajetória de

vida, motivos de reincidência, programas de auxílio à reinserção, perspectivas futuras e atitudes discriminatórias por parte da sociedade (de si mesmo e do outro). Estas categorias são, de seguida, sinteticamente apresentadas e divididas em subcategorias. Uma apresentação detalhada encontra-se disponível no (Anexo VI).

6.1. Identidade

6.1.2. Identidade pessoal

Todos os entrevistados aparentam dificuldades em verbalizar uma concepção acerca de si mesmos quando lhes é pedido para se autodefinirem ou apresentarem características da sua personalidade. De uma forma geral, a maioria dos indivíduos começa por enunciar algumas das suas qualidades e, apenas depois, os defeitos. Enquanto qualidades foram mencionadas o ser bom amigo, bem-disposto, alegre e afável; enquanto defeitos surge o orgulho, a falta de estabilidade, o ser problemático e a personalidade forte e reservada. De salientar que as características negativas dadas a si mesmos são atribuídas a fatores externos tais como acontecimentos de vida e experiências traumáticas (e.g. ausência de suporte familiar e/ou envolvimento na toxicodependência). Para os reclusos, a enunciação destas características positivas/negativas parece ser uma das formas de revelarem a sua identidade pessoal.

6.1.3. Identidade prisional

Nenhum recluso parece partilhar de uma identidade coletiva dentro da prisão, isto é, embora por diversas vezes refiram que existem outros reclusos que dependem da cadeia para viver ou que dela transformaram a sua casa [e.g. *«Há pessoas que são mesmo cadeia, há pessoas que respiram cadeia e há outras que não e (...) a vida dela*

*vai só depender da cadeia»], nenhum deles se assume enquanto um grupo prisional, ainda que admitam a existência de boas relações dentro da instituição. O seu principal objetivo é, individualmente, cumprir a sua pena e sair assim que possível [e.g. «*Aquilo que eu quero é sair daqui né. Não tenho interesse em ficar cá a fazer nada*»]. Assim, parecem não se ver enquanto grupo mas sim enquanto reclusos singulares.*

6.2. Momentos-chave no Crescimento

Uma grande parte dos reclusos refere que os momentos que marcaram o seu crescimento são, principalmente, de cariz negativo. A ausência por morte ou negligência de pai e/ou mãe, o divórcio ou o aprisionamento dos progenitores e, ainda, a adoção encobrida ou escondida parecem ser os principais fatores que influenciaram a infância, adolescência e a trajetória de vida destes indivíduos. Também a revolução do 25 de Abril de 1974 surge no discurso de um dos entrevistados enquanto marco de mudança pessoal e escolar por ser um episódio de transição e transformação ideológicas. De um modo geral, todos os entrevistados assumem, de forma mais ou menos significativa, que estes acontecimentos propiciaram alterações na sua personalidade bem como na forma como perspetivam a vida e o mundo ao seu redor [e.g. «*Ah sim. O ser o que sou hoje, o saber o que sei hoje, deve-se mesmo a esses fatos de infância*»].

6.3. Tipo de relacionamentos/experiências

6.3.1. Relacionamento Familiar

O discurso de todos os reclusos demonstra a importância dada à família, afirmando na generalidade, a existência de relações positivas. A família aparece unanimemente como a instituição pilar e a base de suporte emocional dentro da prisão. Não obstante, há relatos da presença de algumas relações conflituosas com membros

familiares devido à falta de apoio e dedicação, nomeadamente, casos em que os pais efetuaram cortes de comunicação e deixaram de falar ou de visitar os reclusos após a detenção [e.g. «(...) *escrevi uma carta para a minha mãe, logo quando entrei, mãe verdadeira, e ela nem disse nada*»] ou em que estão impossibilitados de fomentar relações devido ao isolamento a que estão sujeitos, por exemplo, casos em que os reclusos têm filhos pequenos e que não podem acompanhar o seu crescimento [e.g. «(...) *agora o pior é não tar a ver o meu filho (...)*»].

6.3.2. Relacionamento Profissional

Os reclusos tendem a encarar as suas experiências profissionais como positivas e enriquecedoras, relatando ter boas relações de trabalho com colegas e/ou patrões. Contudo, parte deles refere ter tido poucas experiências profissionais, particularmente os reclusos mais novos que contam apenas com um ou dois trabalhos ou que sempre participaram em negócios de família. A preguiça e a má gestão do salário, muitas vezes investido em vícios (e.g. álcool e drogas), são apontes como alguns dos motivos que os conduziram ao abandono das atividades profissionais [e.g. «*Foi boa, mas estive pouco tempo em várias empresas porque recebia o ordenado e depois esquecia, não ia mais*»].

6.3.3. Relacionamento Prisional

Os entrevistados afirmam a existência de boas relações interpessoais no interior do estabelecimento prisional quer com os colegas, quer com os guardas, diretor, subdiretores e/ou outro pessoal. Todavia, à medida que vamos analisando os seus discursos, denota-se que o significado destas “boas relações” se prende com a intenção de evitar possíveis desacatos. Na generalidade, os reclusos mantêm uma postura de defesa, de afastamento e de evitação para com alguns colegas e de possíveis problemas

[e.g. «(...) *Bom dia, boa tarde. Cumprimento quem me cumprimenta*»]. Neste sentido, procuram passar despercebidos, não desvendar muito de si, demonstrando falta de confiança no outro. Deste modo, parecem manter relações de cordialidade e de boa educação com os demais, mas não vínculos de amizade. Referem a possibilidade de diálogo com alguns dos colegas com quem têm maior afinidade, mas nunca se referem ao Outro como “amigo” ou “companheiro”. Por outro lado, assumem a existência de um favoritismo hierárquico por parte dos guardas, dos quais alguns reclusos obtêm regalias/repreensões e outros não [e.g. «*É sempre a beneficiar o lado deles (...) eles é que mandam e a gente não pode fazer nada*»].

6.4. Valores pessoais adquiridos (quais/por quem)

A maioria dos reclusos reconhece a família enquanto principal fonte de transmissão de valores, crenças e princípios regedores da sua vida. Foram nomeados valores como a humildade, a lealdade, a honestidade, a educação, a frontalidade, o respeito, o orgulho em si próprio, o valor da palavra como símbolo de compromisso e honra, o valor do trabalho, entre outros. É de salientar que os indivíduos referem que a totalidade das suas experiências, ações e atitudes negativas (nomeadamente aquelas que os trouxeram à prisão) se devem a fatores do foro individual, atribuindo, por isso, sentimentos de cariz negativo (e.g. culpa) a si mesmos.

6.5. Memórias do período escolar/ Características enquanto aluno

Os reclusos possuem boas memórias do período escolar, afirmando que gostavam da escola enquanto espaço de encontro com os colegas para brincar, mas não propriamente das atividades letivas (aulas). Apesar disso, referem que detinham capacidades de aprendizagem [e.g. «(...) *tive sempre boas notas (...)*»].

Independentemente das capacidades referidas, é enunciado que, a certa altura, se desinteressavam dos estudos, começando a faltar, acabando mesmo por reprovar e/ou abandonar a escola [e.g. «(...) *faltava muito e chumbava por causa disso*»], o que justificam com a característica rebeldia das idades mais jovens, mas nunca à falta de incentivo e apoio familiar. Importa referir que todos os reclusos entrevistados frequentam a escola em âmbito prisional, por motivação própria, estando alguns deles a acabar o 9ºano ou a tirar pequenos cursos (e.g. olaria). É opinião comum que atualmente têm especial interesse em aprender e estudar, contrariamente ao que sentiam em crianças: a escola é encarada como uma oportunidade de progressão profissional e uma forma de aproveitar/ocupar o tempo na prisão.

6.6. Sentimentos/ Posição perante o aprisionamento

Uma das questões do guião da entrevista que mais suscitou hesitação estava relacionada com as emoções sentidas no dia em que cada recluso foi preso. Tristeza, angústia, medo, nervosismo, mal-estar, revolta e apatia foram algumas das palavras utilizadas pelos reclusos para descreverem o modo como se sentiam no momento do seu aprisionamento [e.g. «(...) *a gente quer morrer... eu queria morrer*»]. Embora as emoções negativas sejam comuns no discurso de todos os reclusos, o contexto em que surgem permite-nos fazer uma distinção entre um tipo de recluso que partilha um sentimento de culpa e de consciencialização face ao crime que cometeu, encarando o aprisionamento como uma situação de certa forma esperada (ainda que mostre receio de aspetos relacionados com o funcionamento da instituição e com a ausência de liberdade e a privação [e.g. «*Senti medo. Aquele receio de ter feito uma coisa má (...)*»], e um tipo de recluso que se considera injustiçado, quer seja por um juiz, quer seja porque não possui consciência da gravidade do ato que cometeu ou porque não concorda com a

pena que lhe foi aplicada [e.g. «(...) *eu vinha de tal forma (...) estava com a consciência (...) do ato que fiz, para mim, não foi violência nenhuma, foi só, verbalizada*»; «*A palavra revolta é neste sentido de injusta e de, eu diria mesmo, que é uma incompetência do juiz que me julgou*»].

6.7. (In)Adaptação à Prisão

Todos os reclusos entrevistados referem que inicialmente a sua adaptação à prisão foi difícil e conturbada, tendo alguns deles sofrido castigos ou punições por asneiras cometidas [e.g. «*Os princípios, pronto, não tava a adaptar-me bem, andava a fazer algumas asneiras (...)*»; «*Tive alguns castigos, mas foi os princípios dos anos que tive preso. Agora (...) já me comporto bem*»]. Nas palavras dos reclusos, a adaptação à prisão passa pela mentalização do crime cometido e da pena que lhes foi atribuída, pelo que nem sempre se submetem a este processo de forma totalmente voluntária. A consciencialização do crime apresenta-se assim como uma obrigatoriedade para quem se pretende adaptar à prisão [e.g. «*Agora já vinha mentalizado, cumprir a minha pena e seguir com a minha vida*»]. Render-se e aceitar a rotina do dia-a-dia na prisão surge também como outra condição para o recluso se adaptar [e.g. «(...) *levo a minha rotina no dia-a-dia. Tento não pensar muito o que é que se podia tar a fazer ou a deixar de fazer, porque isso não adianta de nada*»]. Contudo, os detentos consideram que, no fundo, ninguém se adapta à prisão [e.g. «*Ninguém se adapta à prisão. Eu não me adapto nada à prisão*»]. O excesso de tempo livre para pensar e refletir (entendido muitas vezes como algo penoso), a ausência de liberdade, a privação das relações sociais e as saudades da família e dos amigos (que nem sempre as visitas ou telefonemas conseguem apaziguar) [e.g. «*Sinto falta da rua, da liberdade, da família*»];

«(...) *sinto falta de tudo*»], são alguns dos aspetos que dificultam a adaptação à vida prisional.

6.8. Autoestigma (Conceção de si enquanto recluso)

A maioria dos reclusos tem uma boa conceção acerca de si mesmo, definindo-se como pessoas normais e sociáveis. Contudo, alguns deles admitem não se enquadrar na conceção de “recluso exemplar” que acreditam que o diretor ou subdiretores têm. Acreditam que o tipo de crime pelo qual foram condenados influencia a ideia que têm de si próprios, bem como a que possuem acerca do Outro, recorrendo a comparações em relação aos colegas de cela e/ou a pessoas da sociedade em geral [e.g. «*Os crimes são diferentes, as coisas são diferentes. Acho que há pessoas que fazem pior e tão lá fora*»]. De forma geral, estes indivíduos não parecem autoestigmatizar-se pela sua condição de reclusão, referindo, alguns deles, não sentir vergonha por estarem presos [e.g. «*Não há que ter vergonha de ter estado preso, não é motivo de vergonha. Eu errei e agora tou aqui (...)*»].

6.9. Estigma (Conceção do Outro enquanto recluso)

Quando questionados acerca do outro, os reclusos consideram que o seu grupo de pares não faz/fará parte das suas preocupações ou de possíveis amigos após saírem da instituição criminal [e.g. «(...) *em relação ao outro, claro que eu espero sair e quando sair (...) eles não estão na minha lista de prioridades. Nem de longe, nem de perto*»]. Concebem o outro a partir do crime que este cometeu, não mantendo qualquer tipo de relação com indivíduos que, no seu entender, cometeram atos que para si são deploráveis ou repugnantes, como por exemplo, a pedofilia, a violação ou o roubo [e.g. «(...) *com um pedófilo. Aqui nem há socialização, repugna-me mesmo*»]. Assim,

aparentam ter mais facilidade em estabelecer relações com pessoas que cometeram o mesmo tipo de crime que o seu [e.g. «(...) *para mim é mais fácil conviver com pessoas que cometeram o mesmo tipo de crime*»]. Salienta-se, portanto, que estes indivíduos, embora não se autoestigmatizem, transparecem preconceitos em relação ao outro, evitando o diálogo e a socialização com determinados reclusos [e.g. «*Há pessoas que não interessam a ninguém*»].

1.10. Aspectos Positivos e Negativos da Prisão

Os reclusos entrevistados apontam como aspectos positivos da vida na prisão a oportunidade de poderem frequentar a escola, jogar às cartas, ver televisão e jogar futebol. Além disso, alguns deles veem a experiência da reclusão como uma pausa na sua trajetória de vida passada, marcada pelo crime. Como aspectos negativos são mencionados o espaço reduzido, quer no interior das celas quer exterior aos dormitórios (parque/ringue), o acesso à droga, a ausência de espaços verdes, a qualidade da comida, a falta de atividades e de programas de reinserção, e todos os aspectos ligados à privação das relações sociais e ao isolamento.

6.11. Ensinamentos da experiência da Reclusão

Para alguns reclusos a experiência da reclusão trouxe-lhes ensinamentos como o controlo da agressividade, a importância de saber guardar segredos, a oportunidade de voltarem a estudar, o reconhecimento do valor da vida, da amizade, da liberdade e das relações sociais. Contrariamente, há reclusos que admitem não retirar vantagens desta experiência, vendo a prisão como um castigo ou como uma “escola do crime”, onde não há o acompanhamento necessário para se perspetivar a reinserção na sociedade [e.g. «(...) *aprender, aprender, aqui não aprendes nada. (...) não temos o acompanhamento*

que devíamos ter. Como eles falam da tal reinserção social. (...) Tou é a desaprender (...)»].

6.12. Posição face ao crime cometido (Possibilidade de Mudança da Trajetória de Vida)

Todos os reclusos demonstram a intenção de querer mudar a sua trajetória de vida, ainda que considerem ser necessária força de vontade, fé, persistência e deixarem de ser pessoas influenciáveis. Afirmam não querer voltar ao crime, bem como à vida que levavam anteriormente, e mesmo aqueles que não reconhecem a gravidade do crime cometido e que encaram o aprisionamento como um castigo ou injustiça, referem que em situações futuras procurarão refletir duas vezes antes de agir. O arrependimento parece ser um dos sentimentos mais sentidos pelos reclusos e aquele que mais os incentiva a uma possível mudança de trajetória.

6.13. Motivos de reincidência

Dos dez indivíduos entrevistados, surgem dois casos de reclusos reincidentes. A principal motivação para a reincidência prende-se com a falta de recursos económicos para a subsistência e satisfação de necessidades básicas (alimentação, medicamentos...).

6.14. Programas de auxílio à Reinserção

A escola parece ser a única oportunidade de progressão e/ou readaptação profissional que estes reclusos têm acesso. Todos afirmam não estarem inseridos ou informados sobre qualquer outro programa que apoie a sua reinserção social.

6.15. Perspetivas futuras

6.15.1. Perspetivas futuras quanto ao Mercado de Trabalho

Alguns reclusos veem o mundo do trabalho com normalidade e detêm expectativas positivas quanto ao futuro profissional, sendo que lhes é dada a segurança de retorno aos seus empregos nos negócios familiares. Outros reclusos encaram-no com algum receio, incerteza e até preguiça, inquietando-se com a possível discriminação no processo de recrutamento de certas empresas [e.g. «(...) vejo muitas pessoas aqui que vão para a rua e vai ser complicado arranjar emprego (...）」; «(...) tenho receio secalhar de pessoas agora para arranjar trabalho»].

6.15.2. Perspetivas futuras de Readaptação

Os reclusos possuem boas perspetivas de readaptação ao mundo exterior, sublinhando todos eles, a importância dos laços familiares neste processo. Por outro lado, alguns dos reclusos reafirmam que após a sua entrada na prisão houve laços de amizade que se extinguiram. Assim, parece haver uma ruptura nas relações de amizade mas um fortalecimento das relações familiares [e.g. «A minha família sim, agora amigos, não são amigos que uma pessoa tem. Uma pessoa tem conhecidos»].

6.16. Motivações/Objetivos/Sonhos para a Vida Futura

Os sonhos e objetivos para a vida futura variam consoante o individuo, contudo, todos parecem motivados a prosseguir com as suas vidas/relações familiares, constituir família, estar junto dos pais ou dos filhos, ter um emprego estável e manter ou comprar/arrendar casa. Acresce, ainda, a pretensão de corrigir situações que propiciaram a entrada na prisão (e.g. abandonar definitivamente a toxicoddependência,

obter carta de condução...) ou realizar atividades de que estão atualmente privados (e.g. inscrever-se num ginásio, andar de mota...).

6.17. Atitudes discriminatórias por parte da sociedade (de si mesmo e do outro)

Alguns dos reclusos consideram que a experiência da reclusão não implica o rótulo de “ex-presos” se a identidade prisional for omissa. Contudo, admitem também que a nível do mercado de trabalho é exigido, no processo de recrutamento, o conhecimento do registo criminal do candidato [e.g. *«Se calhar se eu vou atrás de um emprego (...) vou ser visto desta maneira (...)»*; *«Senti isso. (...) quando saí fui trabalhar (...) e ao fim do mês fui despedido porque alguém foi lá dizer que eu tive detido. (...) Por ser detido, os consumos, isso tudo. (...) Eram as normas da casa»*]. Nestes casos, veem-se na obrigatoriedade de revelar a sua identidade prisional. Viver num meio pequeno onde a vizinhança conhece o recluso parece ser também um dos entraves à sua reinserção [e.g. *«(...) se vai para a área onde reside tem que se distanciar, e tentar passar despercebido(...)»*].

Quando os reclusos são questionados acerca do outro, as respostas tornam-se significativamente mais negativas. Nesse caso, referem que a sociedade irá discriminar especialmente ex-reclusos que cometeram certos tipos de crime como a pedofilia e/ou a violação [e.g. *«(...) vai sempre depender do crime que cada um cometeu»*]. Deste modo, os reclusos referem que o preconceito social depende e é influenciado pelo aspeto da pessoa que denuncia o crime que cometeu [e.g. *«Eu alguns acho bem que a sociedade se proteja (...) ninguém gosta de coisas desagradáveis (...). Eu acho que não vai ver nada bem muitos reclusos, não se pode ver bem pessoas que violaram (...)»*; *«(...) há*

deles que vê-se a milhas de onde é que vieram. (...) o aspeto, a força de vontade de querer tar na rua (...)]»].

V. Discussão

Neste capítulo apresentamos uma reflexão crítica dos resultados obtidos, ambicionando alcançar uma significação coerente com a literatura da problemática em estudo.

A reclusão, o estigma e a discriminação em contexto prisional são fenómenos que têm vindo a ser alvo de investigação e análise segundo diferentes perspetivas e autores enquanto meio de compreensão dos processos de reinserção social (Ahmed & Ahmad, 2015).

Segundo Correia (2004, p. 119), «a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas num contexto em que diferentes mundos, ou esferas da vida social, se misturam e entram muitas vezes em conflito». A construção da identidade pessoal (representação do “eu” como único e diferente a partir da autoatribuição de traços psicológicos percebidos como particulares) e social/coletiva (autoconceito derivado do reconhecimento de pertença a grupos sociais, a partir do valor e do significado emocional associado a essa pertença) (Tajfel & Turner, 1986, p. 255) é um processo que se sustenta das experiências vividas, dos seus sentimentos de pertença e das relações de sociabilidade (Marôpo, 2014). Também para Godoi e Garrafa (2014) a organização dos (ex)reclusos enquanto grupo ou, por outras palavras, a identidade de grupo é uma das formas de lidar com o isolamento social, de combater o medo do preconceito e da discriminação e de obter reconhecimento social. Indo ao encontro das conceções teóricas atrás apresentadas, os resultados deste estudo sugerem

que os reclusos possuem uma identidade pessoal baseada em características positivas, atribuindo as negativas predominantemente a fatores externos, tais como experiências traumáticas, ausência de suporte emocional e/ou envolvimento em comportamentos aditivos. Contudo, ao contrário das concepções de Tajfel e Turner (1986) e de Godoi e Garrafa (2014), as experiências vividas em grupo e as relações de sociabilidade estabelecidas não foram suficientes para que os reclusos do nosso estudo desenvolvessem uma identidade grupal no contexto prisional.

Os momentos chave do crescimento dos indivíduos (e.g. estatuto socioeconómico, cultura, estrutura familiar, suporte emocional), nomeadamente durante a infância e a adolescência, constituem um dos fatores que mais influencia a vida social e a construção identitária individual e grupal de cada um (Marôpo, 2014). São estes processos identitários que estabelecem sistemas simbólicos que nos permitem responder a questões como «Quem sou eu? O que posso ser? Quem quero ser?» (Woodward, 1997, p. 14). No presente estudo, e ao encontro da perspetiva de Marôpo (2014), os principais fatores que influenciaram as trajetórias de vida dos reclusos prendem-se com episódios do foro familiar) e estão sempre associados a experiências de cariz negativo (e.g. abandono/negligência parental, adoção encobrida, divórcio, marcos históricos).

Os dados desta investigação expressam a ideia de que a instituição primária “família” se apresenta como um dos principais pilares de suporte emocional, social e económico para os reclusos, antes e depois da entrada no estabelecimento prisional. De igual modo, a família surge enquanto principal fonte de transmissão de princípios, valores, ideais e crenças pelas quais orientam a sua conduta. Assim, os resultados corroboram a tese de Saraceno (1997, p. 12) de que a família se revela um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, sendo por isso «dentro das relações

familiares (..) que os próprios acontecimentos de vida (...) recebem o seu significado» e influenciam a experiência individual.

Para Ferreira (2013, p. 20) a entrada na prisão «poderá ser acompanhada pela perda do trabalho e da desestruturação familiar, bem como da anulação parcial ou total das ajudas e benefícios sociais». No nosso estudo, denota-se no discurso dos reclusos entrevistados, a importância conferida aos contextos profissionais anteriores ao aprisionamento, ainda que para alguns deles essas experiências tenham sido reduzidas. De salientar, contudo, que a conotação positiva associada ao mundo do trabalho refere-se às relações interpessoais aí estabelecidas e não ao exercício da profissão ou ao benefício dela extraído (e.g. salário). Na mesma linha de pensamento, recordam as relações que estabeleceram durante o percurso escolar como significativamente positivas. Não obstante, referenciam a existência de obstáculos que dificultaram a prossecução da sua aprendizagem, e levaram à precoce reprovação e/ou desistência do ensino.

A reclusão exige uma reflexão sobre as mudanças relacionais com a família e amigos, com um foco particular no apoio que estes dão ao recluso após a detenção. Matos e Machado (2007, p. 1049) referem existir uma diferença entre os amigos e os familiares, citando, de uma forma geral, que «a família dá apoio, apesar de em momentos iniciais da reclusão (os reclusos) terem receado que isso não se verificasse, enquanto os amigos deixam com frequência de constituir figuras de suporte». Partindo das afirmações anteriores, importa saber como são percebidas, pelos reclusos, as relações interpessoais no contexto prisional: na generalidade, os reclusos admitem ter efetuado cortes na maioria das relações de amizade que pensavam ter no exterior (e.g. parceiros de crime, amigos que os deixaram de visitar/telefonar...). Por sua vez, as relações com os internos baseiam-se na cordialidade, com o intuito de evitar possíveis

conflitos, mas nunca na amizade ou no estabelecimento de vínculos emocionais significativos. Assim, fortificamos a teoria de Matos e Machado (2007) de que as novas relações construídas em âmbito prisional, nomeadamente com outros reclusos, guardas ou dirigentes têm significações positivas mas apenas nesse mesmo contexto, ou seja, revelam-se importantes no suporte à adaptação e à vivência diária no meio prisional, ainda que não haja uma intenção de manter esses laços futuramente no meio exterior.

Para Matos e Machado (2007) a construção, desconstrução e reconstrução de uma história de vida deve-se fazer acompanhar por uma contextualização do passado, do presente e do futuro, que oscila do individual para o social e vice-versa. No contexto prisional, os reclusos constroem as suas histórias integrando constantemente a vivência do crime e da prisão bem como o próprio sistema da justiça. A reclusão surge como um capítulo de vida individualizado e como um ponto de viragem ou desafio na trajetória de vida destes indivíduos (Matos & Machado, 2007). O aprisionamento assume um papel de destaque no conjunto de mudanças significativas que ocorreram nas suas vidas: por um lado, a entrada no estabelecimento prisional apresenta-se como uma viragem positiva no percurso de vida destes indivíduos (enquanto associada ao término de experiências que se revestem de significações negativas, nomeadamente situações de abuso continuado, consumo de drogas ou roubos), emergindo como um contexto que permite aos reclusos crescerem enquanto pessoas e conhecerem capacidades que desconheciam possuir; por outro lado, na ótica de Matos e Machado (2007), a privação de liberdade e o impacto da reclusão nos outros (particularmente na família) surgem como as principais significações negativas associadas ao aprisionamento, que podem trazer como consequências sentimentos de preocupação e culpabilização, inadaptação ou até mesmo ideias suicidas. Nas entrevistas realizadas foi possível reconhecer dois tipos de pensamento dos reclusos relativamente ao momento de entrada na prisão: por

um lado, um sentimento de culpa e de consciencialização de um crime cometido; por outro lado, um sentimento de injustiça e incompreensão perante a medida privativa de liberdade que foi aplicada.

A vida dos reclusos e a submissão destes às experiências carcerárias repercute-se na assimilação da cultura prisional por meio de um processo de aprisionamento ou institucionalização. Neste estudo, a generalidade dos reclusos afirma que a sua adaptação inicial à prisão se revelou difícil e conturbada, pelo seu caráter de imposição. Barreto (2006) acrescenta ainda que este ambiente de institucionalização molda os reclusos, mesmo após a sua libertação, através da imposição de tradições, valores, atitudes e costumes que são apreendidos pelos mesmos como uma forma natural de sobrevivência e adaptação ao sistema prisional. Além disso, a internalização e a naturalização das experiências que daí advêm funcionam como um processo que, incorporado de forma inconsciente, atenua o sofrimento do recluso e atua como um mecanismo de defesa que o possibilita acostumar-se às condições de vida que lhe são impostas (Bitencourt, 1993; Haney, 2001; Thompson, 1976/1998; Barreto, 2006).

A discrepância entre o mundo prisional e a sociedade liberta dificulta a adaptação e a reinserção do recluso nesta última, uma vez que a rotina dos detentos em ambiente prisional permite uma assimilação dos valores e padrões vigentes da prisão e, adquirir, nas palavras de Barreto (2006) qualificações e atitudes do criminoso habitual: «na prisão o interno mais desenvolverá a tendência criminosa do que a anulará ou suavizará» (Barreto, 2006, p. 586).

Segundo Goffman (1963/2004) a incorporação do estigma pelo recluso reduz a sua identidade real, uma vez que ele vivencia um processo de não-aceitação, no qual se cria um mecanismo de defesa em que todos os acontecimentos negativos são projetados ao seu atributo físico ou psíquico (Goffman, 1963/2004). Contrariamente a esta

concepção, os sujeitos deste estudo parecem ter uma boa concepção de si mesmos enquanto reclusos, não se autoestigmatizando, embora parecem estigmatizar o Outro (não se reveem nele). Tal fato vai ao encontro do estudo de Marôpo (2014) no sentido em que os intervenientes procuram manter uma postura de não se auto discriminar, ao passo que não o deixam de fazer em relação aos outros ao enfatizarem uma diferenciação entre a tipologia de crime cometida por si e pelos demais. Acrescenta-se que, segundo Barreto (2006) os processos de autoestigmatização e estigmatização não se cingem ao âmbito prisional, uma vez que após liberto, o recluso continua a ser vítima de preconceitos sociais que tornam difícil a sua convivência com o mundo externo.

Na visão de Gomes, Duarte e Almeida (2003), um dos objetivos dos estabelecimentos prisionais é promover, durante o período da reclusão, os meios e as competências necessárias para que não sejam cometidos novos crimes. Como referido anteriormente noutro ponto deste trabalho, todos os participantes deste estudo frequentam a escola no estabelecimento prisional. Para os autores supra mencionados, a educação e a formação profissional surgem como uma dessas competências que possibilitam a diminuição da reincidência e o desenvolvimento do indivíduo como um todo, tendo em consideração o seu contexto social, económico e cultural. Contudo, o fato da função do ensino se cingir apenas a uma forma de ocupação durante o aprisionamento impede que se possa afirmar que a educação se apresenta como um vector imprescindível na reinserção social do recluso. Além disto, surgem problemas relacionados com a programação das aulas e a metodologia utilizada, uma vez que os currículos dos cursos são elaborados sem terem em consideração o perfil da população prisional de cada estabelecimento (e.g. grau académico dos reclusos, espaço físico disponível para lecionar e a delineação adequada dos conteúdos programáticos) (Gomes, Duarte & Almeida, 2003).

Para além da educação, também a ocupação laboral é concebida como essencial na reinserção social do recluso, pelo seu carácter formativo de dotar o recluso de hábitos de trabalho e regular a sua vida diária, ajudando-o a adaptar-se às regras e horários do estabelecimento onde está inserido. Assim, o trabalho em âmbito prisional assume uma dupla vertente: «de um lado, ele serve para a não dessocialização do recluso durante o tempo em que está preso (...) de outro lado, o trabalho pretende contribuir para a sua real ressocialização, embora se tenha que reconhecer que isso nem sempre é possível» (Webster, 1997, *cit in* Gomes, Duarte & Almeida, 2003, p. 29). O trabalho na prisão revela-se um importante instrumento de manutenção da ordem e segurança, apoiando a atenuação das consequências negativas da inatividade. Contudo, pela informação recolhida, apercebemo-nos que nenhum dos reclusos entrevistados desenvolve atividade laboral no interior da prisão, fator que, aliado à falta de atividades ocupacionais e à inexistência de programas de auxílio à reinserção (à exceção da escola) pode ser desencadear outros aspetos que os detentos apontam como negativos dentro da prisão (e.g. acesso à droga, violência...). Por outro lado, as oportunidades de ensino e de realização de atividades lúdicas (e.g. televisão, jogar às cartas ou futebol) são indicadas, pelos reclusos, como aspetos positivos que podem favorecer o processo de reinserção social do preso, contrariando a ideia difundida por Gomes, Duarte & Almeida, (2003).

Os discursos dos detentos neste trabalho contam que a reclusão lhes trouxe alguns ensinamentos, primeiramente porque simbolizou uma pausa na trajetória de vida no mundo do crime e, posteriormente porque os apoiou no controlo de impulsos agressivos, no reconhecimento do valor da vida, da liberdade, da amizade e do ensino (ainda que alguns dos entrevistados refiram que a prisão surgiu nas suas vidas como um castigo ou como um prolongamento e alargamento do conhecimento relativo às práticas criminais). Pela dualidade das opiniões apresentadas, parece pertinente recuperar e

refletir sobre a tese de Bitencourt (1993) que alerta para o fato da função de correção e reabilitação do indivíduo pelo sistema prisional se ter tornado questionável, uma vez que a sua finalidade não tem vindo a ser cumprida.

O afastamento das redes de relações (amigos, família, trabalho) e das práticas quotidianas significam a primeira *mortificação do eu* (Goffman, 1963/2004) e a deterioração da identidade do recluso, impostas pelas instituições totais. «Após serem libertos, os ex-presidiários sentem dificuldade em estabelecer relações interpessoais como consequência das experiências carcerárias» (Barreto, 2006, p. 591). O retorno e a adaptação ao mundo exterior implicam um período de transição que causa sofrimento ao indivíduo e que lhe exige uma resignificação de crenças e valores, muitas vezes antagónicas aos assimilados durante o aprisionamento (Barreto, 2006). Num cenário de liberdade, a identidade destes indivíduos é configurada a partir da formação de uma representação social de “ex-presidiário”. «O estigma causa um problema de identidade social virtual, pois a criação de rótulos inferioriza um grupo e subjuga-o, a fim de proporcionar a autoafirmação dos demais» (Goffman, 1963, *cit in* Barreto, 2006, p. 588). Contrariamente à reclusão, em que os indivíduos devem submeter-se às regras institucionais, em que resolvem problemas muitas vezes por meio da força, do poder e da dominação e onde existe constantemente um sentimento de desconfiança, no mundo liberto torna-se importante a existência de autonomia, confiança e auxílio mútuo. Estes aspetos que divergem entre as duas culturas tornam o indivíduo estranho ao seu próprio local de origem, fazendo com que este não consiga, muitas vezes, retornar ao seu ambiente natural (Barreto, 2006).

Oliveira (2009) refere que os reclusos partilham a ideia de que a sociedade não reconhece a diferença entre os crimes por si praticados, afirmando a existência da discriminação social gerada pelo estigma de ex-recluso. «As crenças e representações de

que a sociedade é injusta, preconceituosa e não dá oportunidades para quem esteve preso geram identidades desfavoráveis, que levam ao descrédito» (Oliveira, 2009, p. 406). À saída do estabelecimento prisional os indivíduos serão rotulados como “ex-reclusos”, não obtendo oportunidades para reingressar e serem socialmente aceites. Os intervenientes neste estudo detêm duplas opiniões acerca da rotulagem após a saída do estabelecimento prisional: por um lado, consideram que a experiência da reclusão não implica o rótulo de ex-preso; contudo, por outro lado, mencionam que, em termos do mercado de trabalho, isso poderá ser um entrave. Oliveira (2009) refere, ainda, um descompasso entre o que a sociedade pensa sobre os reclusos e as representações que estes constroem para si, contudo reconhece que as ações dos reclusos são significativamente influenciadas pelo rótulo e pelo estigma que a sociedade lhes concede. A relação conflituosa entre os indivíduos reclusos e a sociedade reforça a identidade socialmente construída, gerando consequências na vida dos reclusos, especialmente aqueles com baixa autoestima, frustrações, sentimentos de revolta, culpa e exclusão, necessidades económicas e dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, levando por isso muitas vezes a situações de reincidência (Oliveira, 2009). Seguindo a linha de pensamento de Oliveira (2009), também os entrevistados referem a falta de recursos económicos, nomeadamente para a satisfação das necessidades básicas, como um dos principais motivos que os faz voltar à prática criminosa e assim, reincidir. O recluso tende a vivenciar opressões morais após a sua libertação, na medida em que a sua identidade passa a ser construída a partir de uma conceção de ex-presidiário. (Bitencourt, 1993). Sentimentos como a insegurança voltam a ser experienciados pelos ex-reclusos ao passe que a sociedade os exclui por esse mesmo rótulo, aumentando assim a probabilidade de reincidência criminal (Barreto, 2006).

Deste modo, os reclusos encaram a saída para o exterior como um prolongamento do aprisionamento ao estigma social, encarando o retorno à sociedade como extremamente difícil. Neste sentido surge uma identidade mais próxima do processo de marginalização, sendo que «a prisão não recupera ninguém; ao contrário, produz identidades reincidentes, geradas pelo preconceito da sociedade e intensificadas pela experiência na prisão pois a falta de projetos voltados à reabilitação contribuem com a falta de expectativas para o futuro e, ao mesmo tempo, para o reingresso em práticas desviantes» (Oliveira, 2009, p. 407). No que se refere aos participantes deste estudo, estes demonstram a intenção de alterar as suas condutas futuras, revelando sentimentos de arrependimento face crime cometido (incluindo aqueles que veem as suas penas como uma injustiça/castigo) admitindo futuramente refletir antes de agir, o que nos conduz ao pensamento de Oliveira (2009) de que a não reincidência dependerá, para alguns reclusos, da sua vontade e esforço individual em abandonar a criminalidade (Oliveira, 2009).

Por último, após abordados e discutidos os resultados, bem como a sua confrontação com a bibliografia existente, verificamos a possibilidade de corroborar a hipótese 2 apresentada nesta dissertação: “o recluso aceita a sua condição e não se estigmatiza, mas estigmatiza o outro. Não se reconhece no outro, pelo que não adquire uma identidade coletiva dentro da prisão. Encara a vida futura com normalidade”.

É de salientar que a presente investigação constitui um estudo exploratório acerca das temáticas do estigma e da identidade no âmbito da reclusão, fenómenos e temas aos quais não tem sido dado o merecido destaque na pesquisa e investigação (principalmente em Portugal). Procuramos, neste sentido, colocar o foco na exploração e discussão do seu conhecimento e não generalizar os dados desta pesquisa a toda a

população prisional. Trata-se, portanto, de um trabalho que pretende expandir saberes a respeito desta temática mas que, ao mesmo tempo, ambiciona desmistificar a mesma.

V. Conclusão

O artigo 11 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH) da UNESCO (2006) refere que «nenhum indivíduo ou grupo deve ser discriminado ou estigmatizado por qualquer razão, o que constitui violação à dignidade humana, aos direitos humanos e às liberdades fundamentais» (Godoi & Garrafa, 2014). A discriminação e a estigmatização constituem violações à dignidade humana, pelo que o estigma e a dignidade humana estão intrinsecamente associados sendo que um só existe na negação do outro. O estigma surge quando é retirado ao outro a sua dignidade e quando o outro é diminuído e inferiorizado naquilo que o constitui como ser humano (Godoi & Garrafa, 2014).

A construção da identidade pessoal ou coletiva depende da intersubjetividade, das relações que se estabelecem com o outro. Por meio da diferenciação ao outro dá-se o processo de individuação, pelo qual se configura o “eu”. Este “eu” só se constitui na relação com o outro, precede-o, pois é no olhar sobre o outro e no seu reconhecimento que nos percebemos a nós mesmos e nos autoconhecemos. Este reconhecimento é central na constituição da identidade e a sua privação produz uma identidade danificada, distorcida e reduzida, dando lugar a sentimentos negativos acerca de si mesmo (Godoi & Garrafa, 2014).

Embora o estigma seja concebido como uma marca ou atributo pessoal, é indiscutível reconhecê-lo como um produto social fruto das condições estruturais e das relações de poder estabelecidas na sociedade (Link & Phelan, 2001; Godoi & Garrafa,

2014). Nem todas as diferenças e desigualdades sociais constituem estigma ainda que se possam basear num rótulo. O estigma pressupõe portanto, uma perda de *status* e só existe se houver discriminação (Godoi & Garrafa, 2014). Quando um indivíduo é rotulado e o seu rótulo está associado a características negativas, surge uma construção racional que o desqualifica, rejeita e exclui; o estigma pressupõe que o indivíduo estigmatizado experiencie situações socialmente desvantajosas e que sofra de uma discriminação que o vai afetar negativamente, desprovendo-o de respeito próprio e do seu poder pessoal, autonomia e capacidade de autodeterminação e de sentimentos de não pertença, tornando-o vulnerável na interação com o outro (Godoi & Garrafa, 2014).

Perante estas constatações, foi possível verificar durante todo o percurso desta investigação que, em primeiro lugar, o cumprimento de uma pena de prisão pode provocar alterações nos processos identitários dos reclusos (Ferreira, 2013) e, em segundo lugar, estes enquanto sujeitos sociais em permanente interação experienciam a discriminação por parte da sociedade em geral, estigmatizando também eles o Outro. Quer isto dizer que, embora pertençam a uma minoria estigmatizada (ainda que não se revejam nela), os reclusos partilham dos mesmos preconceitos da comunidade exterior aos muros da prisão, face à condição de “reclusão”. Discriminam assim o seu grupo de pares através de uma atitude que demarca e reforça a diferenciação entre aqueles que são os seus princípios, valores, crenças e ideais, e os dos demais.

Haney (2003) apresenta algumas medidas ou soluções que poderão atenuar os processos de estigma e discriminação, evidenciando a necessidade de começar logo pela realização de progressos em prol de aliviar a transição da prisão para casa. Neste sentido, os sistemas prisionais devem primeiramente «tomar as dores da prisão» (Haney, 2003, p. 57) e fornecer aos reclusos programas que os readaptem às regras, valores e normas do mundo livre. Além disso, a prisão deve esclarecer os reclusos

quanto às formas em como esta os pode transformar, dando-lhes ferramentas para os ajudar a responder ao desafio da adaptação ao exterior. Deste modo, deve ser dada formação e assistência profissional com o intuito dos reclusos retomarem os seus empregos ou encontrarem novos, bem como deve ser dado apoio ao fortalecimento dos seus laços afetivos para que recuperem os seus papéis familiares. Os reclusos que manifestem sinais ou sintomas de doença física ou mental ou problemas de desenvolvimento em contexto prisional devem ter acesso a serviços de saúde de diagnóstico e tratamento especializados para facilitar a sua reintegração. Por fim, o autor reconhece que estes programas de educação, aconselhamento, saúde e terapia não devem ser implementados como parte do regime punitivo, ou seja, o recluso não deve ser coagido ou obrigado a participar neles, assim como não devem ser estruturados de tal forma que permitam vir a ser uma justificação para negar ou retardar a futura liberdade do recluso.

Bibliografia

- Abrunhosa, R. (2008). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. Coimbra: Quarteto.
- Anjos, V. N. (2015). Saúde nos estabelecimentos prisionais – Saúde nos reclusos” In R. Pocinho, V. Anjos, & P. Belo (Coord.). *Conversas de Psicologia e do Envelhecimento Ativo*. Vila Nova de Gaia: Euedito.
- Barbosa, A. (2012). Fatores preditivos da reincidência: análise de uma amostra aleatória de reclusos portugueses do sexo masculino. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade do Minho, Portugal.
- Barreto, M. (2006). Depois das grades: um reflexo da cultura prisional em indivíduos libertos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 26 (4), 582-593.
- Batista, M. (2004). Estereotipia e Representação Social: uma abordagem psicossociológica In A. Barker (Coord.). *The power and persistence of stereotyping*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Becker, H. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Berger, P. (1999). *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- Bitencourt, C. (1993). *Falência da pena de prisão: causas e alternativas*. São Paulo: Ed Revistas dos Tribunais LTDA.
- Cartwright, D. (1950). Emotional dimensions of group life. In M. I. Raymert (Ed.). *Feelings and emotions*. New York: McGraw-Hill.
- ___ (2013). Código das Penas e Medidas Privativas da Liberdade. In *Código de Processo Penal*. Coimbra: Edições Almedina S.A.
- Correia, J. C. (2004). *Comunicação e cidadania: os media e a fragmentação do espaço público*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Corrigan, P., & Watson, A. (2002). The paradox of self-stigma and mental illness. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 9(1), 35-53.

- Crocker, J., Voelkl, K., & Testa, M. (2000). Social Stigma – the affective consequences of attributional ambiguity. In C. Stangor. *Stereotypes and prejudice: key readings in social psychology*. Philadelphia: Psychology Press.
- Cronk, G. (1973). Symbolic interactionism: a “left-meadian” interpretation. *Social Theory and Practice*, 2(3), 313-333.
- Cunha, M. (2003). O bairro e a prisão: a erosão de uma fronteira. In J. Branco & A. Afonso (Org.). *Retóricas sem fronteiras*. Lisboa: Celta.
- Dias, J., & Andrade, M. (1992). *Criminologia – O homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>
- Dores, A. (2000). Prisões de Portugal. *Anais do IV Congresso Português de Sociologia*, Coimbra, Portugal.
- Erikson, E. H. (1971). *Infância e sociedade*. (G. Amado, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: W.W. Norton & Company.
- Espinoza, O. (2004). *A mulher encarcerada em face do poder punitivo*. São Paulo: IBCCrim.
- Fein, S., & Spencer, S. (2000). Prejudice as a Self Image Maintenance: affirming the self through derogating others. In C. Stangor. *Stereotypes and prejudice: key readings in social psychology*. Philadelphia: Psychology Press.
- Foucault, M. (1975/1993). *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. (10ª edição). (L. Vassalo, Trad.) Petrópolis: Editora Vozes Ltda.

- Frois, C. (2009). *Dependência, Estigma e Anonimato nas Associações de 12 Passos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Godoi, A., & Garrafa, V. (2014). Leitura bioética do princípio de não discriminação e não estigmatização. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 157-166. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n1/0104-1290-sausoc-23-01-00157.pdf>
- Goffman, E. (1961/1974). *Manicômios, prisões e conventos*. (D. Leite, Trad.). São Paulo: Editora Perspetiva S.A.
- Goffman, E. (1993). *A apresentação do Eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Goffman, E. (1963/2004). *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (4ªEd.) (M. Lambert, Trad.) Brasil: LTC Editora.
- Gomes, C., Duarte, M., & Almeida, J. (2003). Crimes, penas e reinserção social: Um olhar sobre o caso português. *Ata dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação*, Braga, Portugal.
- Gonçalves, R. (1993). *A adaptação à prisão: um processo vivido e observado*. Lisboa: Direção-Geral dos Serviços Prisionais.
- Gonçalves, R. A. (2002). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. Lisboa: Quarteto.
- Haney, C. (2003). The psychological impact of incarceration: implications for postprison adjustment. In J. Travis & M. Waul. *Prisoners once removed: the impact of incarceration and reentry on children, families and communities*. Washington, D.C.: The Urban Institute Press.
- Herkenhoff, J. (1987). *Crime – Tratamento sem prisão*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lallement, M. (2008). *História das ideias sociológicas: de Parsons aos contemporâneos*. (3ª Ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

- Link, B. & Phelan, J. (1999). Labeling and Stigma. In C. Aneshensel & J. Phelan (Ed.). *Handbook of the Sociology of Mental Health*. New York: Plenum Publisher.
- Link, B., & Phelan, J. (2001). Conceptualizing Stigma. *Annual review of Sociology*, 27, 363-385.
- Mak, W. W., & Cheung, R. Y. (2010). Self-stigma among concealable minorities in Hong Kong: conceptualization and unified measurement. *American Journal of Orthopsychiatry*, 80(2), 267-281.
- Marcia, J. E. (2006). Ego identity and personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 20(6), 577-596.
- Marques, A., & Figueira, J. (1995). *O preconceito – o eu e os outros*. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Marôpo, L. (2014). Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento. *Análise Social*, 210(1), 2182-2999.
- Matos, R., & Machado, C. (2007). Reclusão e laços sociais: discursos no feminino. *Análise Social*, 42(185), 1041-1054.
- Mead, G. (1967). *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press.
- Merton, R. K. (1948). The self-fulfilling prophecy. *Antioch Review*, 8(2), 193-210.
- Moita Lopes, L. (2002). *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- Moreira, J. J. (1994). *Vidas encarceradas: estudo sociológico de uma prisão masculina*. Lisboa: Gabinete de Estudos Jurídico-Sociais do Centro de Estudos Judiciários.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Forgas, J. (1981). *Social Representations*. Londres: Academic Press.

- Oliveira, E. (2009). Mulheres em conflito com a lei: a resignificação de identidades de gênero em um contexto prisional. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 9(2), 391-414.
- Oliveira, S., Carolino, L., & Paiva, A. (2012). Programa saúde mental sem estigma: efeitos de estratégias diretas e indiretas nas atitudes estigmatizantes. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 8, 30-37.
- Pickering, M. (2004). The Inescapable Concept of Stereotyping. In A. Barker (Coord.). *The power and persistence of stereotyping*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Plummer, K. (2002). O interacionismo simbólico do século XX: a emergência da Teoria Social Empírica. In B. Turner (Org.). *Teoria social*. Lisboa: Difel.
- Rainho, L. V. (2008). Homicídio em Portugal, contributo para o estudo do crime violento. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1653/1/tese%20final%20vers%C3%A3o%20cd.pdf>.
- Rodrigues, V. (2012). Construção de Identidades por ex-reclusos. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/9430>
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press.
- Schmid, T., & Jones, R. (1991). Suspended identity: identity transformation in a maximum security prison. *Symbolic Interaction*, 14(4), 415-432.
- Silva, C. (2012). A vida de ex-reclusos, por suas palavras. Os liames entre a vida na prisão e a (re)inserção social. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

- Stallybrass, O. (1977). Stereotype. In A. Bullock & O. Stallybrass (Eds.). *The Fontana dictionary of modern thought*. London: Fontana/Collins.
- Stangor, C. (2000). *Stereotypes and prejudice: key readings in social psychology*. Philadelphia: Psychology Press.
- Stohlrck, D. (2013). Em vez de prisionar, socializar. A incompatibilidade entre o encarceramento e a inserção social. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/91068/000914081.pdf?sequence=1>
- Tajfel, H., & Forgas, J. (2000). Social Categorization: cognitions, values and groups. In C. Stangor. *Stereotypes and prejudice: key readings in social psychology*. Philadelphia: Psychology Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup relations. In S. Worchel & W. Austin (Eds.). *Psychology of intergroup relations*, Chicago: Nelson-Hall Publishers.
- Thompson, A. (1976/1998). *A questão penitenciária*. Rio de Janeiro: Editora Forense.
- Uggen, C., & Wakefield, S. (2005). Young adults re-entering the community from the criminal justice system: the challenge of becoming an adult. In D. Osgood *et al.* (Ed.). *On your own without a net: the transition to adulthood for vulnerable populations*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Vala, J. (1986). Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 5-30.
- Varão, M. (2013). Concepções dos guardas prisionais acerca de grupos de reclusos diferenciados pela natureza do crime cometido. Dissertação de mestrado,

Departamento de Ciências da Educação, Universidade dos Açores. Ponta Delgada, Portugal.

Veríssimo, R. (2002). *Desenvolvimento psicossocial (Erik Eriksson)*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto.

Weber, L.N., Stasiack, G. R., & Brandenburg, O. J. (2003). Percepção da interação familiar e auto-estima de adolescentes. *Aletheia*, 17(18), 95-105.

Winnick, T. A. & Bodkin, M. (2008). Anticipated stigma and stigma management among those to be labelled “ex-con”. *Deviant Behavior*, 29(4), 295-333.

Woodward, K. (1997). *Identity and difference – culture, media and identities*. Londres: Sage Publications/The Open University.

ANEXOS

ANEXO I

Tabela: Reclusos condenados existentes em 31 de dezembro de 2014, segundo o sexo, os escalões de idade e a nacionalidade, por crimes.

Crimes	Sexo Nacionalidade	Total	Homens						Mulheres					
			Portugueses			Estrangeiros			Portugueses			Estrangeiros		
			16 a 18 anos	19 a 20 anos	21 e mais Anos	16 a 18 Anos	19 a 20 anos	21 e mais anos	16 a 18 anos	19 a 20 Anos	21 e mais anos	16 a 18 anos	19 a 20 anos	21 e mais anos
TOTAL GERAL (a)		11.673	8	80	9.297	3	15	1.640	0	0	502	0	0	128
CRIMES CONTRA AS PESSOAS		2.900	2	26	2.408	1	2	356	0	0	88	0	0	17
Homicídios		1.009	0	2	820	0	0	141	0	0	36	0	0	10
Ofensas à integridade física		350	1	9	296	0	0	31	0	0	11	0	0	2
Violência doméstica		287	0	0	263	0	0	15	0	0	9	0	0	0
Sequestro/ Rapto/ Tomada de reféns		284	0	1	220	0	1	53	0	0	7	0	0	2
Tráfico de pessoas		4	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2
Violação		203	0	6	156	1	0	40	0	0	0	0	0	0
Abuso sexual de crianças/ de menores dependentes		275	0	1	250	0	0	19	0	0	5	0	0	0
Outros		488	1	7	402	0	1	56	0	0	20	0	0	1
CRIMES CONTRA O PATRIMÓNIO		3.212	5	43	2.639	1	11	360	0	0	136	0	0	17
Furto simples e qualificado		1.496	1	12	1310	0	1	101	0	0	64	0	0	7
Roubo		1.492	4	31	1147	1	10	246	0	0	44	0	0	9
Burla simples e qualificada		85	0	0	57	0	0	5	0	0	23	0	0	0
Outros		139	0	0	125	0	0	8	0	0	5	0	0	1
CRIMES CONTRA A VIDA EM SOCIEDADE		1.161	0	2	932	0	0	165	0	0	51	0	0	11
Incêndio		78	0	0	70	0	0	6	0	0	1	0	0	1
Incêndio florestal		36	0	0	34	0	0	1	0	0	1	0	0	0
Condução perigosa de veículo rodoviário		136	0	1	122	0	0	11	0	0	1	0	0	1
Condução de veículo em estado de embriaguez ou sob a influência de estupefacientes ou substâncias psicotrópicas		258	0	0	235	0	0	22	0	0	1	0	0	0
Associação criminosa		78	0	0	38	0	0	33	0	0	3	0	0	4
Outros		575	0	1	433	0	0	92	0	0	44	0	0	5
CRIMES CONTRA O ESTADO		719	1	3	613	1	0	89	0	0	11	0	0	1
Resistência e coação sobre funcionário		268	0	2	231	0	0	31	0	0	4	0	0	0
Desobediência		152	0	0	141	0	0	10	0	0	1	0	0	0
Corrupção		13	0	0	7	0	0	4	0	0	2	0	0	0
Peculato		6	0	0	5	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Outros		280	1	1	229	1	0	44	0	0	3	0	0	1
CRIMES RELATIVOS A ESTUPEFACIENTES		2.217	0	2	1.456	0	2	502	0	0	173	0	0	82
Tráfico		1.817	0	0	1121	0	2	461	0	0	153	0	0	80
Consumo		379	0	2	317	0	0	38	0	0	20	0	0	2
Outros		21	0	0	18	0	0	3	0	0	0	0	0	0
OUTROS CRIMES		1.464	0	4	1.249	0	0	168	0	0	43	0	0	0
Cheque sem provisão		0												
Crimes fiscais		31	0	0	28	0	0	3	0	0	0	0	0	0
Condução sem habilitação legal		896	0	4	799	0	0	82	0	0	11	0	0	0
Outros		537	0	0	422	0	0	83	0	0	32	0	0	0

Fonte: Relatório Estatístico Anual (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais – 201

ANEXO II
Ofício de Autorização para a realização da investigação no Estabelecimento Prisional de Leiria (Regional)



Exmo(a) Senhor(a)
 Dra. Eliana Filipa Frazão Salgueiro
 eliana_fraza092@hotmail.com

<i>V/ referência</i>	<i>N/ referência</i>	<i>Ofício N.º</i>	<i>Data</i>
		221/DSOPRE	22.09.2015

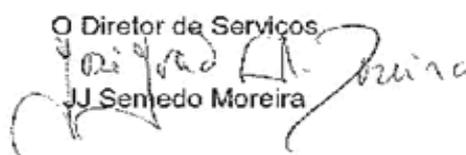
Assunto: Investigação académica para Mestrado em Psiquiatria Social e Cultural pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Senhor Diretor – Geral, Dr. Rui Sá Gomes, datado de 22/09/2015, foi autorizada, no âmbito do Mestrado em Psiquiatria Social e Cultural, a realizar a investigação académica no Estabelecimento Prisional de Leiria.

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do estabelecimento prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do trabalho;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade dos reclusos para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação, devendo também ser dado o consentimento para a gravação das entrevistas;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;
- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor de Serviços

 JJ Semedo Moreira

ML/2015

ANEXO III
Formulário de Consentimento Informado aos Reclusos (Modelo
disponibilizado pela FMUC)

CONSENTIMENTO INFORMADO

De acordo com a Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial e suas atualizações:

1. Declaro ter lido este formulário e aceito de forma voluntária participar neste estudo.
2. Fui devidamente informado(a) da natureza, objectivos, riscos, duração provável do estudo, bem como do que é esperado da minha parte.
3. Tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o estudo e percebi as respostas e as informações que me foram dadas.

A qualquer momento posso fazer mais perguntas ao responsável do estudo. Durante o estudo e sempre que quiser, posso receber informação sobre o seu desenvolvimento. O responsável dará toda a informação importante que surja durante o estudo que possa alterar a minha vontade de continuar a participar.

4. Aceito que utilizem a informação relativa à minha história pessoal e à minha opinião individual. Os meus dados serão mantidos estritamente confidenciais. Autorizo a consulta dos meus dados apenas por pessoas designadas pelo promotor e por representantes das autoridades reguladoras.
5. Autorizo o uso dos resultados do estudo para fins exclusivamente científicos e, em particular, aceito que esses resultados sejam divulgados à comunidade científica.
6. Eu posso exercer o meu direito de rectificação e/ ou oposição.
7. Tenho conhecimento que sou livre de desistir do estudo a qualquer momento, sem ter de justificar a minha decisão.
8. Fui informado que o estudo pode ser interrompido por decisão do investigador, do promotor ou das autoridades reguladoras.

Assinatura do Participante _____

Confirmo que expliquei ao participante acima mencionado a natureza, os objectivos e os potenciais riscos do Estudo acima mencionado.

Assinatura do Investigador: _____

Data: _____ / _____ / _____

ANEXO IV

Guião da Entrevista aos Reclusos

As questões que se seguem enquadram-se no âmbito da minha dissertação do Mestrado em Psiquiatria Social e Cultural da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, intitulada “Presos ao Estigma – Estigma, Autoestigma e Perspetivas de Inclusão Social dos reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria”. Estas são questões que procuram abarcar as diversas fases e campos da vida do indivíduo, conhecer os momentos marcantes e de mudança dos mesmos, com enfoque no período que precede a reclusão, a vivência do aprisionamento e as perspetivas de reinserção.

A entrevista será gravada em áudio para o efeito de facilitar a sua transcrição. A sua confidencialidade é mantida e garantida através do consentimento informado que assinou. Agradeço, desde já, a sua colaboração e disponibilidade.

I. Características Sociodemográficas

1. Sexo:
2. Idade:
3. Estado Civil:
4. É Reincidente?

II. Caraterísticas pessoais

5. Como se define? (personalidade)
6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)
7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

III. Contexto familiar

8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).
9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?
11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?
14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)
15. Como se vê enquanto recluso?
16. Como vê os outros reclusos?
17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)
18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?
19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?
20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?
21. Que motivos o levaram a reincidir?
22. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

23. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?
24. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?
25. Como encara o mercado de trabalho?
26. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?
27. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?
28. Há alguma coisa que queira acrescentar?

ANEXO V

Entrevistas realizadas aos Reclusos

Entrevista 1

Duração: (15m:20s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 34.
3. **Estado Civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

Sou orgulhoso, não gosto de falar muito, sou reservado... sou um pouco problemático por mim mesmo, por alguns problemas, tento fugir aos problemas mas eles estão sempre comigo. Tenho... tinha uma mulher, que é ex-mulher neste momento, um filho, que agora tem 13 anos e não fui estável derivado ao álcool, drogas, essas coisas todas.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Eu desde pequenino... fui abandonado aos 2 anos de idade, pronto, tive a viver com uma família adotiva e ... aos 9 anos descobri que tinha sido adotado porque eles não me tinham dito nada. Então, começou aí a minha rebeldia. Sai de casa aos 13 anos e pronto, levei uma vida complicada. Viver em casas abandonadas, a minha mãe não querer saber de mim... a verdadeira. Pronto, essas pequenas coisas.. Isso tocou-me um bocadinho.

A sua família adotiva depois não tentou ...?

Sim tivemos vários... pronto quando eu tava na rua tinha sempre contacto com eles, só que pronto, fugia sempre à regra.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Claro que sim, claro que sim. Porque eu com os meus pais adotivos pode se dizer que tinha tudo, mas não tinha regras não tinha nada, mas tinha tudo. Tinha o conforto, essas coisas assim... e depois foi por mim mesmo, foi a minha cabeça. Eu como te disse não gosto de falar muito sobre mim... Mas mudei, mudei, claro que sim, sei o que é o bom e o mau.

III. Contexto familiar

8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).

Instável... escrevi uma carta para a minha mãe, logo quando entrei, mãe verdadeira, e ela nem disse nada, nem me deu resposta para trás.

Então não consegue encontrar nenhum aspeto positivo nessa relação familiar?

Da família adotiva sim, tenho o afeto. Agora com a minha mãe verdadeira biológica não.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

Não é casado, disse que tinha um filho...

Sim.

Como é a sua relação com esse filho?

É boa, penso que sim. Pouco ou nada falo com ele derivado à mãe. Sim, é boa ... dentro dos possíveis.

Estando aqui dentro é sempre mais difícil não é?

É.

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

A humildade, ser amigo do meu amigo. Não sei mais.

E por quem lhe foram passados? Por essa família adotiva?

Pela família adotiva e não só, companheiros que tive, amigos, colegas. Porque amigos pode-se dizer que há poucos.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Era um bocado rebelde. Passei quase pelos estabelecimentos todos.

Como se caracterizava enquanto aluno?

Era razoável, tinha capacidades porque eu agora ando na escola e vejo que tenho capacidades. Interiorizo bem as coisas.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Foi boa, mas estive pouco tempo em várias empresas porque recebia o ordenado e depois esquecia, não ia mais.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Tristeza, angústia por saber que vinha preso, pensei no meu filho, essas coisas. No mundo lá fora... depois a correr e eu aqui dentro. Porque eu já estou aqui há 3 anos, eu sei que disse que não queria saber isso mas ...já fez há dois dias atrás três anos que tou aqui.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

É assim... do meu filho, sinto falta do meu filho, mas tou a adaptar-me bem. Mas é uma coisa que não me quero adaptar. Há muitos que fazem disto a sua casa e eu não quero fazer disto a minha casa. Faz-se boas amizades aqui... Lá fora era álcool, era drogas, era tudo. Aqui existe, como a gente sabe, mas podemos evitar.

15. Como se vê enquanto recluso?

Sociável.

Mas que ideia tem de si mesmo enquanto recluso?

Os crimes são diferentes, as coisas são diferentes. Acho que há pessoas que fazem pior e tão lá fora e eu, pronto, penso nisso também e faz-me confusão à cabeça.

16. Como vê os outros reclusos?

Não tenho razões de queixa, gosto de todos eles. Também, nunca me fizeram mal, também não tenho que não gostar não é?

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

É boa, é boa. Sou sociável como disse.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Aspetos mais positivos e negativos? Aspetos positivos é poder jogar às cartas, jogar à bola, ver filmes, ler, não sou de ler. Negativos é a droga, mais nada, não tenho mais nada a dizer em relação a isso.

E no fundo o isolamento não é?

Sim, também às vezes faço isso. Isolo-me um bocadinho e ando confuso da cabeça. Ligo aos pequenos pormenores, a tudo.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Aqui eu aprendi que temos que ser amigos do nosso amigo. E o que se passa na camarata ou em algum sítio não se falar a ninguém. Saber guardar segredos.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Claro que sim, isso nem tá em questão não é? Como já disse à pouco, quero sair, não quero voltar a fazer o mesmo. Quero ver se consigo. Porque à maneira que fui crescendo tentei fugir sempre do mal, mas parece que o mal tá sempre presente, puxa-me para aquilo. Não sei se me estou a fazer perceber. É preciso força de vontade... E ter fé...

Não ligar ao que os outros dizem...?

Mas isso acontece-me às vezes... Por falar em influências, eu já fui muito influenciável também. Diziam-me para fazer isto ou aquilo e eu fazia. É complicado a gente tar sempre a tentar fazer o bem... parece que há sempre alguma coisa que desvia. Lá fora eu não vou procurar as pessoas que não me procuraram aqui. Isso de certeza. Porque se eles sabem que tou aqui podiam mandar uma carta ou isso. Não são amigos, porque diz que os amigos veem-se é aqui na prisão e nos hospitais.

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Tou na escola, mas ultimamente tenho andado a faltar. Andei confuso da minha cabeça.

Não gosta?

Gosto, é ótimo para mim. Uma coisa que eu não fazia anteriormente, na minha idade, faço-o agora. E é a oportunidade que me deram.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Principal, principal é tar com o meu filho e depois logo se vê. Ter um trabalho, ver se mantenho o meu apartamento, que eu tenho um apartamento, depois logo se vê se vou com a namorada, que ela tá lá fora e eu tou cá dentro, ela ainda é nova, 19 anos. Ainda tem muito pela frente não é?

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Não sei, tento não pensar nisso porque se eu penso nisso vou-me um bocado a baixo. Então deixo andar. Não penso? Claro que penso, mas quando penso, tento pensar noutra coisa.

24. Como encara o mercado de trabalho?

Como encaro o mundo do trabalho? Sinceramente não sei, tou aqui há 3 anos e não sei como é que a situação tá lá fora. Se tá complicado se não tá ... Pelas notícias vê-se que tá complicado não é? Mas gostava de trabalhar em jardinagem ou em hotelaria... Pronto, porque eu sei fazer essas coisas. Qualquer coisa que aparecesse, neste momento se saísse, era qualquer coisa que aparecesse.

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Há sempre, há sempre. Aquele foi preso por isto ou por aquilo. Comentam sempre.

Isso depois também é uma questão relacionada com a manipulação da identidade não é? Ninguém é obrigado a dizer que esteve preso...

Não há que ter vergonha de ter estado preso, não é motivo de vergonha. Eu errei e agora tou aqui e depois lá fora... Para mim, ao fim e ao cabo, posso-lhe dizer que está a ser bom tar aqui também, tá-me a fazer ver outras maneiras, outras coisas.

Tal como um doente não tem que dizer que está doente, um ex- recluso também não tem que dizer que já esteve preso.

Pois... Mas há empresas que pedem...

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Não sei, porque há vários tipos de crimes.

Acha que tem influência o tipo de crime?

Sim, tem influência. Tipo pedofilia, violação... violência doméstica... Também já passei por isso, já tive essas situações, mas agora longe de querer fazer alguma coisa, prefiro virar as costas e vir-me embora ... tanto que aqui ensinou-me a não ser uma pessoa agressiva, já não sou agressivo, sou calmo... mas também era derivado ao álcool e essas coisas todas... as dependências.

Entrevista 2

Duração: (28m:50s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 57.
3. **Estado Civil:** Casado.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (e.g.: personalidade)**

Ao nível da minha personalidade? Personalidade em que aspeto?

Como é que se vê a si próprio? Qualidades, defeitos...

Qualidades, defeitos? Eu não vejo isso assim...

Por exemplo, se eu perguntasse, quem é o senhor, o que me diria?

Eu?

Sim.

Então... sou português, que nasceu no vale do paraíso... e depois fui aprendendo, fui vivendo normalmente, passando férias com os avós, com os amigos, fui tendo paixões e, por aqui ando desde que cá cheguei.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (eg: família, amigos, escola, trabalho ou outro)

Houve o 25 de Abril.

E porquê?

Por nada, porque estávamos a ser educados num sistema autoritário, não havia turmas mistas, as raparigas entravam por um lado, os rapazes por outro, a maneira como se andava nos colégios, aquilo que os professores ensinavam... todo o país na altura, a guerra colonial... éramos frequentados com ideias totalmente diferentes daquilo que se fala hoje, aliás, não percebo porque é que se tentou apagar a minha geração... talvez por isso os gajos da minha geração tentaram roubar isto tudo... já antes roubavam... (*risos*). E isso foi um problema, essas coisas todas que eles fizeram até hoje, obrigam as cadeias a estarem cheias e... não só por causa disso porque com certeza que infelizmente criminosos e pessoas com instintos ruins de roubos, de assaltos, penso que é isso pouco, aliás acho que é preciso mão pesada para isso... mas as cadeias também estão cheias de muita gente... os que não conseguiram fugir a tempo do país, que não emigraram... muita gente que teve de se pôr à chuva, digamos.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

(Referindo-se ao 25 de Abril) Na minha e na do país, e na dos seus pais de certeza... e na sua também (*refere-se à vida*), senão não tava aqui, a falar comigo na cadeia... possivelmente nem era formada, a não ser que fosse de uma classe bastante alta, das elites.

III. Contexto familiar

8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (e.g.: aspetos positivos e negativos).

É boa, é ótima, a melhor.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

Disse que era casado... tem filhos?

Sim. Tenho dois, tinha um, que faleceu aqui à uns anos... e tenho uma miúda com 26 anos...

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

O principal que eu sinto... que mais tarde vim a sentir... a principal coisa foi sempre a lealdade para os outros, como característica. Sempre fui leal para as pessoas, honesto, nunca tive problemas de desonestidade... trabalhei no duro, tonto também (*risos*). Sei lá, um bocado de tudo, mas eu sinto-me bem comigo mesmo.

E quem é que principalmente lhe passou esses princípios?

Sei lá... ao princípio foram os meus pais, depois... sempre os pais, depois comecei a aperceber-me, como disse, com quinze anos, dezasseis, quando foi o 25 de Abril. Nós estávamos a ser educados para uma coisa, de repente vem outra, outras ideias, depois comecei a aperceber-me, pronto, que não podia ser um barco sem rumo. Embora fizesse a festa quando tinha de fazer, tinha que se trabalhar, isto e aquilo, tinha que ser responsável para se obter as coisas naquela altura... naquela altura era assim, havia muito pouco dinheiro no país. E depois, acho que é a minha característica, que aprendi... eu aprendi a ser assim, lutei sempre pelas coisas, trabalhei sempre, tenho um negócio.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Na escola? Ah isso era mais as namoradas e jogar futebol. Era maluco... não era maluco, era rapaz na altura. Era mais de brincar, jogar futebol, bicicletas, motas. Também estudava, também gostava. Mas foi um período

muito conturbado. Nós somos novos... as pessoas da minha idade tiveram de ter essa educação e instrução, somos de fato da geração de grandes transições. Vivemos numa mudança e passagens administrativas e professores que nessa altura já não eram professores, aliás muita coisa que não é... e até agora se vê, é provável muitos gajos formados que não o eram, nem tantos anos depois, mas pronto.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Eu trabalhava para aí 16 horas por dia. Trabalhava por conta própria, também trabalhei no Estado... também fui funcionário público desde muito cedo, depois comecei negócios em que trabalhava muitas horas por dia...

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

O que é que eu senti? (*risos*) (*silêncio*) Sei lá, eu... eu acho que... eu só tinha sentido uma coisa horrorosa uma vez, que foi quando o meu filho morreu, quando começou a ficar doente e quando não teve hipóteses de sobreviver... falta-nos... a gente quer morrer... eu queria morrer. Aquilo que eu sentia, tinha desaparecido (*refere-se à entrada na prisão*). Não é por vergonha, não é por nada... Eu sei lá, eu nem sabia... eu nunca tinha estado dentro de uma cela e vi-me preso por uma coisa estúpida e não sei quê... preso... (*suspiro*) quer dizer, agora tou preso... agora apanharam-me com haxixe, nunca mais me largaram, estou preso, veja bem...

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Ninguém se adapta à prisão. Eu não me adapto nada à prisão. Agora se me perguntar de outra maneira...

De que sente mais falta?

Eu sinto falta de tudo. A única coisa que eu sinto falta é que isto não me faz falta, não me faz falta nenhuma, mas pronto.

15. Como se vê enquanto recluso?

Como é que eu me vejo em relação ao quê? À prisão, ao sistema? Aos outros? Eu vejo-me bem, muito bem mesmo.

16. Como vê os outros reclusos?

Depende dos seus olhos, mas... (*silêncio*) ainda bem que eu vejo mal (*tom irónico*)... com a idade estou a ver cada vez pior...

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (e.g. outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

São óptimas, absolutamente.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Referiu à pouco, que não se adaptava à prisão, então não encontra aspetos positivos aqui dentro...?

Vamos lá ver, eu não tou a dizer que a prisão não é necessária... eu não tou com isso a querer dizer mal da prisão, isto é uma coisa pessoal, ou da direção. Porque isto é assim, as pessoas fazem mal, tem de se chamar a polícia. Os bandidos não podem andar na rua e os bons presos.

Mas em termos particulares, o que gosta mais e menos aqui dentro?

Eu não gosto de nada. Há coisas que eu acho que são mais produtivas. Em primeiro lugar a escola, quando temos a sorte de ter bons professores, é gratificante. É gratificante o aprender, a pensar, a inovar-se, saber que o sol nasce todos os dias, é ótimo, sobretudo aprender, deixa de ser seca, deixa de ser mais um dia passado. É uma coisa que em si motiva, depois... faço futebol, corro todos os dias, corro um bocado até, mas isto é muito pequeno, é só um campozinho, um ringue, só cimento, não se vê árvores... não se vê nada. Talvez a escola seja o mais positivo. Agora isto não é dizer mal da cadeia, a verdade é que eu não gosto nada disto... eu detesto isto (*risos*), nem é tão pouco não gostar, eu detesto isto.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Eu não tirei nenhum, isto é um castigo, quiseram me castigar. Eu daqui não tirei ensinamento nenhum, isto é um castigo. O fato de dizer o quê... o que é que eu acho da liberdade? Eu já sabia isso, a liberdade é o maior bem, atrás da vida. A vida é o maior bem, depois a vida sem liberdade não faz sentido. Mas será que as pessoas sabem o que é a liberdade? Será que uma pessoa é livre porque segue regras? Será que uma pessoa é livre porque entra na liberdade dos outros? Será que é isso que é necessário para se ser livre? Será isso que é a liberdade? Se isto não partir de um conceito de não, de liberdade, de penalização, de despenalização... um conceito mais abrangente. O que é que nós queremos para a nossa sociedade ou como é que é fiscalizada a nossa sociedade. Isto nunca há liberdade, porque se você tem o azar de ter maus governantes, você nunca é livre, eles vão escravizá-la... são esses que nos trazem aqui. São esses que fazem milhares de jovens como você que estão no estrangeiro. São esses que fazem milhares de gajos roubar e fugir para se sustentarem, são esses que fazem a inflação, são esses que fazem um terreno rústico que vale 500 euros fazer valer 1 milhão. Isto é que é a liberdade? Estava só a divagar...

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Eu acho que não. Porquê? porque como lhe disse, tive fases e tive azares no meu trajeto, é uma coisa... é evidente que eu devia mudar, isto não é nada tar aqui há 2 anos, não é nada. Mas o problema é que nós somos animais de

hábitos e vícios. Eu não nasci a fumar e hoje fumo que é uma coisa doida, cigarros, mesmo dentro da cadeia, um maço, dois por dia. E lá fora também fumava, possivelmente fui apanhado agora como poderia ter sido à muito mais tempo, quer dizer... Fui buscar haxixe, olha, haxixe para mim, para fumar de vez em quando, com os amigos, porque....eu sou como outro gajo qualquer, devo ter um problema qualquer, psicologicamente incurável.

Mas ninguém é louco por fumar...

Eu pelos vistos sou, estou aqui à 2 anos (*risos*). Porque eles depois dizem-me que “ah você não pode ter tanto haxixe”, mas vocês já podem dever 200 ou 300 mil euros ou 400 mil. Você já tem de nos pagar 1000 de electricidade, tem de nos pagar impostos, nós temos de pagar tudo, mas depois não podemos comprar haxixe. Isto é como as máquinas de jogo, você não pode usar máquinas de jogo, mas vai à feira e elas estão na feira à venda. E outras coisas mais...Então mas se as coisas estão à venda... isto é como os carros. Hoje qualquer carroça dá 120, mas você não pode andar a mais de 120 na autoestrada, então porque é que os carros andam mais de 120?

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Eu estou na escola, mas não preciso de reinserção. Reinserção ao nível de quê, daqui ou de sair daqui? Para quê? Eu já sei o que me espera quando sair daqui. Eu tenho família, eu tenho trabalho, toda a minha família trabalha, a minha filha, a minha mulher... Eu tenho trabalho, tenho negócios, na rua, na minha rua, eu tenho bares, tenho restaurantes... Não sei, a reintegração só se for a nível social. Não vou poder chegar ao poder de certeza... já fui preso... também não queria, mas pronto.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

A primeira coisa que quero fazer... andar de mota no campo, depois ir ao espaço... (*risos*)

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Claro.

24. Como encara o mercado de trabalho?

O mundo do trabalho... eu não fiz mais nada senão trabalhar. A única vez que deixei de trabalhar foi quando fui preso. Eu tou aqui, veja bem como o mundo é... Eu tou aqui e pago a segurança social, pago IVA, sou o único preso que paga isso. Ah, e mais... eu tou aqui e vai fazer agora 1 ano em Junho que tava aqui à 1 mês e tal e roubaram-me 40 e tal mil euros, num

negócio, assim num dia. Tava eu ao telefone, com 5 minutos que tenho para telefonar a dizer à minha mulher “põe esses sócios na rua, fecha isso”. Sem um cheque, a minha mulher é que faz isso numa sociedade que eu tinha em que geria 2 restaurantes. Num mês roubaram-me 40 e tal mil euros e deixaram-me não sei quantas dívidas... e que tá tudo pago. A minha mulher também trabalha no Estado... tivemos que pagar tudo. Eu ando a passar mal por causa dos ladrões, percebe? Foi uma coisa que eu nunca fiz. Eu tou aqui preso por haxixe, não por ser ladrão. Olhe, foque bem isso, deviam acabar com os ladrões. É a pior raça, a pior escumalha que qualquer país pode ter. A cobiça, cobiçar a coisa alheia, roubar... isso não é nada. Eu só estou com esta conversa, porque me falou no trabalho. Eu não tenho problema nenhum com o trabalho. Então se eu tou aqui e sou roubado numa maneira destas. Eu tenho casas abertas à 40 anos e tou preso por haxixe, veja bem este juiz. Não sei quem é que estava ganzado, se era eu ou o juiz. Um miúdo que trabalha no Estado, um miúdo que começa a trabalhar, um miúdo que é empresário desde miúdo, sempre a trabalhar, é apanhado uma vez na vida, aos 56 anos e ele espeta-lhe com uma carrada de anos, veja bem de onde vem esse juiz. Quem é que é o pais desse rapaz? Que valores é que ele teve? O que é que ele quer? Que ideologias é que o movem para ele fazer isto, para não ser uma pessoa... já nem digo benevolente... para não acreditar... porque é que a seguir acreditam nuns e não nos verdadeiros? O que é que eu andei a fazer? O que é que esta gente quer?

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Ah vai haver de certeza, mas também se eu andasse lá fora, havia sempre discriminação. Porque és isto, ou porque tens umas sapatilhas, ou porque tas mal vestido, ou porque falas com aquele e aquele é feio, ou porque só falas com aqueles e aqueles são bonitos.

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Eu alguns acho bem que a sociedade se proteja, ou seja, as pessoas têm que se proteger, ninguém gosta de coisas desagradáveis... você não gosta de coisas feias, que cheiram mal (*risos*). Agora que saibam identificar o que é que é feio ou bonito. Eu acho que não vai ver nada bem muitos reclusos, não se pode ver bem pessoas que violaram, que sequestraram, que roubaram velhinhos. Ninguém normal, no seu perfeito juízo pode ver essa pessoa bem... ah, nem eu. Digo-lhe já que nem eu.

Entrevista 3

Duração: (10m:06s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 48.
3. **Estado Civil:** Casado.
4. **É Reincidente?** Sim.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

Acho que sou uma pessoa normal... sem stress, não tenho nada...

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Houve... a falta dos meus pais, por exemplo. Fui criado pelos meus avós. A minha mãe imigrou para aqui muito cedo, tinha para aí 7 anos.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Isto por acaso afetou e dificultou um bocado a minha infância, fui criado pelos meus avós como já disse. Opá, não sei, secalhar tive certas dificuldades, se tivesse juntos dos meus pais era diferente. Cresci com um avô e é completamente diferente. Um gajo tem muita liberdade, não aproveitei muito escola, tive falta de muita coisa.

III. Contexto familiar**8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).**

Positivo? Tenho uma boa relação com a minha família.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

Disse-me que era casado, têm filhos?

Tenho... são boas... apesar de estar nisto. Sei o esforço que fazem para vir aqui. Sou de Lisboa. Gastam muito... e não posso estar com os 3 ao mesmo tempo, porque aqui a visita não permite. Vou fazer 2 anos aqui e só vejo ou um ou outro, não posso estar com todos juntos.

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

Isso tenho de dizer que... secalhar os meus avós. Porque da minha mãe foi muito pouco. Depois vim para aqui. Tive sempre a minha vida... Tenho uma relação boa com a minha mãe também mas...

Devido ao isolamento também acaba por ser mais complicado não é?

Pois... é mais complicado.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Opá... eu sinceramente gostava da escola, mas, não sei se sei explicar, mas eu gostava de ir para a escola, mas eu não gostava de estudar. Gostava de ir prá escola fazer outras coisas... brincadeiras e assim. Eu por mim, passava o dia inteiro na escola, mas era para fazer brincadeiras com colegas e estudar é que era mais devagar...

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Trabalho... isso já trabalhei em muitas coisas... nas obras. Eu trabalho faço tudo mas...

Tinha boas relações de trabalho?

Tenho sempre boas relações. Sempre. Com as pessoas adapto-me bem... é fácil.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Isto foi... estragou-me tudo. Senti-me triste. Tenho família, sou muito ligado à família... isto foi um bocado para estragar...

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Normal. Aqui não muito que fazer e um gajo... É a escola... Coisas que eu mais gosto de fazer é treinar, aqui não tenho condições nenhuma. Um gajo tenta correr e jogar à bola...

Falta de espaço?

Pois, não há espaço.

15. Como se vê enquanto recluso?

Opá, sou uma pessoa tranquila, de camaradagem com colegas e é fácil. Não há stress. Tou na minha.

16. Como vê os outros reclusos?

Também bem. Alguns completamente diferente... mas cada um tem o seu estilo, acho eu. É mesmo assim.

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

São boas, são boas.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Negativos... eu posso dizer quase tudo, quase tudo. Mas também há coisas boas. A escola, por exemplo. Um gajo já começa a aprender qualquer coisa. Há as amizades das pessoas, apesar de tar aqui... Mas, passa-se.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Aprendi... por exemplo a escola, é onde tou a aprender mais. Aprendo também mais qualquer coisa com colegas, há coisas que a gente não sabe. Falo muito com os outros, aprendo qualquer coisa...

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Mudava tudo. Se eu voltasse atrás, mudava tudo. Eu não queria voltar para este mundo. Isto é um atraso de vida completamente.

21. Que motivos o levaram a reincidir?

Por exemplo, eu não tive com a minha mãe. A morte da minha mãe... a doença, quer dizer, da minha mãe levou-me muito a isto. Porque na altura eu não tava a trabalhar, só tava a minha mulher. Eu sempre vivi quase em 2 famílias. É a minha família, a minha mulher e os 3 filhos e ajudava sempre a minha mãe. Tava na minha casa com a minha mulher e ela (*refere-se à mãe*) tava nesta situação. Não tava com ninguém, a minha irmã estava em França. Tenho um irmão em França... isso tudo, tentar arranjar dinheiro, medicamentos... tentar salvar a vida da minha mãe e mesmo assim... Tive de arriscar aquele caminho que eu sabia que era errado, mas eu sabia, mas tive que arriscar. Não tive hipótese.

22. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

A escola.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

23. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Opá, é trabalhar. Tentar trabalhar e ajudar a família. Não sei por onde começar sinceramente. Mas basicamente, voltar aqui eu não queria, de certeza.

24. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Absolutamente.

25. Como encara o mercado de trabalho?

Tá difícil. Incerto.

26. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Não. Eu acho que não. Não acredito que isso... que nessa base... não... não.

27. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Opá se calhar até, tanto outros reclusos como eu também. Posso ser visto mal, um bocado, por parte... mas não digo que é completamente... Eu acho que não. Pelo menos tenho a minha família, e dos meus amigos acho que não vou ser mal visto pelo fato de ser preso. Se calhar se eu vou atrás de um emprego, arranjar um trabalho ou qualquer coisa, vou ser visto desta maneira... Se calhar “ah como já tiveste preso e *bababa*”, nesses casos...

Entrevista 4

Duração: (15m:22s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 24.
3. **Estado Civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

Não sei, nunca me fizeram essa pergunta.

Se eu lhe perguntasse: quem é o (nome do entrevistado)?

Sou um rapaz bacano, amigo do seu amigo, tá sempre tudo bem...

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

A ausência de pai e mãe.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

A maneira como via a família, para mim o meu pai e a minha mãe foram os meus avós. E em relação a isso, quando há dia do pai e coisas assim, só me refiro ao meu avô ou à minha avó.

III. Contexto familiar

8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspectos positivos e negativos).

Positivos... dou-me bem com a minha família. Dou-me 5 estrelas com a minha mãe, também me dou bem com o meu padrasto... Com as minhas irmãs tá-se bem...

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

(é solteiro, sem filhos).

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

Foi pelo meu avô, sem dúvida nenhuma. Não perder o orgulho em mim, sair de qualquer situação sempre de cabeça erguida e, sempre que puder ajudar... e não esperar sempre alguma coisa em troca.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Na primária era um bocado revolucionário. Logo, tinha uma professora que castigava bastante. Depois a partir do 5º ano até ao 9º, tive sempre boas notas, só que faltava muito e chumbava por causa disso.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Óptimas. Trabalhei sempre naquilo que gostava de fazer. Portanto não me posso queixar.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Não sei... (*silêncio*). Estava mais nervoso por saber que vinha para a cadeia do que propriamente por estar preso. Porque uma pessoa lá fora ouve que a “cadeia é isto, a cadeia é aquilo” e depois quando se entra aqui, principalmente nesta cadeia, nem sequer é (*imperceptível*), porque isto praticamente é uma creche.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Bem. Dou-me com toda a gente. Sempre que há alguma coisa, chamam-me para isto e para aquilo...

15. Como se vê enquanto recluso?

(*silêncio*) Não um recluso exemplar, como os diretores e subdiretoras imaginam o recluso. Cada um tem os seus desvios, não é? Mas sempre interessado em tudo, participo quando há qualquer coisa aqui na cadeia.

16. Como vê os outros reclusos?

Vai depender das idades. Por exemplo a mentalidade de uma pessoa de 24 ou 25 é diferente da mentalidade de uma pessoa de quarentas, 45. E uma pessoa tem de saber lidar com elas todas. E uma pessoa quer queira ou não, todos os dias que sai da cela pra fora, mesmo que tu queiras ou não, vê essa pessoa. E acho que basta o teu estado de espírito, a tua forma de ser e como costume dizer, mais vale cair em graça do que ser engraçado. E depois já vai depender de cada pessoa.

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

Dou-me bem. Há sempre um guarda ou outro que é um bocado mais resmungão, coiso e tal mas, dou-me sempre bem com os guardas, com o subdiretor também me dou bem. O senhor diretor sempre que passa por uma pessoa cumprimenta, sempre bem educado e tal, tá-se bem.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Positivos foi a questão de eu parar... da vida lá fora. Já muitos crimes, muita coisa que aconteceu, muita coisa que não queria ver e que vi. E, entrei aqui dentro e foi tipo... fazer uma pausa. É como se uma pessoa... quando vai limpar um computador, tás a ver? Uma pessoa entra aqui, mentaliza-se que vem passar aquilo que fez lá fora. Tudo o que tu fazes, tem uma consequência ou não. A consequência pelos meus atos, tou a cumpri-la agora. Cumprir os meus anos, sair de cabeça erguida e lá fora... jamais voltar aqui para dentro. Aquilo que eu me mentalizo e aquilo que eu quero todos os dias é sair lá pra fora e ser aquilo que eu todos os dias sou aqui. Basta eu acreditar.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Ensino... ensino em si... Isto é a escola do crime. Tu entras a saber uma coisa e saís a saber o triplo ou o quádruplo. Agora, ensino é só a questão se tu quiseres aprendes o lado bom e aparece a escola, aparece um curso. Tu entregas-te de alma e corpo e essa tua coisa por dentro vai melhorando. Passa-se melhor o tempo e coisas assim... Mas agora se tu quiseres mesmo sofrer na cadeia, não fazes nada, tás no teu canto, comesas a dar em maluco só de tares a pensar “o que é que eu vou fazer?” ou “o que é que eu fiz ou deixei de fazer?” e pronto...

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Mudava. Porque não foi por falta de aviso. Mudava tudo. Por um lado, se eu continuasse no mundo do crime pensava 2 vezes antes de o fazer. Por exemplo, quando eu tava lá fora o crime que eu ia cometer era pensado. Por exemplo, eu tinha que ir aqui, mas tinha que saber o caminho por onde tinha de fugir, por onde é que aparecia a polícia e coisas assim. Agora, uma pessoa tando cá dentro, a mentalidade muda. Independentemente de eu ter entrado com 22 anos, já são 2 anos que já tenho aqui muita coisa e que me fez abrir os olhos...

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

A escola. Apresentei um processo em que levei pena suspensa e isto são regimes próprios. Por exemplo, não posso acusar drogas e tenho de finalizar a escola. E para esses meus 2 objetivos... é chegar ao fim desse

processo, sem qualquer consumo e tentar, o ano passado foi o segundo e agora, tentar estabelecer o primeiro, acabar a escola.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Penso sair da cadeia, inscrever-me num ginásio, tirar a carta por sinal de segurança, aprender... e depois aí gerar a minha vida. Porque a minha vida lá fora era sempre vida noturna e se eu puder fazer dessa vida noturna mas a meu favor, já é outra coisa.

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

A minha família sim, agora amigos, não são amigos que uma pessoa tem. Uma pessoa tem conhecidos. E isso dos amigos para mim... é mais fácil, por exemplo, encontrar ou tu encontrares um amigo aqui dentro do que encontrares lá fora. Porque eu acho lá fora é tudo... só amigos de café, quando tás bem vou ter contigo, quando tás mal, até te mandam umas palmadinhas nas costas, mas tão te sempre a lixar a vida e aqui... A família e os amigos, ou os conhecidos é diferente.

24. Como encara o mercado de trabalho?

Bem, sem nenhum problema.

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Claro que sim. Por exemplo, eu vivi em Condeixa e como é uma vila, aquilo... ou o que tu fazes aqui, daqui a um bocado já se sabe. E por exemplo, souberam que eu andei envolvido em consumos de droga, uma pessoa leva logo o rótulo de drogado. Agora, uma pessoa vai para a cadeia, é mais um rótulo e é sempre tudo a cair sempre em cima de uma pessoa. E mesmo com pessoas amigas ou conhecidas, vão sempre encarar com desprezo... Agora o meu objetivo é passar o tempo com a minha família e depois conseguir desaproximar-me dali... Há pessoas que são mesmo cadeia, há pessoas que respiram cadeia e há outras que não e... por exemplo ainda no telejornal disseram... um homem teve preso 5 anos, teve na rua e voltou a cometer crimes e veio outra vez para dentro. Isso é uma pessoa que respira cadeia... a vida dela vai só depender da cadeia.

Uma pessoa não pode adaptar-se demasiado à cadeia...

A pessoa tar na cadeia e tá só a pensar em lá fora, é complicado, porque o que vais fazer, é a tua vida aqui depender do que acontece lá fora. Mas se tu pensares só no que está aqui dentro e saberes que depois te vêm visitar, telefonam e isto e aquilo... o teu interesse é contigo próprio, és tu que tás cá dentro, és tu que tás a cumprir a pena, logo, o que se passa lá fora... é claro

que tu telefonas, a tua mãe e as tuas irmãs dizem qualquer coisa e mexe connosco, não digo que não, mas uma pessoa tem de pensar que tá preso e que temos que passar tempo aqui dentro, levar o melhor que conseguirmos e depois, fazer alguma coisa lá fora.

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Como é que vai ver... vai sempre depender do crime que cada um cometeu.

Acha que depende do tipo de crime?

Tem, tem. Por exemplo, um violador, aqui por exemplo... teve aqui um que, mal saia da cela, levava enxertos de porrada, depois voltava outra vez para dentro da cela e era fechado, coisas assim. Agora, aqui dentro são recriminados de uma maneira, mas pelo lado negativo, porque se tamos aqui é porque somos todos iguais independentemente do crime que cometeste, pronto, para começar. Agora, quando saís lá fora e por exemplo, vais para a tua terra e... “eiii tu és violador”, “tu foste ladrão”, “tu foste traficante”, vai sempre depender do tipo de crime que fizeste. Acho que sim.

Entrevista 5

Duração: (14m:33s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 29.
3. **Estado Civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

Uma pessoa alegre, bem disposta. Com facilidades de fazer amigos. Às vezes um bocado embirrento, acho que não há mais...

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Não foi assim uma coisa muito forte mas... tocou-me um bocadito... por acaso eu sou adotado, desde os meus 7 dias, que eu nasci... soube isso muito novo. Fiquei assim um bocadinho revoltado e isso. Mas de resto...

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Não, acho que não. Por acaso os meus pais, estes meus pais, disseram-me tudo. Pronto, as verdades, muito novo e mostraram-me quem é que era a minha família, a minha outra família. Mas nunca... não mudei.

III. Contexto familiar**8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).**

É boa, é boa. Lá fora a minha mãe era bué de protetora, eu acho que foi um bocadinho por causa disso que me envolvi com as pessoas que não devia. De resto, vim preso, tive um filho... agora o pior é não tar a ver o meu filho e isso. De resto...

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

Ele tá com a mãe (*refere-se ao filho*). A mãe dele também tá detida. Ele já nasceu dentro da prisão. Não o vi nascer mas, passado 1 ano que ele nasceu, teve 1 mês em casa dos meus pais. Já pude estar mais tempo com ele. Ele conheceu-me um bocado mais. Porque aqui é complicado porque a

gente temos os direitos e os deveres de os ver uma vez por mês, mas é raro, é quando eles querem. A primeira vez que ele me veio ver aqui, tava com os meus pais e parecia que já não me conhecia... até apanhar aquele, como é que hei-de dizer... aquela confiança, chorava quando eu agarrava nele e isso, mas agora, já tem 3 anitos, já percebe, já sabe.

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

Os meus valores foram passados pelos meus pais. Porque eles educaram-me para eu ser aquilo que eu sou hoje. Se eu sou aquilo que sou hoje, foi mais pela minha cabeça. Como é que eu hei-de dizer... influenciaram-me.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Era um bocadinho, ao princípio, não faltava às aulas, até era bom aluno, mas depois passado o Natal, começava já mais a desmazelar-me. Começava a faltar, ia com colegas para sítios...

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Eu só tive um emprego que foi numa fábrica de vidro na Figueira da Foz. De resto tive sempre a trabalhar para o meu pai, porque o meu pai é empresário.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Senti medo. Aquele receio de ter feito uma coisa má, de ter... por acaso quando eu fui detido, os meus pais não sabiam... depois tava sempre com aquele pensamento “eia, não vou ver mais os meus pais”. Depois tive aquele receio, “ei vou entrar numa prisão, onde nunca tive”. Via muitos filmes das prisões, tinha muito medo que era como aquilo. Foi um bocado complicado.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Agora tá bom. Os princípios, pronto, não tava a adaptar-me bem, andava a fazer algumas asneiras, mas depois... Fui condenado, tive que pensar que tinha sido uma pena pequena. Tinha que pensar que tinha de voltar para a rua. Tive alguns castigos, mas foi os princípios dos anos que tive preso. Agora, tou na escola, já me comporto bem, já fui 2 vezes a casa... Este ano vou-me embora para casa, vou agora dia 31 ao juiz, vamos lá ver.

15. Como se vê enquanto recluso?

Agora, eu vejo-me... não posso dizer que sou um recluso exemplar, mas, tou no intermédio. Já fiz coisas más...

16. Como vê os outros reclusos?

Alguns são reclusos exemplares, mas há outros... não são assim muito exemplares...

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

São boas.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Essa pergunta... Sentir falta, sinto falta de muita coisa. Tar mais tempo com a minha família, poder passar mais tempo com o meu filho. Aquilo que eu já perdi foi vê-lo a crescer e a agora gostava de passar um tempo, pronto, dos 3 anos para os 4, para os 5, pronto passar com ele. Vê-lo a crescer mais. O que eu não gosto é os comeres, também não temos muita coisa para fazer. Pronto agora temos estas oportunidades da escola, mas antes não havia nada disto... Há falta de atividades.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Mudei. Tipo eu na rua ia muito pela cabeça dos outros, diziam-me “oh (*nome*) vamos ali ou acolá!”. Agora eu aqui... os nossos verdadeiros amigos são a nossa família. Antes eu tinha os meus amigos e tudo, desde que vim parar aqui, ninguém me veio ver, só a minha família... É complicado.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Mudaria, mudaria.

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Sim, a escola. Às vezes chamam-nos para falarmos e isso, mas nada mais.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras**22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?**

Seguir o trabalho do meu pai. Poder continuar o negócio dele e tar com o meu filho e a minha família. Não voltar a fazer asneiras.

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Sim.

24. Como encara o mercado de trabalho?

Um bocado difícil. Pronto na minha situação, como eu tenho o meu pai, ele vai-me ajudar. Mas vejo muitas pessoas aqui que vão para a rua e vai ser complicado arranjam emprego. Vão olhar para eles de uma maneira diferente.

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Algumas pessoas. Algumas pessoas tipo aquelas pessoas mais... com mais idade. Eu agora fui de precária, fui a um café, viram-me, disseram-me “ah já voltaste?”, “vê lá se não fazes as mesmas coisas”. Têm aquele preconceito. Ficam mais com o pé atrás da pessoas. Julgar e isso.

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Como isto anda... acho que depende.

Acha que depende do tipo de crime?

Sim, depende. Eu acho que há diferenças. Pelo menos a gente aqui pensa que sim, agora lá fora... não sei. Porque por falta de carta ou multas, acho que pensam de uma maneira, pelo menos a gente aqui. Agora por crimes como violência doméstica, pedofilia, isso a gente aqui também pensa doutra maneira...

Entrevista 6**Duração: (1h:32m:36s)****I. Características Sociodemográficas**

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 51.
3. **Estado civil:** Casado.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

A minha personalidade? É um bocado complicado de responder. Ora bem, sou uma pessoa afável, brincalhona... brincalhão no bom sentido da palavra, de andar sempre bem disposto. Tou preso e tou sempre bem disposto, sempre na brincadeira, sempre a meter gozo. É o meu lado mais humorista. Assim brincalhão, sou afável, dou-me bem com toda a gente. Nunca tive problemas nenhuns. Tive uma vez um problema aos 25 anos, com um desentendimento, mas isso foi uma coisa passageira. Foi uma noite... o outro rapaz era meu primo e tava com os copos e agrediu-me... de maneira que não sou pessoa de andar com coisas, nem nada, não sou de meter na vida dos outros, não sou uma pessoa coscuvilheira, nem nada disso. Sou amigo do meu amigo quando o amigo me fala... quando não me fala, também não vou à procura de falar. Estou no meu canto, faço o que tenho a fazer, dentro daquilo... do meu conhecimento, de algum conhecimento que eu tenho. E quando não sei, também gosto de inventar. E também sou um bocado, como é que hei-de dizer... curioso. Criativo numa base curiosa, de ver, ou de ouvir falar sobre, e depois desenvolver aquilo que ouvi. Mas também é a profissão que tenho. Também parto muito do princípio da criatividade. Falo porque... às 7 da manhã o patrão dá-me um papel diz-me assim “isto tá assim, quero isto x, para levar x, tens lá as máquinas e o camião, desenrasca-te”. E eu chego lá e tenho de ser criativo. Tenho de desembrulhar e ás vezes não é fácil. As pessoas nem sempre são compreensivas. Já fui corrido à forquilhada por uma senhora de 70 anos, só porque estava a arrancar uma oliveira do terreno dela, mas tinha ordem do presidente da câmara, pronto, a senhora não compreendia. É aquela coisa, pessoas de certa idade e a senhora devia ter conhecimento. Uma pessoa tem ordens de toda a gente, menos da senhora que devia ter o conhecimento, mas ninguém lhe disse (...). Coisas assim caricatas, que davam um filme.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento,

ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Tenho vários. Vários, variadíssimos. O meu pai era oleiro, o meu avô da parte da minha mãe era agricultor e tinha tido um acidente com uma carroça, não ficou totalmente paralisado, ficou com a coluna arqueada, então andava com duas bengalas. E nós como éramos garotitos, eu era o segundo neto, do sexo masculino... ele à segunda-feira, quando havia férias da escola, ele ia ter com o meu pai e “ah o garoto podia vir, dava jeito isto e aquilo”, pronto na agricultura, ou dava a enxada ou limpávamos os depósitos do vinho e quando era limpar os depósitos do vinho era uma coisa muito engraçada (...). Dava-nos um copo de vinho, ou um cigarrito, como gratificação... quer dizer, por ele tar satisfeito por aquilo que eu tinha realizado para ele (...). Mas naquela altura não havia estes pormenores, estas discussõezinhas, esta ideologia que foi formalizada através dos tempos, e está a ser formatada por quem não tem conhecimento. Porque as pessoas que hoje que falam, que protagonizam esta ideologia “ah não podemos ter isto aqui porque parece mal” é uma ideologia idiota. Mas é idiota não é de quem tem ideias, é idiota de idiotice mesmo (...) *(refere-se a certas normas e costumes de trabalho da altura bem como a instrumentos que eram utilizados na agricultura hotelaria e que caíram em desuso)*.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Ah sim. O ser o que sou hoje, o saber o que sei hoje, deve-se mesmo a esses fatos de infância. Do meu pai ser caçador e de eu o acompanhar desde os 11 anos, de andar atrás dele a acartar molhadas de coelhos e lebres, perdizes, andar por montes e vales no Alentejo. De Castelo Branco até lá baixo ao Algarve. Conhecer o que conheço. Foi por essas vivências, por essas aprendizagens... Tudo isso influencia a aprendizagem de vida.

III. Contexto familiar

8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspectos positivos e negativos).

Como assim? Atualmente? Com a minha família sempre tive relações normais, aliás, eu mais ligado à parte da família da minha mãe. São 5 irmãs. Tenho 12 primos e primas. Mas dou-me bem com eles todos. Quando alguém tá doente, a gente visitava-se (...). Com os meus irmãos igual (...) tenho sempre uma ligação. E também o fato das minhas garotas serem deficientes também ajudou... a que a maneira de pensar se alterasse. Ter duas garotas, são gémeas, têm 28 anos... Quando a partir dos 4, 5 anos a gente soubemos que elas eram mesmo assim, autistas, foi quando o *(nome do filho mais velho)* nasceu, depois passado uns anos... Com elas tivemos de manter o mesmo tipo de relacionamento, com ele tivemos que ter outro

tipo de relacionamento porque ele começou a dizer aquilo que elas nunca disseram... começar a falar, a andar, normalmente. É sempre diferente. Depois a mulher teve o outro mais novo, o (*nome do filho mais novo*), com um feitio completamente diferente. À medida que se vão desenvolvendo, vão se notando as diferenças entre eles próprios, eles os dois (*filhos rapazes*), um tem uma maneira de ser, outro tem outra, um vai para a esquerda, outro para a direita, e elas (*filhas*), ali no meio, nem tendem para esquerda nem para a direita. Elas são água límpida, eles, um é uma água mais turva e o outro, mais escura ainda, porque anda sempre à procura de querer fazer alguma coisa (...). Um dos motivos que me trouxe para aqui, foi uma discussão com ele, na qual fui acusado de violência doméstica verbal e psicológica. Quer dizer, eu já nem na minha casa posso mandar. A escola começa dia 7 de Setembro e ele, no dia 18 de Novembro... telefoname uma senhora a dizer que ele andava a faltar: “tem de ter uma conversa com ele”. E eu “então andas a faltar à escola?” e ele “ah que pergunta”. Eu fui jantar e tava-lhe a perguntar e ele ainda a brincar comigo, com o telemóvel na mão... e eu pronto. Respondeu-me de uma forma menos correta e eu disse “vai lá para fora arrefecer as ideias ou clarear as ideias, se não qualquer dia chateio-me e ponho-te fora de casa”... Tem 20 anos... Ele saiu, fechei a porta e continuei a jantar. Ele volta para trás, espeta 2 pontapés na porta e parte o vidro todo, para cima dos pratos, para cima de tudo. Chamo a guarda, e venho preso. E tá feito, e tou aqui desde 20 de Novembro de 2013. Isto foi no dia 18.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

(*respondeu no seguimento da questão anterior; que é casado e tem 4 filhos*). Eu sei que fiz mal, dei uma chapada à minha mulher. Pimba, apanhei 2 anos, depois com a questão das garotas, apanhei outros 2, tinha uma pena suspensa que estava a terminar... é tudo violência doméstica, mas eu sei que fiz mal... O que é que eu hei-de fazer, agora nada. A minha mãe já diz que é castigo a mais... já é castigo a mais: “não mataste ninguém, não roubaste, não violaste, já é castigo a mais”. Eu dei um estalo à minha mulher, ela andou uns 7 ou 8 metros aos trambolhões, não foi aos trambolhões... foi de lado, pronto. Mas ela não tinha nada que me insultar. Não tinha um talher limpo para jantar, não tava o jantar feito, não tava nada, às dez e meia da noite. Eu vinha cansado do trabalho, bebi umas cervejas antes de vir para casa... tinha parado no café. Saí da carrinha, comi uma bifana, bebi duas cervejas, bebi uma bica e meio bagaço e tive lá um bocadito... joguei uma sucada e fui para casa. Chego a casa: “Filho da p****!”, opá... não tenho explicação... Eu posso ter culpa mas a primeira acusação foi ela... foi momentâneo, naquele dia. No outro dias as pessoas acordam e está tudo bem. O que acabou por acontecer foi eu vir detido, eu ser preso e acabar com um casamento de 28 anos. Porque não há reconciliação possível. Eu já imaginei, imaginamos que eu vou para a rua, vou ter com ela, de repente lembra-se de telefonar à guarda, porque eu

chego tarde ou porque eu não fui dormir a casa e depois é “ah ele deu-me um estalo”. O mínimo era mais 2 anos, como já apanhei. Não existe confiança absolutamente nenhuma, até digo mais, isto... eu até começo a ter medo de me relacionar com alguma mulher. Se se lembram de me acusar de alguma coisa, vou logo (*preso*). É um medo que fica e que se entranha. Eu falo por mim e por conversas que tenho com outros colegas, uns que já saíram e que dizem que aquilo lá fora tá de uma forma ou de outra e que é complicado... Agora tenho medo... Uma pessoa também não leva um rótulo, mas tem duas hipóteses. Ou sai da área onde reside e vai para outra, ou emigra, lá para fora, e espera que isto passe a esquecido, ou então se vai para a área onde reside tem que se distanciar, e tentar passar despercebido... E depois outros pensamentos que passam pela cabeça aqui dentro... muitas horas vagas... E há sempre a preocupação do reencontro. Como é que vou proceder? E a questão dos filhos... contacto vai ter de haver sempre, porque há que fazer o acompanhamento, ver o que é que precisam... (...).

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

Os princípios de hoje devem-se a toda a gente que eu conheço. E vem desde a infância. Que palavra dada, vale mais que o dinheiro, vale mais que um papel assinado. O enfrentar as pessoas e olhá-las na cara, dizer-lhes o que é e não o que elas querem ouvir. Não é chegar ao pé das pessoas e dizer “ah tá tudo bem”, quando na realidade... a pessoa quer ouvir isso, mas... frontalidade. E o respeito pelos outros, apesar do respeito por si próprio ser mais importante do que aquilo que os outros pensam... mas respeitar a opinião dos outros, o respeito pelos outros. Aliás todas as pessoas que conheci e mesmo a trabalhar, mesmo durante o trabalho, nas várias... eu vou dizer sociedades, porque é mesmo sociedades, vir fazer um trabalho para a cidade é completamente diferente de trabalhar numa aldeia, e ser reconhecido (...). Apesar dos pontos fulcrais da educação serem idênticos, a maneira das pessoas é totalmente é diferente (...) (*refere-se ao ambiente de trabalho nas cidades e nas aldeias*).

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Digamos... consegui ir buscá-las (*memórias*), não digo todas, mas maioritariamente desde que tou aqui fechado. E desde que fui para a escola, fui buscar coisas que nem sabia que tinha aprendido. Foram-me transmitidas na altura, foram interiorizadas mas num sítio recondido, onde agora fui relembrar. Até lembro-me agora das aulas que tive com a minha professora, a Dona Irene, e aulas de inglês. E nos feriados íamos para a biblioteca jogar xadrez (...) Educação visual... lembro-me de fazer um

tapetezinho com um palhaço, com agulha e com linha... tudo isso, as memórias voltaram. Secalhar foi de ter deixado de beber também (*risos*).

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Enriquecedoras, todas elas. Desde a obra à cerâmica, à mecânica, à construção civil e quando digo construção civil, digo o bolo todo da construção civil, tudo o que está envolvido, o conhecimento que adquiri...

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

No dia em que fui preso... (*silêncio*) eu vinha de tal forma... o meu juízo estava com a consciência daquilo, do ato que fiz, para mim, que não foi violência nenhuma, foi só, verbalizada. Mas, era... um misto de angústia, insatisfação, revolta... Mas também de consciência de que não tinha agido da melhor forma, podia ter tentado resolver a situação de outra forma. Mas o fato de achar que o juiz não teve em conta que o pai deve dar educação ao filho, custar ela o que custar. Neste caso a mim custou-me a liberdade. Mas é o pai que tem de dar educação, não é o filho. É o pai dentro de casa, dentro das quatro paredes que são a casa dele, é que deve mostrar a educação que é dada. Não é o juiz tirar a tutela ao pai, digamos assim. Porque neste caso, o que o juiz me fez quando me condenou por violência verbal e psicológica foi retirar-me a tutela da educação. Sou eu que sou o pai, sou eu que mando, dentro daquilo que é meu, as minhas ordens é que devem permanecer. Se eu digo que é assim, é assim que deve ser. Até pode estar mal feito, mas também não diz respeito ao tribunal... sou eu que tenho de responder por isso. Agora não fui eu que faltei às aulas, não fui eu que me mostrei arrogante, como ele fez, nem desrespeitei ninguém. Simplesmente lhe disse “vai lá fora arrefecer as ideias, senão meto-te fora de casa”. A casa é minha. A palavra revolta é neste sentido, é de injusta e de, eu diria mesmo, que é uma incompetência do juiz que me julgou. O juiz que me julgou é incompetente. E não tenho problema nenhum em afirmá-lo. Porque algum dia o filho dele faça o que o meu fez, eu gostava de estar presente a assistir à discussão para ver o que é que ele diria ou para saber como é que ele iria agir. Eu agi com toda a calma, talvez com a voz um pouco exacerbada, mas normal numa discussão em casa, mas sem preconizar violência. Agora já está, já está, o juiz mostrou a competência ao condenar-me, apesar da incompetência que eu lhe atribuo, tenho que a aceitar.

O seu filho depois nunca mostrou ficar do seu lado?

Não, não. Ele tem um feitio completamente... diferente (...) Não quer saber de nada. Se tiver um problema não o comunica a ninguém. Tem mais facilidade em contá-lo a alguém noutra lado do que explicá-lo propriamente em casa, ou transmitir ao pai ou à mãe, não diz nada (...).

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g. o que sentiu mais falta...)

Ah isto já tá mais que adaptado. Eu oiço dizer que aquilo lá fora tá tão mau, tão mau, que eu até já pensei em prolongar a estadia. Então, tenho cama, tenho comida, tenho casa de banho no quarto onde durmo, tenho um balneário, tenho água, tenho televisão, tenho tudo... só não tenho, digamos, só não tenho amor, é assim mesmo. Só não existe amor, existe convivência, mas não há companhia, nem companheiro nenhum, aqui dentro, não... Há um ou outro com quem uma pessoa consegue ter uma conversa, mais à vontade, mais elaborada, e outros, bom dia, boa tarde, boa noite e pronto. E há coisas que é melhor tar afastado, se tá do lado direito, a gente passa para o lado esquerdo... Aqui dentro tem de se fazer essa escolha.

15. Como se vê enquanto recluso?

Como é que eu me vejo a mim próprio? Vejo-me como uma pessoa pacata, humorista, educado... e não provoco problemas.

16. Como vê os outros reclusos?

No princípio era mais complicado. Ver... uma pessoa lá fora tem uma ideia... vê a cadeia de maneira completamente diferente. Mas quando se chega cá dentro é totalmente diferente, em todos os aspetos. Depois há coisas que pareciam mais fáceis e são muito difíceis, que temos ideia lá fora... mas isto no geral. Não digo que não haja cá dentro nada que nos possa prejudicar, de fato, na realidade até é muito o contrário. Aquilo que mais procuramos fugir, está cá dentro. É desse problema que eu digo que... se estão do lado direito, a gente passa para o lado esquerdo. Depois a socialização também tem de ser adaptada a cada um. Porque, para mim é mais fácil conviver com pessoas que cometeram o mesmo tipo de crime, do que por exemplo, com um pedófilo. Aqui nem há socialização, repugna-me mesmo. A ideia de me puder sentar à mesma mesa que ele, repugna-me. E de vez em quando acontece... depois andam aí com a cara inchada. Não é que seja eu. Mas não é só a mim que me repugna, repugna os outros em geral. Como violação... não sei, não entra, não consigo, por muito que tente... associar a pessoa que estou a ver ao crime que coiso... uma pessoa tenta fazer a associação “como é que este indivíduo conseguiu fazer uma coisa assim?”. Fica num paradigma, pronto. Por isso não há socialização. Depois há os que se envolvem no mundo da droga... uma pessoa quer ter uma conversa e aquilo já tá tão queimado “ah é x de quilos, x de framas, é x de milhares de euros, eu tinha isto, eu tinha aquilo, tá aqui escondido, quando eu sair vou lá”. Este tipo de conversas, são conversas que não me dizem nada. Não suscitam o diálogo. Vou perguntar o que? Quanto? Como é que fazia? (...). Eu tenho um colega, que saiu agora, que trabalhamos juntos é mais fácil falar com ele, e mesmo assim quando a conversa vai dar

ao que nos trouxe cá, é mais fácil virar-me para o outro lado e dar de *frosques* (...).

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

Com os guardas, não tenho problema nenhum, com os outros reclusos também não. Eu tou no meu cantinho. Tenho a minha cela. Na minha cela não há confusão, 2 ou 3 pessoas e, no mesmo dia se lá forem 2, 3 pessoas, já é muito. Porque aquilo não é para ser concorrido. É um cantinho, é o sítio onde eu descanso. E eu vejo sempre os outros *brruum brrumm* cela cheia, tudo ao monte e fé em Deus... Nah, frequento uma cela ou duas com quem tenho um relacionamento mais, não digo afetivo, digo, mais próximo. Porque, gostamos de jogar à bisca dos 9 e então, no fim do pátio fechar, quando vou para a cela, jogamos um bocadito das 4h e 30m até às 6h menos um quarto, para passar o tempo. Depois, cada um é fechado às 6h. Temos das 6 até às 8 da manhã para... para fechar a porta do cérebro. Depois uma pessoa janta, vai para a cama, não vale a pena andar em pé... porque as celas são pequenas, tem a cama, a mesa para comer, a sanita e o lavatório, mais nada.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Positivos e negativos... (*risos*) essa está boa. Positivos existe, há sempre algo positivo, mas, por exemplo o fato da escola. Uma coisa que para mim pude realizar, que no meu tempo não foi. Que eu tive de deixar de estudar aos 13 para começar a trabalhar. E depois a interação com os guardas, com a médica, com os guardas que nos transportam para aqui e para ali, para o hospital, para uma consulta, ou exame, ou quando vou visitar as garotas... Existe outro tipo de relacionamento. Mesmo com os guardas, mais com uns do que com outros. Aqueles que se mostram mais disponíveis para a situação da pessoa em causa, que se mostram mais preocupados ou que de alguma forma se tentam aproximar mais do recluso. Não é o recluso que tem de se aproximar do guarda. O guarda, a partir de certas atitudes que toma, procura a aproximação e com base nesse ato de procura, gera-se ali uma relação mais próxima... É como lá fora.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Há, há, o ensinamento de quanto mais longe disto melhor, Esse é o melhor ensinamento que eu daqui levo (*risos*). Agora a sério, apesar de estar a brincar, tem o seu fundo de verdade e o seu fundamento. Agora em relação ao outros, claro que eu espero sair e quando sair também... eles (*os outros reclusos*) não estão na minha lista de prioridades. Nem de longe, nem de perto. Apesar de me dar bem com quem trafica droga, com quem rouba, com quem se droga... com quem violou, dar bem... dar bem é entre aspas...

Diria que é mais o aguentar a proximidade deles. O tentar socializar dentro daquele x de limite. Mas não deixo ultrapassar mais... quando um qualquer começa a querer falar sobre aquilo que era a vida dele antes da prisão, esquece... a conversa não adianta. Não há conversação. Não me interessa. Não quero saber onde é que ele compra a droga, onde é que ele tem de a levar, onde é que tem de vender, nem quanto é que lhe dão por transportá-la daqui para ali... Não me interessa.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Se pudesse, não seria feito desta forma. Teria virado as costas. Não tinha havido discussão. Nem de perto, nem de longe. Eu nunca pensei vir preso. O que é que eu hei-de dizer, são discussões familiares que acontecem agora, têm sempre um porquê, uma razão. Para haver uma discussão tem de haver uma razão. E para haver uma discussão são precisos dois ou mais. Porque ninguém discute sozinho. E se há uma discussão e se há uma razão é porque alguém não fez o que devia ter feito. No meu caso concreto, eu não devia ter agredido, nem a mulher, nem as garotas, nem sequer discutido com o garoto. Deveria ter deixado passar ao lado, ter saído, ia dar uma volta, ter esquecido. No outro dia os ânimos estariam mais leves... a adrenalina também teria descido e a conversação teria sido diferente. Mas isso é agora. Isso é agora, porque na altura, uma pessoa nem sequer pensa.

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

A escola... e pretendo continuar quando sair. Quero tirar línguas aplicadas a inglês... é uma língua que eu já adorava com 11 anos e agora continua, mantém-se, depois de 40 anos. E dá-me sempre uma mais valia porque se quiser fazer uma tradução, interessa muito. O chinês, o mandarim também me interessa. Aliás, tenho ali um livro e já sei dizer qualquer coisa...

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Quando sair vou publicar o meu livro, pelo menos um. Tenho material para 2 ou 3. Sou o poeta da cadeia, tenho 400 e tal versos. Tenho cerca 80, 90 folhas cheias, frente verso. Fui o vencedor do concurso dos poemas do Dia dos Namorados, com um poema em português e outro em Inglês. Está a ver a ideia do que eu quero seguir? Reparo nisto, eu se tiver na cama e o meu colega estiver a fazer barulho, sou obrigado a mandá-lo calar. Porque eu gosto de ouvir música, porque apesar de estar a ver televisão eu estou a ouvir a música que está a dar na rádio. Eu consigo acompanhar as duas coisas ao mesmo tempo. Consigo estar a ver as notícias, a novela e tar a ouvir a música e fazer a tradução ao mesmo tempo. Adoro, estar a ouvir

música e fazer a tradução (...). Depois, quero ter o meu cantinho, tenho propriedades minhas. Vou tentar fazer uma barraca para mim, e depois ganhar dinheiro, aumentar um pouco, para que um dia possa trazer as garotas a passar um fim de semana para tarem ali e, pronto, ser um local meu. Nunca gostei de pagar renda, nunca gostei... Nunca consegui perceber como é que alguém paga uma vida inteira por uma coisa que nunca vai ser sua. Eu não consigo conceber a ideia de alguém... “ah eu gosto muito daquela rapariga, vou casar e vou alugar um apartamento”. Mas e depois? (...) Quer uma coisa maior e não há dinheiro (...).

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Bem, digamos... quanto à família tenho que de salientar que da parte do que diz respeito à minha família pessoal, de casamento, eu quero manter a distância. Não me interessa. Interessa-me tudo o que lhes diga respeito, a mãe, quando eu sair, quero tratar do divórcio. Ela que vá à vida dela, se não foi já. Já lhe dei ordem, já lhe dei autorização, pode seguir a vida dela. Quero pedir o divórcio só quando eu sair. Há muita coisa que tem de ser tratada e não pode ser tratada comigo aqui fechado. Tanto que ela se não o pediu até agora, também não o irá fazer... Porque ela sabe bem que só tem a perder. Apesar de eu estar aqui fechado, ela só tem a perder. Toda a parte que é dela tá em meu nome. E eu não quero de forma alguma ficar com o que é dela. Assim como não quero que ela fique com nada que seja meu. Agora, desta parte daí, manter a distância. A procuradora parece que a aconselhou e ela evitar vir-me visitar mais o filho mais velho... segundo o que ela disse à minha mãe... a procuradora disse-lhe que eu podia sair mais cedo. +ara não me tar a facilitar tanto a vida, senão saia mais cedo. Para ser mais direto é assim. Agora da parte dos meus irmãos, da minha mãe, tá tudo bem, a minha mãe teve cá, fez agora quinze dias, também já tem 75 anos... o meu irmão também tem vindo... (...). Parece que não, mas uma pessoa fica logo mais contente.

24. Como encara o mercado de trabalho?

Acho que vai ser... digamos, na minha maneira de pensar, não vou ter grande dificuldade. Devido às condições que tenho, tenho formações em diversas áreas, desde a construção civil, com diversos tipos de máquinas, máquinas giratórias, máquinas de tapete. Depois a parte de canalizador, soldador, pintor... Eu estava a montar uma empresa de construção civil por minha conta, com o meu próprio nome. Cortar mato, cortar as ervas, pequenos retoques, arranjar uma chaminé, fornos antigos, tudo que é construção civil... (...). É um faz tudo (...). Tenho tudo para poder seguir em frente.

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Eu diria que sim. Aliás, ali à volta da área de residência irá sempre, mas sempre, permanecer... como me conhecem. Eu não tenho intenção de trabalhar ali ao pé da porta. A minha ideia de prestação de serviços é mais alargada. Mais alargada e muito mais abrangente. Uma das primeiras coisas que tenho de fazer é pintar a cozinha à minha madrinha, ela já me disse “eu não lhe toco, só quando tu saíres” (...).

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Haverá sempre aquele... aquela pessoa que irá dizer sempre “olha o presidiário, olha isto, olha aquilo”. Mas, no entanto, nem sempre é com o ato de provocar. Eu dou-me bem com toda a gente, toda a gente vem ter com a minha pessoa e eu brinco com eles. Mas brincar no sentido de gozo (...). A gente temos de saber encarar a pessoa como... pela forma como se está a dirigir, para sabermos se merece retorno ou não merece. Se merece, se é no gozo, a gente dá o retorno, agora se for uma pessoa que tá ali e tá mesmo, como quem diz, a discriminar, não vale a pena mostrar qualquer retorno.

Entrevista 7

Duração: (07m:54s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 26.
3. **Estado civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

Complicado... A nível da personalidade... Não sei explicar... perguntas difíceis.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Talvez... A nível da família.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Talvez um pouco.

III. Contexto familiar**8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).**

É boa.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

(Disse que era casado). Tenho, mas está com a mãe *(refere-se ao/à filho(a)).*

IV. Cultura/Escola/Trabalho**10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?**

Como assim?

Quem influenciou a pessoa que és hoje? O que te foi transmitido?

Ninguém.

Achas que aprendeste sozinho?

Foi.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Eu só fiz o 5º ano. A maior parte até gostava, mas a partir do 5º comecei a chumbar até que sai da escola.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Tive poucas, trabalhei pouco.

Mas no geral, gostava, tinha boas relações?

Gostei só que cansava-me facilmente. Ficava farto facilmente de tar a fazer a mesma coisa.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Como é que eu me senti? Como é que eu vou explicar... senti-me... sei lá... senti-me mal né, óbvio. Por uns tempos sabia que, pronto... ia tar privado né... de muita coisa. Só que depois a pessoa... o dia-a-dia vai passando e vai conseguindo superar. Um dia de cada vez né. Eu penso assim pelo menos.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Tá a ser bom. Não tenho mau comportamento, não tenho nada. Aquilo que eu quero é sair daqui né. Não tenho interesse em ficar cá a fazer nada.

O que é que sentes mais falta?

Principalmente, a minha família. Comida, comida pronto... o que eu gosto não... não servem. Dos meus cães, de tudo em geral. Da família toda, pronto.

15. Como se vê enquanto recluso?

Como é que eu me vejo? Em que sentido? Vejo-me como um recluso normal, que não procura problemas nem em se meter neles.

16. Como vê os outros reclusos?

Cada um vejo da sua maneira Há uns que pronto, pra isto querem continuar, há outros que não. Eu não sou um deles né, que eu quanto mais rápido sair daqui, melhor.

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

Normal. Bom dia, boa tarde. Cumprimento quem me cumprimenta. Os guardas que me falam, cumprimento-os. Os que não falam, não cumprimento. É basicamente isso.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Positivos e mais negativos... Negativos, como estamos fechados...O que eu gosto mais, não lhe sei dizer assim...

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Fez-me dar valor a muita coisa. Como eu já disse... à comida, à minha família... evitar problemas, claro.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Mudaria.

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Não.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Então, quando sair daqui, a primeira coisa que eu tenho de fazer é tirar a carta, para não ter mais problemas. Segundo, tenho de arranjar um trabalho. Pronto, começar a fazer a minha vida.

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Sim, principalmente a família.

24. Como encara o mercado de trabalho?

Com alguma preguiça.

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Não, não.

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

A sociedade... então, da maneira que se calhar veem neste momento...

Acha que poderá estar relacionado com o tipo de crime cometido?

Não, eu penso que não. Porque isso, o crime... é variável... eu penso que não...

Entrevista 8**Duração: (10m:51s)****I. Características Sociodemográficas**

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 45.
3. **Estado civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Sim.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

Forte. Personalidade forte. Uma pessoa normal.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

A morte da minha mãe aos 9 anos.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Sim, tive de me tornar mais independente, além do meu pai não faltar com nada em casa. Comecei a ver a vida de outra forma.

III. Contexto familiar**8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspectos positivos e negativos).**

É boa. Nesse campo é boa, a família ajuda-me. Sempre foi boa. Independentemente de ficar sem a minha mãe muito cedo, sempre foi boa.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

Tenho uma filha com 17 anos.

Como é a sua relação com ela?

É boa.

IV. Cultura/Escola/Trabalho**10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?**

Pelo meu pai e pela minha mãe. E os meus irmão mais velhos.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Um bom aluno. E são boas (*refere-se às memórias*).

Gostava da escola?

Sim, ainda hoje frequento a escola.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Boas. Sou cortador de carnes. Gosto da profissão que tenho. Independentemente de ter detido, continuo a ter trabalho. Fui à rua à pouco tempo e aproveitei para ir ajudar o meu sobrinho no trabalho. Porque eu trabalhava com um irmão meu, ele faleceu e eu é que fiquei a ajudar. Fui o braço direito, pronto, no caso do meu sobrinho que é o dono da empresa.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Revoltado, muito revoltado. Porque... isso foi em 2007, o meu problema, e só em 2013 é que eu vim detido. Recursos e gastar bastante dinheiro... revoltado. E depois também entrei aqui, não sabia o funcionamento da prisão, mas agora já... Porque eu vim cumprir 18 meses e depois tinha uma pena suspensa, que eu fui para a rua, passado 4 meses vim novamente cumprir pena suspensa.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Da família. Independentemente de me virem visitar, de ter o apoio... é a família. Os primeiros 18 meses pronto, foi revoltado. Agora já vinha mentalizado, cumprir a minha pena e seguir com a minha vida.

15. Como se vê enquanto recluso?

Uma pessoa normal. Porque sinto que tou a cumprir a minha pena, não fiz mal a ninguém.

16. Como vê os outros reclusos?

Os outros reclusos... Há pessoas boas, há pessoas más...

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

É... da minha parte é tudo tranquilo, é bom.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Do lado positivo, para a minha pessoa, sinto que mudei. Vejo a vida noutra perspetiva, mais calmo... Mas há muitos aspetos negativos, mas mesmo muitos, muitos.

Como por exemplo?

Penso que não há reinserção. Não existe. Não temos ocupações.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Eu no meu entender sinto que me tornei uma pessoa melhor se calhar que ao que era. Vejo a vida noutra perspetiva. Mas há muitos reclusos que no meu entender vão piores, muito piores. Aqui aprende-se tudo.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

O arrependimento mesmo, o arrependimento.

21. Que motivos o levaram a reincidir?

Porque isto como foi 2 crimes num mês, depois cumpri uma pena... foi sempre o mesmo crime... consumos de droga... Vim cumprir pena suspensa, andou ali em recursos... e várias instâncias.

22. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Andei no CAT.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

23. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

É ir trabalhar, acabar uma casa que era dos meus avós. Que é uma casa antiga e reconstruí-la. Porque eu quando tava com a mãe da minha filha, tínhamos casa própria e eu voltei para casa dos meus pais e deixei tudo para trás. A casa e isso tudo... para eles.

24. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Sim.

25. Como encara o mercado de trabalho?

Com expectativa. Porque sempre trabalhei desde os 9... não digo 9 mas no fim de terminar a escola primária sempre trabalhei. Comecei a ajudar o meu pai que tinha talhos, sempre fui habituado a tar num talho, nesse ambiente.

26. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Senti isso. A primeira vez, depois dos 18 meses, quando saí senti isso. Porque eu, na altura o meu pai, o irmão já tinha os talhos, já tinha empregados e eu trabalhava em Intermachês, no Ulmar, e depois quando saí fui trabalhar para o Mini Preço e ao fim do mês fui despedido porque alguém foi lá dizer que eu tive detido. E depois eu fui despedido ao fim do mês, passado uma semana consegui novamente emprego, fui despedido novamente por a mesma causa. Por ser detido, os consumos, isso tudo. Porque eu desde 2008 que foi o primeiro problema que eu tive, pois andei sempre em recurso e eu fui para o CAT logo, programa de metadona, consegui deixar agora no verão passado, andei 8 anos na metadona... E nunca desisti, lutei sempre pelos meus objetivos e passado uma semana consegui novamente emprego. Eram as normas da casa, por exemplo, foi no Pingo Doce, foi no Mini Preço, por causa do registo criminal, isso tudo... Eu aceitei, mas não desisti... A terceira vez, quando eu consegui novamente emprego, cheguei lá e disse “olhe, passa-se isto”, disse a verdade e também não tinha mentido. Eles não tinham perguntado.

27. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Olha sempre com discriminação.

Acha que poderá ter a ver com o tipo de crime?

Tem a ver e não tem, de certa parte. Como eu vivo (*nome da vila*) que é uma vila que não é muito grande, as pessoas questionam. Acabam sempre por saber se a pessoa se envolveu no tráfico ou se andou a conduzir sem carta... as pessoas sabem sempre...

Entrevista 9

Duração: (12m:58s)

I. Características Sociodemográficas

1. **Sexo:** Masculino
2. **Idade:** 29.
3. **Estado civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais

5. Como se define? (personalidade)

Defino-me como uma pessoa normal. Uma vida normal.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Não, nunca tive nada, sempre fui um bocado, como é que se diz... na infância e na adolescência sempre fui um bocado rebelde. Mas não tenho nada assim de mais, Epá, o divórcio dos meus pais, mas nada que... também já tinha 13 anos.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Tipo, não sei... epá... um adolescente tá a aprender né, mas eu normalmente tenho... levo um dia de cada vez. Opá há coisas que a gente faz que se arrepende. Isso se calhar dá pra mudar. Há certos erros que cometi que se calhar não vou voltar a cometer. Mas não vou dizer que nunca mais, porque isso não posso dizer.

III. Contexto familiar

8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).

Positivos. Com a minha mãe, com o meu irmão, tenho 3 filhos. Não tou junto com a mãe de nenhum deles, mas tenho uma vida familiar positiva.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

É boa, é estável, agora nem tanto né... tou aqui. Mas é uma boa relação (refere-se à relação com os filhos).

IV. Cultura/Escola/Trabalho

10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?

Sei lá... Epá não vou dizer que não é pelo meu pai ou pela minha mãe que ia tar a mentir. Porque saí de casa também muito novo e o que se passou depois só aprendi comigo mesmo. E com a experiência que adquiri ao longo do dia-a-dia também. Se calhar jovens da minha idade se calhar têm uma referência do pai ou da mãe, se calhar até a uma certa idade podia ter sido o meu pai, mas agora não... Tanto que saí de casa muito novo, por isso...

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Opá, também não queria saber daquilo pra nada, não queria saber da escola pra nada, nunca. Não é de ser mau aluno, mas nunca quis saber da escola pra nada. Desinteressado mesmo. Tanto que agora, aqui ando a estudar e tenho interesse em andar a estudar. E tenho tido boas notas, coisa que lá fora não tinha. Antigamente não tinha mesmo paciência para andar na escola.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Sempre trabalhei. Agora quando vim preso por acaso tava desempregado à 2 meses, mas sempre trabalhei. Sempre tive facilidade em arranjar trabalho. Sempre tive bons trabalhos também.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

No dia em que fui preso não senti nada só passado 3 ou 4 dias é que eu vi “não, afinal tou preso”.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (eg: o que sentiu mais falta...)

Levo isto como se fosse, sei lá... como é que eu hei-de explicar, não é não estranhar, mas levo isto... opá um crime, uma rotina, e levo a minha rotina no dia-a-dia. Tento não pensar muito o que é que se podia tar a fazer ou a deixar de fazer, porque isso não adianta de nada, adaptei-me bem. Mas não quer dizer que esta adaptação seja para ficar. Não me quero habituar muito a isto.

15. Como se vê enquanto recluso?

Uma pessoa sociável. Bem-disposta, como sempre.

16. Como vê os outros reclusos?

Opá isso, há de tudo um pouco. Há pessoas que não interessam a ninguém. Há pessoas com quem podes trocar ideias. Há pessoas que nem dá para conversar. Há de tudo um pouco.

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

Tenho uma boa relação, nunca tive problemas. Mesmo com os guardas nunca tive nenhum desacato, nunca tive nada. Vendo que as coisas nem sempre é como a gente via... em benefício pra gente. É sempre a beneficiar o lado deles, a nossa parte é... Há 2 pesos e 2 medidas, e eles é que mandam e a gente não pode fazer nada.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Um aspeto positivo é tar a estudar, coisa que eu nunca quis saber lá fora. Tirar o 9º ano. E... positivos... sei lá, é depois se calhar pensar em não querer voltar cá. Positivos isso aqui, na cadeia onde tou não oferece muitas coisas positivas. O que é que eu não gosto daqui... não gosto da comida, não gosto da maneira como as coisas são tratadas, sei lá, como disse ainda agora, há 2 pesos e 2 medidas. Se for preciso há 2 casos iguais mas um tem um direito e outro tem outro... Nem tudo o que eles trespassam lá para fora é verdade. Falam muito de reinserção social e eu aqui nunca vi o que é isso. Não conheço

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Opá, aprender, aprender, aqui não aprendes nada. Epá, não digo, que noutras prisões não possas aprender, tens mais acompanhamento. Eu conheço esta prisão e não temos o acompanhamento que devíamos ter. Como eles falam da tal reinserção social. Eu aqui não aprendi nada. Tou é a desaprender, não tou a aprender. Isto é tipo uma paragem na minha vida. Tinha uma vida normal, de repente a minha vida parou. Durante um ano e tal, tenho a minha vida parada. Tá a andar para trás.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Opá se calhar pensava antes de agir. Pensava primeiro, não, primeiro agi, depois é que pensei.

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Frequentei um curso de pintura e ando na escola agora.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Fazer uma vida como tinha. Uma vida estável, trabalhar, tar perto dos meus filhos... que é o que mais me custa neste momento é isso.

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Da parte da minha família sim. Amigos, se não me virem bem, não são meus amigos. Mas tenho receio se calhar de pessoas agora para arranjar trabalho. Se calhar pessoas que chegava a ir pedir lá trabalho e eles davam-me e se calhar agora vou lá e sabendo que eu vim daqui, se calhar vai ser diferente... Em questão dos amigos, se eles forem meus amigos, eles não vão criticar. Bem há sempre um ou outro que em vez de me convidar como antes “vamos a minha casa jantar ou isso”, se calhar já vai deixar de acontecer... Se calhar já vai ser só amigo de “olá, boa tarde”. Isto muda muito a maneira das pessoas. Ainda infelizmente vivemos... as pessoas são um bocado preconceituosas..

24. Como encara o mercado de trabalho?

(respondeu no seguimento da questão anterior).

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Sim, se souberem, mas não vou andar com uma placa na testa a dizer “ex-recluso” né? Mas na verdade, tudo se sabe. Ainda para mais sou daqui, isto aqui não é muito grande. Conheço muita gente, se calhar quando for para a rua, se calhar pessoas que eu não imaginava vão me ver e “tão já saíste daqui”. Mas isso também não é uma coisa... não vivo daquilo que os outros pensam. O mais que me pode preocupar é a questão do trabalho.

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Opá, isso não sei. Não posso responder. Cada um tem de fazer por si, não posso responder. Opá, há deles que vê-se a milhas de onde é que vieram. Temos uma percentagem muito grande dos poucos que vão voltar à rua.

Porque é que acha que se vê?

Ah, o aspeto, a força de vontade de querer tar na rua se calhar não vai ser muita. Não sei, não posso tar a falar pelos outros. Mas eu posso dizer que aqui se calhar 60% dos detidos que tão aqui, já não é a primeira vez que aqui tão. Já fazem parte da mobília. E não fazem nada para mudar aqui dentro, também não vai ser lá fora. Aqui para muita gente isto é bom, epá, para deixarem as drogas, se não deixam aqui, nem na rua vão deixar. É o que eu penso. Deus queira que não.

Entrevista 10**Duração: (06m:02s)****I. Características Sociodemográficas**

1. **Sexo:** Masculino.
2. **Idade:** 29.
3. **Estado civil:** Solteiro.
4. **É Reincidente?** Não.

II. Caraterísticas pessoais**5. Como se define? (personalidade)**

A minha personalidade? Sou uma boa pessoa, pelo menos não me queixo do contrário.

6. Na sua infância/adolescência houve algum momento, acontecimento, episódio que considere que marcou o seu crescimento, ou que possa ter influenciado a sua personalidade? (familiar, amigos, escola, trabalho ou outro)

Sim, o meu pai ter ido preso, muito cedo.

7. Fruto dessas experiências ou episódios, que viveu no seu passado, sente que possam ter havido mudanças na sua vida pessoal, ou ao nível da sua personalidade e carácter e que hoje ainda se mantêm?

Talvez sim, acho que sim.

III. Contexto familiar**8. Como nos pode descrever a sua vida familiar? (aspetos positivos e negativos).**

É boa, tenho uma boa família que me apoia muito.

9. É casado? Tem filhos? Como é a sua relação com eles?

(Não é casado nem tem filhos).

IV. Cultura/Escola/Trabalho**10. Quais os principais valores culturais, crenças, ideais ou princípios que reconhece terem-lhe sido passados e por quem?**

Pela minha família. Sigo as pegadas da minha mãe, uma pessoa exemplar. Sempre a trabalhar.

11. Como são as memórias que detêm relativamente ao período escolar? Como se caracterizaria enquanto aluno?

Foi pouco tempo. Saí da escola cerca dos 15 anos, também já não me lembro bem, foi à...

Mas gostava da escola?'

Gostava.

12. Relativamente ao mundo do trabalho, como caracteriza as suas experiências profissionais?

Não tive muitas experiências. Trabalhei num restaurante, trabalhei nas obras.

Mas tinha boas relações?

Sim claro.

V. Momento da Reclusão

13. Como se sentiu no dia em que foi preso?

Pessimamente. Fui preso no meu dia de anos. É um bocado complicado.

14. Como foi ou como está a ser a sua adaptação bem como o seu dia-a-dia na prisão? (e.g.: o que sentiu mais falta...)

Sinto falta da rua, da liberdade, da família.

E como foi a adaptação?

Ao princípio foi difícil, mas agora já passou 2 anos e meio, já me habituei.

15. Como se vê enquanto recluso?

Como é que me vejo? Vejo-me uma pessoa normal que não devia de tar aqui.

16. Como vê os outros reclusos?

Depende do recluso. Há reclusos e reclusos. Há pessoas que são melhores que outras.

17. Como avalia as suas relações dentro da prisão? (outros reclusos, guardas, funcionários, dirigentes...)

Boas, nunca tive problemas com ninguém.

18. Quais são para si, os aspetos mais positivos e os mais negativos da prisão?

Gosto de estudar, estou na escola. Estudo e o positivo daqui é tirar o exemplo pra nunca mais cá pôr os pés outra vez. Do que é que eu não gosto? De tar fechado, de tar preso. Acho que ninguém gosta.

19. Quais os principais ensinamentos que retirou da experiência de estar preso?

Aprendi a tentar a melhorar outra vez e a seguir uma vida normal outra vez, quando sair.

20. Como se sente em relação ao crime que o trouxe para a prisão? Se pudesse mudaria alguma coisa no seu percurso de vida?

Ah sim, mudaria tudo. Nunca mais voltava a consumir drogas, nada do género.

21. Está inserido em algum programa que o possa auxiliar na sua reinserção? (e.g.: formação profissional, trabalho)

Acho que ninguém está.

VI. Perspetivas de Reinserção /Expectativas futuras

22. Quais as suas principais motivações, objetivos, sonhos para a sua vida futura?

Os meus maiores sonhos são ter um negócio, criar uma família e viver normalmente como uma pessoa social.

23. Considera que a sua família e amigos o irão receber bem e ajudá-lo a readaptar-se?

Sim, claro.

24. Como encara o mercado de trabalho?

Encaro bem, não há é muita oportunidade mas se procurarmos acho que achamos.

25. Relativamente à sociedade em geral, sente que poderá haver algum tipo de discriminação pelo fato de ter sido recluso?

Até pode haver, acho que sim, mas temos de seguir na mesma com a vida para a frente.

26. Como pensa que a sociedade irá ver os outros reclusos?

Isso depende das pessoas. Há pessoas que, a maioria, pessoas que dão trabalho e isso, sabem que se for um recluso já não confiam tanto na pessoa, não sei. Mas acho que tá errado, já pagámos pelo crime que cometemos. Até porque errar é humano.

ANEXO VI
Tabela da Análise de Categorias

Tema/ Categoria	Subcategoria	Nº E	Citação
Identidade	Pessoal	1	«Sou orgulhoso (...) sou reservado... sou um pouco problemático (...) não fui estável derivado ao álcool, drogas, essas coisas todas».
		2	«... sou português, que nasceu no vale do paraíso... e depois fui aprendendo, fui vivendo normalmente, passando férias (...) fui tendo paixões (...)».
		3	«Acho que sou uma pessoa normal... sem stress, não tenho nada».
		4	«Sou um rapaz bacano, amigo do seu amigo, tá sempre tudo bem»
		5	«Uma pessoa alegre, bem disposta. Com facilidades de fazer amigos. Às vezes um bocado imbirrento (...)».
		6	«(...) sou uma pessoa afável, brincalhona... brincalhão no bom sentido da palavra, de andar sempre bem disposto. Tou preso e tou sempre bem disposto, sempre na brincadeira, sempre a meter gozo. É o meu lado mais humorista. (...) dou-me bem com toda a gente. (...) não sou pessoa de andar com coisas (...) não sou de meter na vida dos outros, não sou uma pessoa coscuvilheira (...). Sou amigo do meu amigo (...) sou um bocado (...) curioso. Criativo numa base curiosa, de ver, ou de ouvir falar sobre, e depois desenvolver aquilo que ouvi».
		7	«Complicado (...) Não sei explicar».
		8	«Forte. Personalidade forte. Uma pessoa normal».
		9	«Defino-me como uma pessoa normal. Uma vida normal».
		10	«Sou uma boa pessoa, pelo menos não me queixo do contrário».
	Prisional	1	«Há muitos que fazem disto a sua casa e eu não quero fazer disto a minha casa».
		2	«(...) nunca mais me largaram, estou preso, veja bem...». «A única coisa que eu sinto falta é que isto não me faz falta, não me faz falta nenhuma».
		3	«Eu não queria voltar (...). Isto é um atraso de vida completamente». «(...) voltar aqui eu não queria, de certeza».
		4	«Há pessoas que são mesmo cadeia, há pessoas que respiram cadeia e há outras que não e (...) a vida dela vai só depender da cadeia».
		5	«(...) Este ano vou-me embora para casa, vou agora dia 31 ao juiz, vamos lá ver».
		6	«(...) quanto mais longe disto melhor».
		7	«Aquilo que eu quero é sair daqui né. Não tenho interesse em ficar cá a fazer nada».
		8	«Aqui aprende-se tudo».
		9	«(...) pensar em não querer voltar cá».
		10	«(...) o positivo daqui é tirar o exemplo pra nunca mais cá pôr os pés outra vez».
Momentos-chave no Crescimento		1	«(...) fui abandonado aos 2 anos de idade (...) tive a viver com uma família adotiva e ... aos 9 anos descobri que tinha sido adotado porque eles não me tinham dito nada. Sai de casa aos 13 anos (...). Viver em casas abandonadas (...)».
		2	«Houve o 25 de Abril. (...) estávamos a ser educados num sistema autoritário, não havia turmas mistas (...) a maneira como se andava nos colégios, aquilo que os professores ensinavam... todo o país na altura, a guerra

			colonial... éramos frequentados com ideias totalmente diferentes daquilo que se fala hoje (...) E isso foi um problema (...)».
		3	«Houve... a falta dos meus pais (...). Fui criado pelos meus avós (...)».
		4	«A ausência de pai e mãe».
		5	«(...) eu sou adotado, desde os meus 7 dias (...) soube isso muito novo. Fiquei assim um bocadinho revoltado (...)».
		6	«Tenho vários. Vários, variadíssimos. O meu pai era oleiro, o meu avô da parte da minha mãe era agricultor e (...) ele à segunda-feira, quando havia férias da escola, ele ia ter com o meu pai e “ah o garoto podia vir, dava jeito isto e aquilo”, pronto na agricultura, ou dava a enxada ou limpávamos os depósitos do vinho (...). Dava-nos um copo de vinho, ou um cigarrito, como gratificação... quer dizer, por ele tar satisfeito por aquilo que eu tinha realizado para ele (...)».
		7	«Talvez... A nível da família».
		8	«A morte da minha mãe aos 9 anos».
		9	«Não, nunca tive nada (...) na infância e na adolescência sempre fui um bocado rebelde. (...) Epá, o divórcio dos meus pais, mas (...) também já tinha 13 anos».
		10	«Sim, o meu pai ter ido preso, muito cedo».
Mudanças de nível pessoal decorrentes dos momentos-chave		1	«Claro que sim (...) mudei, mudei, claro que sim, sei o que é o bom e o mau».
		2	«Na minha e na do país, e na dos seus pais de certeza... e na sua também».
		3	«Isto por acaso afetou e dificultou um bocado a minha infância (...) se calhar tive certas dificuldades, se tivesse juntos dos meus pais era diferente. (...) Um gajo tem muita liberdade, não aproveitei muito escola, tive falta de muita coisa».
		4	«A maneira como via a família, para mim o meu pai e a minha mãe foram os meus avós».
		5	«Não, acho que não. (...) estes meus pais, disseram-me tudo. Pronto, as verdades, muito novo e mostraram-me quem é que era a minha outra família. (...) não mudei».
		6	«Ah sim. O ser o que sou hoje, o saber o que sei hoje, deve-se mesmo a esses fatos de infância. Do meu pai ser caçador e de eu o acompanhar desde os 11 anos, de andar atrás dele a acartar molhadas de coelhos (...) andar por montes e vales no Alentejo. De Castelo Branco até lá baixo ao Algarve. Conhecer o que conheço. Foi por essas vivências, por essas aprendizagens... Tudo isso influencia a aprendizagem de vida».
		7	«Talvez um pouco».
		8	«Sim, tive de me tornar mais independente, além do meu pai não faltar com nada em casa. Comecei a ver a vida de outra forma».
		9	«(...) um adolescente tá a aprender né, mas eu normalmente tenho... levo um dia de cada vez».
		10	«Talvez sim, acho que sim».
Tipo de Relacionamento s/ Experiências	Familiar	1	«Instável... escrevi uma carta para a minha mãe, logo quando entrei, mãe verdadeira, e ela nem disse nada, nem me deu resposta para trás. Da família adotiva sim, tenho o afeto».
		2	«É boa, é ótima, a melhor».
		3	«Tenho uma boa relação com a minha família».
			«(...) apesar de estar nisto. (...) Sei o esforço que fazem para vir aqui. Sou de Lisboa. Gastam muito... e não

		posso estar com os 3 ao mesmo tempo, porque aqui a visita não permite».
	4	«Positivos... dou-me bem com a minha família (...)».
	5	«É boa, é boa. Lá fora a minha mãe era bué de protetora (...) agora o pior é não tar a ver o meu filho (...)».
	6	«Com a minha família sempre tive relações normais, aliás, eu sou mais ligado à parte da família da minha mãe. São 5 irmãs. Tenho 12 primos e primas. Mas dou-me bem com eles todos. Quando alguém tá doente, a gente visitava-se (...). Com os meus irmãos igual (...) tenho sempre uma ligação. E também o fato das minhas garotas (<i>filhas</i>) serem deficientes também ajudou... a que a maneira de pensar se alterasse. (...) À medida que se vão desenvolvendo, vão se notando as diferenças entre eles próprios, eles os dois (<i>filhos rapazes</i>), um tem uma maneira de ser, outro tem outra (...) e elas (<i>filhas</i>), ali no meio (...). Elas são água límpida, eles, um é uma água mais turva e o outro, mais escura ainda, porque anda sempre à procura de querer fazer alguma coisa (...). Um dos motivos que me trouxe para aqui, foi uma discussão com ele (<i>filho mais velho</i>), na qual fui acusado de violência doméstica verbal e psicológica.
	7	«É boa».
	8	«É boa. (...) a família ajuda-me. (...) Independentemente de ficar sem a minha mãe muito cedo, sempre foi boa».
	9	«Positivos. Com a minha mãe, com o meu irmão, tenho 3 filhos. Não tou junto com a mãe de nenhum deles, mas tenho uma vida familiar positiva».
	10	«É boa, tenho uma boa família que me apoia muito».
	Profissional	
	1	«Foi boa, mas estive pouco tempo em várias empresas porque recebia o ordenado e depois esquecia, não ia mais».
	2	«Eu trabalhava para aí 16 horas por dia. Trabalhava por conta própria, também trabalhei no Estado (...) fui funcionário público (...) comecei negócios em que trabalhava muitas horas por dia...».
	3	«(...) já trabalhei em muitas coisas (...).Tenho sempre boas relações. Sempre. Com as pessoas adapto-me bem... é fácil».
	4	«Ótimas. Trabalhei sempre naquilo que gostava de fazer».
	5	«Eu só tive um emprego que foi numa fábrica de vidro (...). De resto tive sempre a trabalhar para o meu pai, porque o meu pai é empresário».
	6	«Enriquecedoras, todas elas. Desde a obra à cerâmica, à mecânica, à construção civil (...) o conhecimento que adquiri».
	7	«Tive poucas, trabalhei pouco. Gostei só que cansava-me facilmente. Ficava farto facilmente de tar a fazer a mesma coisa».
	8	«Boas. Sou cortador de carnes. Gosto da profissão que tenho. Independentemente de tar detido, continuo a ter trabalho. Fui à rua à pouco tempo e aproveitei para ir ajudar o meu sobrinho no trabalho».
	9	«Sempre trabalhei. Agora quando vim preso por acaso tava desempregado à 2 meses, mas sempre trabalhei. Sempre tive facilidade em arranjar trabalho. Sempre tive bons trabalhos também».
	10	«Não tive muitas experiências. Trabalhei num restaurante, trabalhei nas obras. Sim, claro (<i>refere que tinha boas experiências</i>)».
	Prisional	
	1	«É boa, é boa. Sou sociável (...)».

		2	«São ótimas, absolutamente».
		3	«São boas, são boas».
		4	«Dou-me bem. (...) dou-me sempre bem com os guardas, com o subdiretor também me dou bem. O senhor diretor sempre que passa por uma pessoa cumprimenta, sempre bem educado e tal (...)».
		5	«São boas».
		6	«(...) não há companhia, nem companheiro nenhum, aqui dentro, não... Há um ou outro com quem uma pessoa consegue ter uma conversa, mais à vontade, mais elaborada, e outros, bom dia, boa tarde, boa noite e pronto. E há coisas que é melhor tar afastado, se tá do lado direito, a gente passa para o lado esquerdo... Aqui dentro tem de se fazer essa escolha». «Com os guardas, não tenho problema nenhum, com os outros reclusos também não. Eu tou no meu cantinho. Tenho a minha cela. Na minha cela não há confusão (...). Porque aquilo não é para ser concorrido. (...) frequento uma cela ou duas com quem tenho um relacionamento mais, não digo afetivo, digo, mais próximo. Porque, gostamos de jogar à bisca dos 9 (...)».
		7	«Normal. Bom dia, boa tarde. Cumprimento quem me cumprimenta. Os guardas que me falam, cumprimento-os. Os que não falam, não cumprimento. É basicamente isso».
		8	«(...) da minha parte é tudo tranquilo, é bom».
		9	«Tenho uma boa relação, nunca tive problemas. Mesmo com os guardas nunca tive nenhum desacato (...).(...) É sempre a beneficiar o lado deles, a nossa parte é... Há 2 pesos e 2 medidas, e eles é que mandam e a gente não pode fazer nada».
		10	«Boas, nunca tive problemas com ninguém».
Valores pessoais adquiridos (quais/por quem)		1	«A humildade, ser amigo do meu amigo».
		2	«(...) a principal coisa foi sempre a lealdade para os outros (...). Sempre fui leal para as pessoas, honesto, nunca tive problemas de desonestidade... trabalhei no duro». «(...) ao princípio foram os meus pais, depois (...) comecei a aperceber-me (...) quando foi o 25 de Abril (...) que não podia ser um barco sem rumo. Embora fizesse a festa quando tinha de fazer, tinha que se trabalhar, isto e aquilo, tinha que ser responsável para obter as coisas naquela altura (...). E depois (...) eu aprendi a ser assim, lutei sempre pelas coisas, trabalhei sempre (...)».
		3	«(...) se calhar os meus avós. Porque da minha mãe foi muito pouco».
		4	«Não perder o orgulho em mim, sair de qualquer situação sempre de cabeça erguida e, sempre que puder ajudar... e não esperar sempre alguma coisa em troca».
		5	«(...) foram passados pelos meus pais. Porque eles educaram-me para eu ser aquilo que eu sou hoje (...) influenciaram-me».
		6	«Os princípios de hoje devem-se a toda a gente que eu conheço. E vem desde a infância. Que palavra dada, vale mais que o dinheiro, vale mais que um papel assinado. O enfrentar as pessoas e olhá-las na cara, dizer-lhes o que é e não o que elas querem ouvir. (...) frontalidade. E o respeito pelos outros, apesar do respeito por si próprio ser mais importante do que aquilo que os outros pensam... mas respeitar a opinião dos outros (...)».

		7	«Ninguém» (<i>refere que ninguém o influenciou</i>)
		8	«Pelo meu pai e pela minha mãe. E os meus irmão mais velhos».
		9	«(...) saí de casa (...) muito novo e o que se passou depois só aprendi comigo mesmo. E com a experiência que adquiri ao longo do dia-a-dia também. Se calhar jovens da minha idade se calhar têm uma referência do pai ou da mãe, se calhar até a uma certa idade podia ter sido o meu pai, mas agora não (...)».
		10	«Pela minha família. Sigo as pegadas da minha mãe, uma pessoa exemplar. Sempre a trabalhar».
Memórias do período escolar/ Características enquanto aluno		1	«Era um bocado rebelde. Passei quase pelos estabelecimentos todos. Era razoável, tinha capacidades (...). Interiorizo bem as coisas».
		2	«Ah isso era mais as namoradas e jogar futebol. Era maluco (...) era rapaz na altura. Era mais de brincar, jogar futebol, bicicletas. motas. Também estudava (...). Mas foi um período muito conturbado. (...) somos de fato da geração de grandes transições. Vivemos numa mudança e passagens administrativas (...)».
		3	«(...) eu sinceramente gostava da escola (...) mas eu não gostava de estudar. (...) Eu por mim, passava o dia inteiro na escola, mas era para fazer brincadeiras com colegas (...)».
		4	«Na primária era um bocado revolucionário. (...) Depois a partir do 5º ano até ao 9º, tive sempre boas notas, só que faltava muito e chumbava por causa disso».
		5	«(...) ao princípio, não faltava às aulas, até era bom aluno, mas depois passado o Natal, começava já mais a desmazelar-me. Começava a faltar, ia com colegas para sítios».
		6	«(...) consegui ir buscá-las (<i>memórias</i>) (...) desde que tou aqui fechado. (...) desde que fui para a escola, fui buscar coisas que nem sabia que tinha aprendido. Foram-me transmitidas na altura, foram interiorizadas mas num sítio recondido, onde agora fui relembrar. Até lembro-me agora das aulas que tive com a minha professora (...) e aulas de inglês. E nos feriados íamos para a biblioteca jogar xadrez (...) educação visual... lembro-me de fazer um tapetinho com um palhaço, com agulha e com linha... tudo isso, as memórias voltaram».
		7	«Eu só fiz o 5º ano. A maior parte até gostava, mas a partir do 5º comecei a chumbar até que sai da escola».
		8	«Um bom aluno. E são boas (<i>refere-se às memórias</i>). Ainda hoje frequento a escola».
		9	«Opá (...) não queria saber da escola pra nada, nunca. Não é de ser mau aluno (...). Desinteressado mesmo. Tanto que agora, aqui ando a estudar e tenho interesse (...). E tenho tido boas notas, coisa que lá fora não tinha. Antigamente não tinha mesmo paciência para andar na escola».
		10	«Foi pouco tempo. Saí da escola cerca dos 15 anos, também já não me lembro bem (...) Gostava».
Sentimentos/ Posição perante o momento do aprisionamento		1	«Tristeza, angústia por saber que vinha preso, pensei no meu filho (...). No mundo lá fora (...)».
		2	«Sei lá, eu... eu acho que... eu só tinha sentido uma coisa horrorosa uma vez (...) a gente quer morrer... eu queria morrer. Não é por vergonha, não é por nada (...) eu nunca tinha estado dentro de uma cela e vi-me preso por uma coisa estúpida (...)».
		3	«(...) estragou-me tudo. Senti-me triste. (...) sou muito ligado à família... isto foi um bocado para estragar».
		4	«Não sei... Estava mais nervoso por saber que vinha para a cadeia do que propriamente por estar preso».
		5	«Senti medo. Aquele receio de ter feito uma coisa má (...) depois tava sempre com aquele pensamento “eia, não vou ver mais os meus pais”. Depois tive aquele receio, “ei vou entrar numa prisão, onde nunca tive”. Via muitos filmes das prisões (...). Foi um bocado complicado».
		6	«No dia em que fui preso (...) eu vinha de tal forma (...) estava com a consciência (...) do ato que fiz, para

			mim, que não foi violência nenhuma, foi só, verbalizada. Mas, era... um misto de angústia, insatisfação, revolta... Mas também de consciência de que não tinha agido da melhor forma(...) o que o juiz me fez quando me condenou por violência verbal e psicológica foi retirar-me a tutela da educação. Sou eu que sou o pai, sou eu que mando, dentro daquilo que é meu, as minhas ordens é que devem permanecer. (...) A palavra revolta é neste sentido, é de injusta e de, eu diria mesmo, que é uma incompetência do juiz que me julgou. O juiz que me julgou é incompetente (...)».
		7	«(...) senti-me mal né, óbvio. Por uns tempos sabia que (...) ia tar privado né... de muita coisa. Só que depois (...) o dia-a-dia vai passando e vai conseguindo superar. Um dia de cada vez né. Eu penso assim pelo menos».
		8	«Revoltado, muito revoltado. Porque... isso foi em 2007, o meu problema, e só em 2013 é que eu vim detido. Recursos e gastar bastante dinheiro (...)».
		9	«No dia em que fui preso não senti nada só passado 3 ou 4 dias é que eu vi “não, afinal tou preso”».
		10	«Pessimamente. Fui preso no meu dia de anos. É um bocado complicado».
(In)Adaptação à prisão		1	«(...)tou a adaptar-me bem. Mas é uma coisa que não me quero adaptar».
		2	«Ninguém se adapta à prisão. Eu não me adapto nada à prisão. (...) sinto falta de tudo».
		3	«Normal. Aqui não muito que fazer (...)».
		4	«Bem. Dou-me com toda a gente. Sempre que há alguma coisa, chamam-me para isto e para aquilo». «A pessoa tar na cadeia e tá só a pensar em lá fora, é complicado, porque o que vais fazer, é a tua vida aqui depender do que acontece lá fora. Mas se tu pensares só no que está aqui dentro e saberes que depois te vêm visitar, telefonam (...) uma pessoa tem de pensar que tá preso e que temos que passar tempo aqui dentro, levar o melhor que conseguirmos e depois, fazer alguma coisa lá fora».
		5	«Agora tá bom. Os princípios, pronto, não tava a adaptar-me bem, andava a fazer algumas asneiras (...) tive que pensar que tinha sido uma pena pequena. (...) que tinha de voltar para a rua. Tive alguns castigos, mas foi os princípios dos anos que tive preso. Agora, tou na escola, já me comporto bem, já fui 2 vezes a casa (...)».
		6	«Ah isto já tá mais que adaptado. Eu oiço dizer que aquilo lá fora tá tão mau, tão mau, que eu até já pensei em prolongar a estadia. Então, tenho cama, tenho comida, tenho casa de banho no quarto onde durmo, tenho um balneário, tenho água, tenho televisão, tenho tudo... só não tenho, digamos, só não tenho amor, é assim mesmo».
		7	«Tá a ser bom. Não tenho mau comportamento, não tenho nada».
		8	«(...) E depois também entrei aqui, não sabia o funcionamento da prisão, mas agora já (...)». «Os primeiros 18 meses pronto, foi revoltado. Agora já vinha mentalizado, cumprir a minha pena e seguir com a minha vida».
		9	«Levo isto como se fosse, sei lá (...) opá um crime, uma rotina, e levo a minha rotina no dia-a-dia. Tento não pensar muito o que é que se podia tar a fazer ou a deixar de fazer, porque isso não adianta de nada, adaptei-me bem. Mas não quer dizer que esta adaptação seja para ficar».
		10	«Sinto falta da rua, da liberdade, da família. Ao princípio foi difícil, mas agora já passou 2 anos e meio, já

			me habituei».
Autoestigma (Concepção de si enquanto recluso)	1	«Os crimes são diferentes, as coisas são diferentes. Acho que há pessoas que fazem pior e tão lá fora e eu, pronto, penso nisso também e faz-me confusão à cabeça».	«Não há que ter vergonha de ter estado preso, não é motivo de vergonha. Eu errei e agora tou aqui (...) está a ser bom tar aqui (...) tá-me a fazer ver outras maneiras, outras coisas».
	2	«(...) eu sinto-me bem comigo mesmo».	«Eu vejo-me bem, muito bem mesmo».
	3	«(...) sou uma pessoa tranquila, de camaradagem com colegas e é fácil. Não há stress. Tou na minha».	
	4	«Não um recluso exemplar, como os diretores e subdiretoras imaginam o recluso. Cada um tem os seus desvios, não é? (...)».	
	5	«(...) eu vejo-me... não posso dizer que sou um recluso exemplar, mas, tou no intermédio».	
	6	«Vejo-me como uma pessoa pacata, humorista, educado... e não provooco problemas».	
	7	«Vejo-me como um recluso normal, que não procura problemas nem em se meter neles».	
	8	«Uma pessoa normal. Porque sinto que tou a cumprir a minha pena, não fiz mal a ninguém».	
	9	«Uma pessoa sociável. Bem disposta, como sempre».	
	10	«Vejo-me uma pessoa normal que não devia de tar aqui».	
Estigma (Concepção do Outro enquanto recluso)	1	«Não tenho razões de queixa, gosto de todos eles. Também, nunca me fizeram mal (...)».	
	2	«(...) essas coisas todas (...) obrigam as cadeias a estarem cheias e (...) infelizmente criminosos e pessoas com instintos ruins de roubos, de assaltos (...) acho que é preciso mão pesada para isso... mas as cadeias também estão cheias de muita gente... os que não conseguiram fugir a tempo do país, que não emigraram... muita gente que teve de se pôr à chuva, digamos».	«(...) foque bem isso, deviam acabar com os ladrões. É a pior raça, a pior escumalha que qualquer país pode ter. A cobiça, cobiçar a coisa alheia, roubar... isso não é nada».
			«Depende dos seus olhos, mas (...) ainda bem que eu vejo mal».
	3	«(...) Alguns completamente diferente... mas cada um tem o seu estilo, acho eu. É mesmo assim».	
	4	«Vai depender das idades (...). E uma pessoa tem de saber lidar com elas todas. E uma pessoa quer queira ou não, todos os dias que sai da cela pra fora (...) vê essa pessoa. (...) E depois já vai depender de cada pessoa».	
	5	«Alguns são reclusos exemplares, mas há outros... não são assim muito exemplares...».	
	6	«Aquilo que mais procuramos fugir, está cá dentro. (...) se estão do lado direito, a gente passa para o lado esquerdo. (...) para mim é mais fácil conviver com pessoas que cometeram o mesmo tipo de crime, do que por exemplo, com um pedófilo. Aqui nem há socialização, repugna-me mesmo. A ideia de me puder sentar à mesma mesa que ele, repugna-me. (...) Como violação... não sei, não entra, não consigo, por muito que tente (...) Depois há os que se envolvem no mundo da droga... uma pessoa quer ter uma conversa e aquilo já tá tão queimado “ah é x de quilos, é x de milhares de euros (...)”. Este tipo de conversas, são conversas que	

			não me dizem nada. Não suscitam o diálogo. (...) quando a conversa vai dar ao que nos trouxe cá, é mais fácil virar-me para o outro lado e dar de <i>frosques</i> (...). «(...) em relação ao outros, claro que eu espero sair e quando sair (...) eles não estão na minha lista de prioridades. Nem de longe, nem de perto».	
		7	«Cada um vejo da sua maneira. Há uns que pronto, pra isto querem continuar, há outros que não».	
		8	«Os outros reclusos... Há pessoas boas, há pessoas más...».	
		9	«(...) há de tudo um pouco. Há pessoas que não interessam a ninguém. Há pessoas com quem podes trocar ideias. Há pessoas que nem dá para conversar. Há de tudo um pouco».	
		10	«Depende do recluso. Há reclusos e reclusos. Há pessoas que são melhores que outras».	
Aspetos da Prisão	Positivos	1	«Aspetos positivos é poder jogar às cartas, jogar à bola, ver filmes, ler, não sou de ler».	
		2	«Há coisas que eu acho que são mais produtivas. Em primeiro lugar a escola, quando temos a sorte de ter bons professores (...). É gratificante o aprender, a pensar, a inovar-se (...) é ótimo (...) deixa de ser seca, deixa de ser mais um dia passado. É uma coisa que (...) motiva, depois... faço futebol, corro todos os dias (...). Talvez a escola seja o mais positivo».	
		3	«(...) também há coisas boas. A escola, por exemplo. Um gajo já começa a aprender qualquer coisa. Há as amizades das pessoas (...). «É a escola»	
		4	«Positivos foi a questão de eu parar... da vida lá fora. Já muitos crimes (...) muita coisa que não queria ver e que vi. E, entrei aqui dentro e foi tipo... fazer uma pausa (...).».	
		5	«(...) Pronto agora temos estas oportunidades da escola, mas antes não havia nada disto...».	
		6	«Positivos existe, há sempre algo positivo, mas, por exemplo o fato da escola. Uma coisa que para mim pude realizar, que no meu tempo não foi. (...) E depois a interação com a médica, com os guardas que nos transportam (...) para o hospital, para uma consulta, ou exame, ou quando vou visitar as garotas».	
		7	«O que eu gosto mais, não lhe sei dizer assim...».	
		8	«Do lado positivo, para a minha pessoa, sinto que mudei. Vejo a vida noutra perspetiva, mais calmo».	
		9	«Um aspeto positivo é tar a estudar, coisa que eu nunca quis saber lá fora. Tirar o 9º ano. E... positivos... sei lá, é depois se calhar pensar em não querer voltar cá. Positivos isso aqui, na cadeia onde tou não oferece muitas coisas positivas (...).».	
		10	«Gosto de estudar, estou na escola. Estudo e o positivo daqui é tirar o exemplo pra nunca mais cá pôr os pés outra vez».	
		Negativos	1	«Negativos é a droga (...).».
	2		«Eu não gosto de nada. (...) isto é muito pequeno, é só um campozinho, um ringue, só cimento, não se vê árvores... não se vê nada. (...) Agora isto não é dizer mal da cadeia, a verdade é que eu não gosto nada disto... eu detesto isto (...).».	
	3		«(...) eu posso dizer quase tudo, quase tudo». «Coisas que eu mais gosto de fazer é treinar, aqui não tenho condições nenhuma. Um gajo tenta correr e	

			jogar à bola...».
		4	«(...) se tu quiseres mesmo sofrer na cadeia, não fazes nada, tás no teu canto, comesas a dar em maluco só de tares a pensar “o que é que eu vou fazer?” ou “o que é que eu fiz ou deixei de fazer?” (...)».
		5	«(...) Sentir falta, sinto falta de muita coisa. Tar mais tempo com a minha família, poder passar mais tempo com o meu filho. (...) Vê-lo a crescer mais. O que eu não gosto é os comeres, também não temos muita coisa para fazer. (...) Há falta de atividades».
		6	«Na minha cela não há confusão (...) é o sítio onde eu descanso (...) eu vejo sempre os outros <i>brruumbrumm</i> cela cheia, tudo ao monte e fé em Deus (...) porque as celas são pequenas, tem a cama, a mesa para comer, a sanita e o lavatório, mais nada».
		7	«(...) comida pronto... o que eu gosto (...) não servem».
		8	«Mas há muitos aspetos negativos, mas mesmo muitos, muitos. Penso que não há reinserção. Não existe. Não temos ocupações».
		9	«(...) não gosto da comida, não gosto da maneira como as coisas são tratadas (...). Se for preciso há 2 casos iguais mas um tem um direito e outro tem outro... Nem tudo o que eles trespassam lá para fora é verdade. Falam muito de reinserção social e eu aqui nunca vi o que é isso. Não conheço».
		10	«(...) De tar fechado, de tar preso. Acho que ninguém gosta».
Ensinamentos da experiência da Reclusão		1	«Aqui eu aprendi que temos que ser amigos do nosso amigo. E o que se passa na camarata ou em algum sítio não se falar a ninguém. Saber guardar segredos». «(...) tanto que aqui ensinou-me a não ser uma pessoa agressiva, já não sou agressivo, sou calmo».
		2	«Eu não tirei nenhum, isto é um castigo, quiseram me castigar. (...) a vida sem liberdade não faz sentido».
		3	«Aprendi (...) a escola, é onde tou a aprender mais. Aprendo também mais qualquer coisa com colegas, há coisas que a gente não sabe. Falo muito com os outros (...)».
		4	«(...) Isto é a escola do crime. Tu entras a saber uma coisa e saís a saber o triplo ou o quádruplo. (...) ensinamento é só a questão se tu quiseres aprendes o lado bom e aparece a escola, aparece um curso».
		5	«Mudei. Tipo eu na rua ia muito pela cabeça dos outros (...). (...) os nossos verdadeiros amigos são a nossa família. Antes eu tinha os meus amigos e tudo, desde que vim parar aqui, ninguém me veio ver, só a minha família (...)».
		6	«Há, há, o ensinamento de quanto mais longe disto melhor, Esse é o melhor ensinamento que eu daqui».
		7	«Fez-me dar valor a muita coisa. Como eu já disse... à comida, à minha família... evitar problemas, claro».
		8	«Eu no meu entender sinto que me tornei uma pessoa melhor se calhar que ao que era. Vejo a vida noutra perspectiva. Mas há muitos reclusos que no meu entender vão piores, muito piores. Aqui aprende-se tudo».
		9	«Opá, aprender, aprender, aqui não aprendes nada. (...) Eu conheço esta prisão e não temos o acompanhamento que devíamos ter. Como eles falam da tal reinserção social. (...) Tou é a desaprender (...). Isto é tipo uma paragem na minha vida. (...) Tá a andar para trás».
		10	«Aprendi a tentar a melhorar outra vez e a seguir uma vida normal outra vez, quando sair».
Posição face ao crime cometido (Possibilidade de		1	« (...) quero sair, não quero voltar a fazer o mesmo. Quero ver se consigo. (...) tentei fugir sempre do mal, mas parece que o mal tá sempre presente, puxa-me para aquilo».

Mudança da Trajetória de Vida)		<p>«É preciso força de vontade... E ter fé (...) já fui muito influenciável também. É complicado a gente tar sempre a tentar fazer o bem... parece que há sempre alguma coisa que desvia. (...) Lá fora eu não vou procurar as pessoas que não me procuraram aqui».</p>
	<p>2</p>	<p>«(...) possivelmente fui apanhado agora como poderia ter sido à muito mais tempo, quer dizer... Fui buscar haxixe, olha, haxixe para mim, para fumar de vez em quando, com os amigos, porque....eu sou como outro gajo qualquer, devo ter um problema qualquer, psicologicamente incurável».</p> <p>«(...) veja bem este juiz. Não sei quem é que estava ganzado, se era eu ou o juiz. Um miúdo que (...) sempre a trabalhar, é apanhado uma vez na vida, aos 56 anos e ele espeta-lhe com uma carrada de anos (...). Quem é que é o pai desse rapaz? Que valores é que ele teve? O que é que ele quer? Que ideologias é que o movem para ele fazer isto, para não ser uma pessoa... já nem digo benevolente... para não acreditar... porque é que a seguir acreditam nuns e não nos verdadeiros? (...) O que é que esta gente quer?»</p> <p>«Eu acho que não. (...) porque como lhe disse, tive fases e tive azares no meu trajeto (...) é evidente que eu devia mudar, isto não é nada tar aqui há 2 anos (...). Mas o problema é que nós somos animais de hábitos e vícios».</p>
	<p>3</p>	<p>«Eu não queria voltar para este mundo».</p> <p>«Mudava tudo. Se eu voltasse atrás, mudava tudo».</p>
	<p>4</p>	<p>«(...)Por um lado, se eu continuasse no mundo do crime pensava 2 vezes antes de o fazer. (...) Agora, uma pessoa tando cá dentro, a mentalidade muda. (...) já tenho aqui muita coisa e que me fez abrir os olhos».</p> <p>«Aquilo que eu me mentalizo e aquilo que eu quero todos os dias é sair lá pra fora e ser aquilo que eu todos os dias sou aqui. Basta eu acreditar».</p> <p>«Mudava. Porque não foi por falta de aviso. Mudava tudo».</p>
	<p>5</p>	<p>«Já fiz coisas más...».</p> <p>«Mudaria, mudaria».</p>
	<p>6</p>	<p>«Eu posso ter culpa mas a primeira acusação foi ela... foi momentâneo, naquele dia. (...) O que acabou por acontecer foi eu vir detido, eu ser preso e acabar com um casamento de 28 anos. Porque não há reconciliação possível. (...)».</p> <p>«Eu sei que fiz mal, dei uma chapada à minha mulher. Pimba, apanhei 2 anos, depois com a questão das garotas, apanhei outros 2, tinha uma pena suspensa que estava a terminar... é tudo violência doméstica, mas eu sei que fiz mal... O que é que eu hei-de fazer, agora nada. A minha mãe já diz que é castigo a mais... já é castigo a mais: “não mataste ninguém, não roubaste, não violaste, já é castigo a mais” (...)»</p> <p>«Se pudesse, não seria feito desta forma. Teria virado as costas. Não tinha havido discussão. Nem de perto, nem de longe. Eu nunca pensei vir preso».</p>

			«No meu caso concreto, eu não devia ter agredido, nem a mulher, nem as garotas, nem sequer discutido com o garoto. Deveria ter deixado passar ao lado, ter saído, ia dar uma volta, ter esquecido. No outro dia os ânimos estariam mais leves... a adrenalina também teria descido e a conversa teria sido diferente. Mas isso é agora. Isso é agora, porque na altura, uma pessoa nem sequer pensa».
		7	«Fez-me dar valor a muita coisa». «Mudaria».
		8	«O arrependimento mesmo, o arrependimento». «(...) sinto que mudei».
		9	«(...) pensava antes de agir. Pensava primeiro, não, primeiro agi, depois é que pensei». «Opá há coisas que a gente faz que se arrepende. Isso se calhar dá pra mudar. Há certos erros que cometi que se calhar não vou voltar a cometer. Mas não vou dizer que nunca mais, porque isso não posso dizer».
		10	«Nunca mais voltava a consumir drogas, nada do género».
Motivos de reincidência		3	«(...) a doença (...) da minha mãe levou-me muito a isto. Porque na altura eu não tava a trabalhar, só tava a minha mulher. (...) isso tudo, tentar arranjar dinheiro, medicamentos... tentar salvar a vida da minha mãe e mesmo assim... Tive de arriscar aquele caminho que eu sabia que era errado, mas eu sabia, mas tive que arriscar. Não tive hipótese».
		8	«Porque isto como foi 2 crimes num mês, depois cumpri uma pena... foi sempre o mesmo crime... consumos de droga... Vim cumprir pena suspensa, andou ali em recursos... e várias instâncias».
Programas de auxílio à Reinserção		1	«Tou na escola (...) é ótimo para mim. E é a oportunidade que me deram».
		2	«Eu estou na escola, mas não preciso de reinserção. (...) Eu já sei o que me espera quando sair daqui. Eu tenho família, eu tenho trabalho, toda a minha família trabalha, a minha filha, a minha mulher (...) tenho negócios (...) eu tenho bares, tenho restaurantes... Não sei, a reintegração só se for a nível social (...)».
		3	«A escola».
		4	«A escola. (...) não posso acusar drogas e tenho de finalizar a escola».
		5	«Sim, a escola. Às vezes chamam-nos para falarmos e isso, mas nada mais».
		6	«A escola... e pretendo continuar quando sair. Quero tirar línguas aplicadas a inglês... é uma língua que eu já adorava (...). O chinês, o mandarim também me interessa».
		7	«Não».
		8	«Andei no CAT».
		9	«Frequentei um curso de pintura e ando na escola agora».
		10	«Acho que ninguém está».
Perspetivas Futuras	Mercado de trabalho	1	«Sinceramente (...) não sei como é que a situação tá lá fora. Mas gostava de trabalhar em jardinagem ou em hotelaria (...) neste momento se saísse, era qualquer coisa que aparecesse».
		2	«O mundo do trabalho... eu não fiz mais nada senão trabalhar. (...) Eu não tenho problema nenhum com o trabalho».

		3	«Tá difícil. Incerto».	
		4	«Bem, sem nenhum problema».	
		5	«Um bocado difícil. Pronto na minha situação, como eu tenho o meu pai, ele vai-me ajudar. Mas vejo muitas pessoas aqui que vão para a rua e vai ser complicado arranjam emprego (...)».	
		6	«(...) não vou ter grande dificuldade. Devido às condições que tenho, tenho formações em diversas áreas, desde a construção civil (...). Depois a parte de canalizador, soldador, pintor... Eu estava a montar uma empresa de construção civil por minha conta, com o meu próprio nome. Cortar mato, cortar as ervas, pequenos retoques, arranjar uma chaminé, fornos antigos, tudo que é construção civil... (...). É um faz tudo (...). Tenho tudo para poder seguir em frente».	
		7	«Com alguma preguiça».	
		8	«Com expectativa. Porque sempre trabalhei desde os 9... não digo 9 mas no fim de terminar a escola primária sempre trabalhei. Comecei a ajudar o meu pai que tinha talhos, sempre fui habituado a tar num talho, nesse ambiente».	
		9	«Mas tenho receio se calhar de pessoas agora para arranjar trabalho. Se calhar pessoas que chegava a ir pedir lá trabalho e eles davam-me e se calhar agora vou lá e sabendo que eu vim daqui, se calhar vai ser diferente».	
		10	«Encaro bem, não há é muita oportunidade mas se procurarmos acho que achamos».	
		Readaptação	1	«Não sei, tento não pensar nisso porque (...) vou-me um bocado a baixo. Então deixo andar».
			2	«Claro».
3	«Absolutamente».			
4	«A minha família sim, agora amigos, não são amigos que uma pessoa tem. Uma pessoa tem conhecidos».			
5	«Sim».			
6	«(...) quanto à família tenho que de salientar que da parte do que diz respeito à minha família pessoal, de casamento, eu quero manter a distância. Não me interessa. (...) Agora da parte dos meus irmãos, da minha mãe, tá tudo bem (...)».			
7	«Sim, principalmente a família».			
8	«Sim».			
9	«Da parte da minha família sim. Amigos, se não me virem bem, não são meus amigos. (...) se eles forem meus amigos, eles não vão criticar. Bem há sempre um ou outro que em vez de me convidar como antes “vamos a minha casa jantar ou isso”, se calhar já vai deixar de acontecer... Se calhar já vai ser só amigo de “olá, boa tarde”. Isto muda muito a maneira das pessoas. Ainda infelizmente vivemos... as pessoas são um bocado preconceituosas».			
10	«Sim, claro».			
Motivações/Objetivos/Sonhos para a Vida Futura		1	«Principal é tar com o meu filho (...). Ter um trabalho, ver se mantenho o meu apartamento, depois logo se vê se vou com a namorada (...)».	
		2	«A primeira coisa que quero fazer... andar de mota no campo, depois ir ao espaço...».	
		3	«(...)Tentar trabalhar e ajudar a família. Não sei por onde começar sinceramente».	
		4	«Penso sair da cadeia, inscrever-me num ginásio, tirar a carta por sinal de segurança, aprender... e depois aí gerar a minha vida».	

		5	«Seguir o trabalho do meu pai. Poder continuar o negócio dele e tar com o meu filho e a minha família. Não voltar a fazer asneiras».
		6	«Quando sair vou publicar o meu livro, pelo menos um. (...) Sou o poeta da cadeia, tenho 400 e tal versos (...). Depois, quero ter o meu cantinho, tenho propriedades minhas. Vou tentar fazer uma barraca para mim, e depois ganhar dinheiro, aumentar um pouco, para que um dia possa trazer as garotas a passar um fim-de-semana para tarem ali e, pronto, ser um local meu».
		7	«(...) quando sair daqui, a primeira coisa que eu tenho de fazer é tirar a carta, para não ter mais problemas. Segundo, tenho de arranjar um trabalho. Pronto, começar a fazer a minha vida».
		8	«É ir trabalhar, acabar uma casa que era dos meus avós. Que é uma casa antiga e reconstruí-la».
		9	«Fazer uma vida como tinha. Uma vida estável, trabalhar, tar perto dos meus filhos... que é o que mais me custa neste momento é isso».
		10	«Os meus maiores sonhos são ter um negócio, criar uma família e viver normalmente como uma pessoa social».
Atitudes discriminatórias por parte da sociedade	De si mesmo	1	«Há sempre, há sempre . (...) Comentam sempre».
		2	«Ah vai haver de certeza, mas também se eu andasse lá fora, havia sempre discriminação. Porque és isto, ou porque tens umas sapatilhas, ou porque tas mal vestido (...)».
		3	«Não. Eu acho que não. Não acredito (...)». «Posso ser visto mal (...) mas não digo que é completamente (...).Pelo menos tenho a minha família, e dos meus amigos acho que não vou ser mal visto pelo fato de ser preso. Se calhar se eu vou atrás de um emprego (...) vou ser visto desta maneira (...)».
		4	«Claro que sim. (...) o que tu fazes aqui, daqui a um bocado já se sabe. E por exemplo, souberam que eu andei envolvido em consumos de droga, uma pessoa leva logo o rótulo de drogado. Agora, uma pessoa vai para a cadeia, é mais um rótulo e é sempre tudo a cair sempre em cima de uma pessoa. E mesmo com pessoas amigas ou conhecidas, vão sempre encarar com desprezo».
		5	«Algumas pessoas tipo aquelas pessoas mais... com mais idade. Eu agora fui de precária, fui a um café, viram-me, disseram-me “ah já voltaste?”, “vê lá se não fazes as mesmas coisas”. Têm aquele preconceito. Ficam mais com o pé atrás da pessoas. Julgar e isso».
		6	«(...) Uma pessoa também não leva um rótulo, mas tem duas hipóteses. Ou sai da área onde reside e vai para outra, ou emigra, lá para fora, e espera que isto passe a esquecido, ou então se vai para a área onde reside tem que se distanciar, e tentar passar despercebido (...) E há sempre a preocupação do reencontro. Como é que vou proceder? E a questão dos filhos (...)». «Eu diria que sim. Aliás, ali à volta da área de residência irá sempre, mas sempre, permanecer... como me conhecem. Eu não tenho intenção de trabalhar ali ao pé da porta (...)».
		7	«Não, não».
		8	«Senti isso. A primeira vez, depois dos 18 meses, quando saí senti isso. Porque eu (...) quando saí fui trabalhar para o Mini Preço e ao fim do mês fui despedido porque alguém foi lá dizer que eu tive detido. (...) passado uma semana consegui novamente emprego, fui despedido novamente por a mesma causa. Por ser

			detido, os consumos, isso tudo. (...) nunca desisti, lutei sempre pelos meus objetivos e passado uma semana consegui novamente emprego. Eram as normas da casa, por exemplo, foi no Pingo Doce, foi no Mini Preço, por causa do registo criminal, isso tudo... Eu aceitei, mas não desisti... A terceira vez, quando eu consegui novamente emprego, cheguei lá e disse “olhe, passa-se isto”, disse a verdade (...)».
		9	«Sim, se souberem, mas não vou andar com uma placa na testa a dizer “ex-recluso” né? Mas na verdade, tudo se sabe. Ainda para mais sou daqui, isto aqui não é muito grande. Conheço muita gente, se calhar quando for para a rua, se calhar pessoas que eu não imaginava vão me ver e “tão já saíste daqui”. Mas isso também não é uma coisa... não vivo daquilo que os outros pensam. O mais que me pode preocupar é a questão do trabalho».
		10	«Até pode haver, acho que sim, mas temos de seguir na mesma com a vida para a frente».
	Do Outro	1	«Não sei, porque há vários tipos de crimes. Tipo pedofilia, violação... violência doméstica...».
		2	«Eu alguns acho bem que a sociedade se proteja, ou seja, as pessoas têm que se proteger, ninguém gosta de coisas desagradáveis (...). Eu acho que não vai ver nada bem muitos reclusos, não se pode ver bem pessoas que violaram, que sequestraram, que roubaram velhinhos. Ninguém normal, no seu perfeito juízo pode ver essa pessoa bem (...). Digo-lhe já que nem eu».
		3	«(...) tanto outros reclusos como eu também».
		4	«(...) vai sempre depender do crime que cada um cometeu. (...) um violador, aqui por exemplo (...) aqui dentro são recriminados de uma maneira (...) se tamos aqui é porque somos todos iguais independentemente do crime que cometeste. Agora, quando sais lá fora e por exemplo, vais para a tua terra e... “eiii tu és violador”, “tu foste ladrão”, “tu foste traficante”, vai sempre depender do tipo de crime que fizeste. Acho que sim».
		5	«Vão olhar para eles de uma maneira diferente». «Como isto anda... acho que depende. (...) Eu acho que há diferenças. (...) Porque por falta de carta ou multas, acho que pensam de uma maneira, pelo menos a gente aqui. Agora por crimes como violência doméstica, pedofilia, isso a gente aqui também pensa doutra maneira...».
		6	«Haverá sempre (...) aquela pessoa que irá dizer sempre “olha o presidiário, olha isto, olha aquilo”. Mas, no entanto, nem sempre é com o ato de provocar (...). A gente temos de saber encarar a pessoa (...) pela forma como se está a dirigir, para sabermos se merece retorno ou não merece».
		7	«(...) então, da maneira que se calhar veem neste momento (...) Porque isso, o crime... é variável... eu penso que não...».
		8	«Olha sempre com discriminação. Como eu vivo (<i>nome da vila</i>) que é uma vila que não é muito grande, as pessoas questionam. Acabam sempre por saber se a pessoa se envolveu no tráfico ou se andou a conduzir sem carta... as pessoas sabem sempre...».
		9	«(...) isso não sei. Não posso responder. Cada um tem de fazer por si (...) há deles que vê-se a milhas de onde é que vieram. (...) o aspeto, a força de vontade de querer tar na rua se calhar não vai ser muita. (...) Já fazem parte da mobília. E não fazem nada para mudar aqui dentro, também não vai ser lá fora».
		10	«Isso depende das pessoas. Há pessoas que (...) sabem que se for um recluso já não confiam tanto na pessoa, não sei. Mas acho que tá errado, já pagamos pelo crime que cometemos. Até porque errar é humano».

